



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA, ARTES E CULTURA REGIONAL.**

**SANDRA MILENA PALOMINO ORTIZ**

**A ALTERIDADE COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO NA OBRA  
*O HOMEM DE BARLOVENTO*, DE BRUNO CLÁUDIO GARMATZ**

**Boa Vista, RR  
2016**

SANDRA MILENA PALOMINO ORTIZ

**A ALTERIDADE COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO NA OBRA  
O *HOMEM DE BARLOVENTO*, DE BRUNO CLÁUDIO GARMATZ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura, Artes e Cultura Regional.

Orientadora: Professora Doutora Maria Helena Valentim Duca Oyama

**Boa Vista, RR  
2016**

SANDRA MILENA PALOMINO ORTIZ

**A ALTERIDADE COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO NA OBRA  
O *HOMEM DE BARLOVENTO*, DE BRUNO CLÁUDIO GARMATZ**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. Área de Concentração: Literatura, Artes e Cultura Regional. Defendida em 31 de março de 2016 e aprovada pela seguinte banca examinadora:

---

Professora Doutora Maria Helena Valentim Duca Oyama  
Orientadora / Presidente da Banca / Professora do Mestrado – UFRR

---

Professora Doutora Eurídice Figueiredo  
Membro da Banca / Professora do Programa de Pós-graduação em Estudos de  
Literatura– UFF

---

Professor Doutora Adriana Helena Albano  
Membro da Banca / Professora do Mestrado – UFRR

---

Professor Doutor Reginaldo Gomes  
Suplente / Professor do Mestrado – UFRR

*Até que ponto deve-se absorver o estrangeiro a uma nova cultura, costumes e língua e conseqüentemente com isso, apagar as marcas das suas raízes, sua memória e sua própria cultura? (KRISTEVA, 1994, p. 36)*

*Dedico este trabalho a minha mãe Fanny Ortiz (in memoriam), fica meu agradecimento eterno pelo exemplo como mulher de luta e dedicação, qualidades que sempre levo comigo e que me dão força para continuar. A meu pai e meus irmãos, que embora distantes, seu amor e cuidado estão sempre bem próximos de mim. Obrigada de coração pelo seu amor.*

*Às minhas filhas Joana, Angélica e Eliane, obrigada pela paciência, pelo apoio incondicional nas horas da ausência. Amo vocês do fundo do meu coração.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus pelas bênçãos recebidas, por mais uma conquista na minha vida, por sempre iluminar meu caminho e cuidar das minhas filhas em todo momento.

A minha família pelo apoio incondicional, pelo suporte emocional, por entender minhas ausências, mais ainda, obrigada por entender a importância do mestrado para mim e acreditar que conseguiria mais um degrau na minha vida acadêmica. Saibam que moram no meu coração.

Ao escritor e jornalista Bruno Cláudio Garmatz, obrigada pela confiança depositada em mim desde o primeiro contato com a tradução do livro *Monte Roraima a morada de Makunaima (2013)* e a colaboração incondicional quando comentei a minha intenção de realizar a pesquisa sobre a obra *O Homem de Barlovento (2013)*, obrigada por acreditar que eu conseguiria e desejo de coração todo o sucesso do mundo na sua vida profissional.

Agradeço à Professora Doutora Maria Helena Valentim Duca Oyama, minha orientadora, pelos conselhos, pelas contribuições, por sempre ter acreditado em mim, obrigada pelas conversas, pelas esperas e desesperas, enfim, por entender minhas correrias do dia a dia durante esses dois anos do projeto de pesquisa.

À professora Dra. Eurídice Figueiredo que tão gentilmente aceitou o convite para compor a banca de defesa da minha dissertação.

À professora Dra. Adriana Albano pelas valiosas sugestões no Exame de Qualificação, as quais enriqueceram enormemente meu trabalho e por ter aceitado participar da minha banca;

Ao Professor Dr. Reginaldo Gomes por aceitar compor a banca de defesa desta dissertação como suplente.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras do qual me orgulho de fazer parte e muito obrigada a todos os professores do Mestrado em Letras da UFRR, grata pelas discussões em sala de aula, pelas conversas no corredor, pelos conselhos, pelo apoio e disponibilidade.

Ao Professor Roberto Mibielli, pelo descontraído das discussões em sala de aula, pelo conhecimento dos estudos culturais, pelo aprendizado que enriqueceu meu

trabalho. Obrigada pelos momentos em que sentei na cadeira como mestranda e orientanda para sair como Mestre e orientadora de TCC.

Agradecimento especial à professora Dra. Sonia da Silva Purceno de Andrade pelo aprendizado em sala de aula e meus votos pelo restabelecimento da sua saúde.

Aos meus colegas de turma, pelas discussões em sala de aula, pelas dúvidas e as certezas, em especial ao meu colega Ricardo Luiz de Souza pela amizade e companhia, amigo leal nas horas incertas. Amigo: Nós conseguimos!

Aos meus coordenadores e colegas do Instituto Federal de Educação (IFRR) *Campus Boa Vista* pelo ambiente de trabalho, pela parceria, pelos projetos, por acreditar em meu trabalho e entender minhas correrias.

A todos, meu muito obrigado de coração.

## RESUMO

O intuito desta pesquisa é analisar de que maneira se manifesta a alteridade, o desenraizamento e a identidade como elementos relevantes na obra *O homem de Barlovento*, do escritor gaúcho Bruno Cláudio Garmatz no contexto de Literatura de/em/para Roraima; destacando o contorno natural da região, sendo ilustradas na obra através dos diversos deslocamentos que sofre o personagem principal Mauricio e suas experiências com o *Outro*, “o estranho”. Para descobrir esses elementos, inicialmente forneço informações do autor, posteriormente faço uma contextualização da obra e finalmente, com apoio dos textos teóricos de Julia Kristeva (1994), Tzvetan Todorov (1999) e (2010), Deleuze e Guattari (1995), ilustro a posição do *Outro*. Para analisar a construção identitária desse deslocado, procuro apoio teórico em Stuart Hall (2003) e (2006) e Kathryn Woodward (2000) e ainda, García Canclini (2008) com o conceito de hibridismo. Com esta pesquisa espero contribuir com estudos sobre autores contemporâneos no Estado de Roraima e trazer a discussão de que aquilo que estranhamos ou que é diferente, o *Outro*, o que incomoda, começa quando surge a consciência da nossa diferença e termina quando reconhecemos em nós que todos somos estrangeiros: *o estrangeiro habita em nós* (KRISTEVA, 1994, p. 9).

**Palavras-Chave: Alteridade. Identidade. Desenraizamento.**

## RESUMEN

El propósito de esta investigación es analizar de qué manera se manifiesta la alteridad, el desarraigo y la identidad como elementos relevantes en la obra *O Homem de Barlovento*, del escritor gaúcho Bruno Claúdio Garmatz en el contexto de Literatura de/en/para Roraima; destacando el entorno natural de la región, siendo ilustradas en la obra a través de los diversos desplazamientos que sufre el personaje principal Mauricio y sus experiencias con el *Otro*, “el extraño”. Para descubrir estos elementos, inicialmente proporciono informaciones del autor, posteriormente hago una contextualización de la obra y finalmente, con apoyo de los textos teóricos de Julia Kristeva (1994), Tzvetan Todorov (1999) y (2010), Deleuze e Guattari (1995), se ilustra la posición del *Otro*. Para analizar la construcción identitaria de ese desplazado, busco apoyo teórico en Stuart Hall (2003) y (2006) y Kathryn Woodward (2000) y además, García Canclini (2008) con el concepto de hibridismo. Con esta investigación espero contribuir con estudios sobre autores contemporáneos en el Estado de Roraima y traer la discusión de que aquello que extrañamos, lo que es diferente, el *Otro*, lo que molesta, comienza cuando surge la consciencia de nuestra diferencia y termina cuando reconocemos en nosotros que todos somos extranjeros: *el extranjero vive en nosotros* (KRISTEVA, 1994, p. 9).

**Palabras-Clave:** Alteridad. Identidad. Desarraigo.

## ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze how does manifest otherness, rootlessness and identity as relevant elements in the work of *Homem de Barlovento* by the gaucho writer Bruno Claúdio Garmatz in the context of Literature for Roraima; highlighting the natural environment of the region, being illustrated in the work through the various shifts experienced by the main character Maurice and his experiences with the *Other*, "the stranger". To discover these elements, initially I provide information about the author, then I make a contextualization of the work and finally, with the support of theoretical texts by Julia Kristeva (1994), Tzvetan Todorov (1999) and (2010), Deleuze and Guattari (1995) the position of the other is illustrated. In order to analyze the identity structure of the displaced, I sought theoretical support in Stuart Hall (2003) and (2006) and Kathryn Woodward (2000) as well as García Canclini (2008) with the concept of hybridity. With this research I hope to contribute with studies of contemporary authors in the State of Roraima and bring about the discussion that what is strange to us, that which is different, the *other*, that annoys us, starts when a consciousness of our differences arises and ends when we recognize that we all are foreigners: the foreigner lives in us (Kristeva, 1994, p. 9).

**Keywords: Otherness. Identity. Rootlessness.**

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	12
2	<b>SOBRE O AUTOR BRUNO CLÁUDIO GARMATZ</b>	18
2.1	SOBRE O CONJUNTO DA SUA OBRA	18
2.1.1	<b>Conversando com Guillermo (2007)</b>	<b>19</b>
2.1.2	<b>Escolhas Erradas (2013a)</b>	20
2.1.3	<b>Monte Roraima: A morada de Makunaima (2013b)</b>	20
2.1.4	<b>O Homem de Barlovento (2013c)</b>	20
2.2	GÊNEROS TEXTUAIS	22
2.3	GÊNERO DIÁRIO	23
2.4	<b>Diário de Viagem</b>	23
2.4.1	<b>Diário Íntimo</b>	25
2.4.2	<b>Diário de Campo</b>	26
2.4.3	GÊNERO ENTREVISTA	32
2.5	AUTOFICÇÃO	34
2.6	MEMÓRIA	37
2.7	ROMANCE REGIONAL	41
3	<b>ALTERIDADES E A QUESTÃO DO <i>OUTRO</i> EM O HOMEM DE BARLOVENTO</b>	46
3.1	O ENCONTRO COM O <i>OUTRO</i> : O ESTRANHO SOU EU?	53
3.2	À PROCURA DAS RAÍZES: ENRAIZAMENTO E DESENRAIZAMENTO	57
3.3	MAURICIO COMO AGENTE RIZOMÁTICO E ARTURO COMO “O ESTRANHO”	60
3.3.1	<b>Mauricio como errante</b>	64
3.3.2	<b>Mauricio como nômade</b>	66
4.	<b>IDENTIDADE, HIBRIDIZAÇÃO E CULTURA EM O HOMEM DE BARLOVENTO</b>	72
4.1	CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MAURICIO	72
4.2	O HIBRIDISMO CULTURAL COMO RESULTADO DO ENCONTRO COM O <i>OUTRO</i>	76
4.3	CRUZANDO AS FRONTEIRAS EM O HOMEM DE BARLOVENTO	79
4.4	OS PERSONAGENS DO ENTRE-LUGAR	87
4.5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	93
	<b>REFERÊNCIAS</b>	95
	<b>APÊNDICE I</b>	99

## 1. INTRODUÇÃO

Eu, como muitos habitantes do Estado de Roraima, cheguei a estas terras do norte do Brasil sem pretender ficar, e já moro há 15 anos no solo roraimense, e ainda estou me acostumando com a língua e a cultura brasileiras. E esse “ainda” tem a ver com minhas raízes hispânicas; para ser mais precisa, tem a ver com minhas raízes colombianas, pois como Professora de Espanhol, não deixo de transmitir aos meus alunos toda a riqueza linguística e cultural dos países hispânicos, sem me preocupar muito por *assimilar* ou interiorizar a língua e a cultura brasileiras.

Muitas vezes peguei-me perguntado: A estranha sou Eu? Quem é o *Outro*? Quem é o estranho? Quem é o diferente? Quem é o que incomoda? Todas essas questões têm a ver com a *Alteridade*, tema que escolhi para fazer minha pesquisa para esta dissertação de mestrado. O tema da *Alteridade* traz jogos conceituais implícitos que são passíveis de serem analisados à luz dos teóricos dos Estudos Culturais que serão abordados ao longo desta dissertação. Quem já morou em outro país sabe do que estou falando: a pessoa é vista e tratada como estrangeira, aquele que tem sotaque, o diferente do nativo, aquele que “deve” absorver a língua e a cultura do país onde decidiu morar, pois é ele que “deve” apagar suas raízes para deixar de ser um *Outro*.

Assim, eu ficava me questionando do mesmo modo que a escritora búlgaro-francesa Julia Kristeva (1994), que, por alguma circunstância, decidiu morar em Paris, e para quem o desenraizamento foi involuntário: “até que ponto deve-se absorver o estrangeiro a uma nova cultura, costumes e língua e conseqüentemente com isso, apagar as marcas das suas raízes, sua memória e sua própria cultura?” (KRISTEVA, 1994, p. 36). Será possível duas culturas conviverem juntas? No meu caso, o tempo passou e ainda conservo minhas raízes; tanto em casa como em sala de aula, tento manter minha língua e cultura maternas, que se vê um pouco ameaçadas pela língua hegemônica, a língua portuguesa que, ao fazer parte do nosso dia a dia, permite de quando em quando algumas misturas que considero *hibridismos*.

No ano de 2012, conheci o escritor Bruno Cláudio Garmatz na UFRR; na ocasião, ele me propôs fazer a tradução para o inglês e o espanhol da obra *Monte*

*Roraima: A morada de Makunaima* (2013). É uma obra que traz muitas fotografias das belezas naturais do Estado de Roraima e parte da Venezuela.

Depois, fiquei sabendo que Garmatz era escritor, jornalista, fotógrafo e vive em Roraima há mais de 20 anos. Este escritor contemporâneo faz parte do contexto de Literatura de/em/para Roraima; a primeira, entendida como produção dos escritores que moram no Estado de Roraima; a segunda, como literatura *in loco* e a terceira, entendida como meta-recepção dessa literatura, ou seja, uma obra literária orientada para os roraimenses.

Garmatz lançou em Boa Vista, há nove anos, seu primeiro livro-reportagem intitulado *Conversando com Guillermo* (2007). Além do livro, que já foi mencionado, *Monte Roraima: A morada de Makunaima* (2013), outros livros também foram lançados em Boa Vista em 2013, *Escolhas Erradas* (2013), romance com temas atuais que refletem sobre amor, ambição e traição e *O Homem de Barlovento* (2013), obra objeto desta pesquisa, onde percebi que há elementos valiosos que se encaixam nos conceitos teóricos escolhidos para subsidiar a pesquisa em questão.

Interessante também apontar que este escritor gaúcho segue um caminho já trilhado por outros escritores sulistas que chegaram ao Estado de Roraima e foram ficando por aqui, como foi o caso da paranaense e jornalista Nenê Macaggi, (1913-2003) que chegou a ser presidente da Academia Roraimense de Letras, fundada em 09 de janeiro de 1989 (MAGALHÃES, 1986 p. 66).

Esta pesquisa partiu então da curiosidade de investigar a obra *O Homem de Barlovento*, onde se encontra a descrição de lugares e belezas naturais de Roraima e da região de fronteira. Uma peculiaridade do romance é o fato de estar escrito em forma de diário de viagem, com orientações para quem não conhece a região, com características identitárias de imigrantes de outros estados que, por alguma razão como eu, optaram por morar no Estado de Roraima.

O fato de constatar que não existiam estudos documentados sobre as obras de Garmatz foi decisivo para estudar essa obra e representou um grande desafio, além de desenvolver muitas satisfações na realização desta pesquisa. *O Homem de Barlovento* (2013) é uma obra que enriquece o acervo sobre literatura em Roraima, pois o autor descreve lugares específicos, estabelecimentos públicos e privados, ruas, praças, monumentos etc., de Roraima, Venezuela e Goiás, que levam o leitor

junto com o personagem principal Mauricio<sup>1</sup> Khaled Ramos para uma viagem além das fronteiras, percorrendo de uma maneira agradável, a saída da sua terra natal, Porangatú (Estado de Goiás), passando pelas belezas naturais do Estado de Roraima e da Gran Sabana (sul da Venezuela) até resolver um mistério na região de Barlovento, para finalmente se estabelecer no Estado de Roraima.

O acompanhamento da viagem inclui dicas e informações úteis que um viajante precisa, e que o autor faz questão de apresentar e sugerir como se fosse um diário de bordo; assim, utilizando-se do Mauricio, é narrada uma série de experiências em seus diferentes deslocamentos, que são passíveis de serem analisados e nos quais se depara com locais e personagens que são estranhos para ele. Tais situações são relatadas por Garmatz em uma linguagem simples e com descrição detalhada de lugares em Roraima e a Venezuela.

Ao longo da pesquisa será discutido quem é o *Outro* e para isso serão analisados conceitos como desenraizamento, estranheza e alteridade, proposto por Kristeva (1994) com o propósito de abordar essas questões e usando uma metodologia de pesquisa bibliográfica, desenvolvi esta pesquisa em três seções a seguir:

Na seção II, apresento a trajetória profissional do escritor e jornalista Bruno Cláudio Garmatz, incluindo o conjunto da sua obra lançada em sua totalidade em Boa Vista-RR. Também são analisadas as características da narrativa na obra *O Homem de Barlovento* (2013), entre elas o gênero diário e ainda, investigo outro gênero narrativo que se insere no romance dentro do gênero diário, que é a entrevista e conseqüentemente, trago para discussão a função da entrevista na obra. Analiso também, como esses gêneros, diário e entrevista, se apresentam na obra.

Posteriormente, trato do tema autoficção, e para tanto identifico elementos na obra que caracterizam estratégias narrativas ficcionais que podem recriar ou não, as experiências individuais do autor e/ou do personagem principal, Figueredo (2010). Para verificar a autoficção na obra, utilizo o recurso da entrevista (ver Apêndice I), para comprovar de que maneira se manifesta esse tema dentro da obra: quão próximos estão o autor Garmatz e o personagem Mauricio da ficção.

Assim mesmo, também considero o tema da memória coletiva conforme o

---

<sup>1</sup> Mantêm-se a grafia original do nome Mauricio, como aparece no livro, sem acento.

conceito de Halbwachs (2004) que aponta a memória coletiva como mais importante que a memória individual e desta forma, identifico elementos que ajudam à fixação das lembranças de Mauricio dentro da trama para descobrir o mistério do *Outro*.

Para terminar esta seção, faço um estudo do regionalismo em *O Homem de Barlovento* (2013), na visão de Afrânio Coutinho que, na sua obra *A literatura no Brasil* (2004), trabalha o conceito do Regional, além do sentido de localização.

Na seção III, trato da questão da *Alteridade* e da necessidade de reconhecer o *Outro*; para isso, busco apoio teórico em Tzvetan Todorov, que alerta sobre o processo de *assimilação* presente na obra *A conquista de América* (2010). Também identifico elementos de *Alteridade* e estranhamento tendo como base Julia Kristeva, que em seu livro *Estrangeiros para nós mesmos* (1994) considera que devem ser mantidas as raízes do estrangeiro e defende o direito do estrangeiro de ser diferente.

Assim mesmo, trato o tema do desenraizamento no sentido que Todorov, em sua obra *O homem desenraizado* (1999), atribui a este termo: como um indivíduo que, em virtude de sua experiência pessoal, não consegue mais se sentir ligado a uma determinada sociedade. No caso de Mauricio, analiso o desenraizamento considerando os diferentes deslocamentos que ele vive ao longo da narrativa.

Ainda nessa seção, surge a necessidade de fazer um estudo do que Gilles Deleuze e Felix Guattari em sua obra *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (1995) chamaram de “rizomas”, conceito emprestado da biologia para ilustrar que não é a hierarquia da árvore-raiz, mas a pluralidade do rizoma como um sistema aberto que permite a aceitação do *Outro*. Especificamente, são abordados os personagens Mauricio, como agente rizomático, e Arturo como “o estranho”; desta maneira, faço uma análise da situação de Mauricio em *O Homem de Barlovento* (2013) e a maneira como ele consegue estabelecer relações em outros territórios diferentes do seu lugar de origem.

Para complementar o aporte teórico, analiso o conceito de errância a partir do ponto de vista de Zilá Bernd (2012), e com o apoio do ensaísta martinicano franco-caribenho Edouard Glissant (1981) utilizo os conceitos de “Mesmo” e o “Diverso”, como complementação para a abordagem dos conceitos de rizoma e raiz única. Também é abordado o conceito de *nômade* de Deleuze e Guattari (1995), no sentido de alguém se expandir através dos rizomas, sair do “capacete identitário” e enxergar o *Outro*.

Na seção IV, o sentimento de estranheza tanto do personagem como do autor, chamou a minha atenção para levantar as características do *Outro*, do estranho, do estrangeiro, e surgiu a necessidade de analisar como se constrói a identidade deste personagem nesses novos espaços geográficos nos quais se desloca; para isso, conto com apoio teórico de Tomaz Tadeu da Silva (2000) e Kathryn Woodward (2000), com o conceito de identidade marcada pela diferença; e Stuart Hall (2006), com o conceito de identidade na pós-modernidade, caracterizando-a como um processo que está inevitavelmente em construção, impuro e híbrido.

De fato, percebi que havia uma relação direta do personagem com o sujeito contemporâneo postulado por Hall (2006), híbrido, fragmentado e multicultural. O sujeito que se desloca de um lado a outro como é ilustrado na obra; muitos imigrantes chegam a morar no Estado de Roraima porque passaram em um concurso público (como é o caso do personagem principal Mauricio) e paulatinamente se manifestam como sujeitos híbridos, incorporando e compartilhando traços culturais. Daí a importância de levantar as características do *Outro*, do estranho, do estrangeiro, e analisar como se rearticula a identidade deste personagem.

Trato também da identidade tanto nacional como cultural, tendo como base teórica Hall (2006), Figueiredo (2005) Silva (2000) e para analisar as reivindicações essencialistas e o uso de símbolos como manifestações da identidade procuro apoio teórico em Woodward (2000). Hall, na obra *Da Diáspora* (2003), faz questionamentos sobre a *crise de identidade*, que surge da hibridação cultural como característica da contemporaneidade onde o sujeito não mais se identifica com o que é preestabelecido socialmente como marca de sua identidade, senão que os sujeitos interagem com o mundo, e a partir de então constroem novos pontos de vista, novos modos de ver o mundo e o *Outro*, a sociedade (HALL, 2003, p. 13-21).

É importante também neste momento, levantar questionamentos e fazer uma abordagem teórica sobre as implicações de fenômenos como hibridismo em Canclini (2008), cultura e construção de identidade na pós-modernidade, que nos auxiliará na compreensão de como Mauricio aprendeu a conhecer e a respeitar a cultura do *Outro*, do estranho.

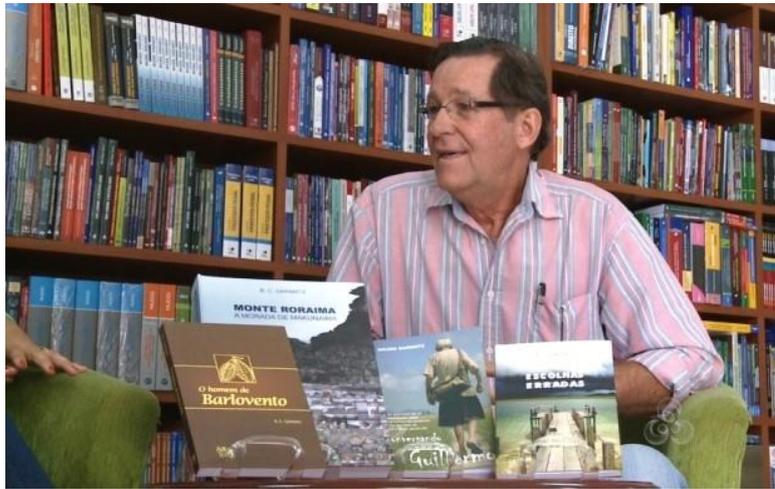
Para finalizar esta seção, considero o tema da diáspora, também abordado por Hall (2003) para ilustrar os deslocamentos de Mauricio e apontar novas

identidades em condições diaspóricas, o que origina o sujeito híbrido. Assim, ao se referir ao cruzamento de fronteiras, o deslocamento proporciona a discussão sobre o estereótipo, conceito que analiso a partir do capítulo III do livro *O local da cultura*, de Homi Bhabha (2010).

Também considerei interessante analisar o deslocamento de Mauricio à luz do conceito de “entre-lugar”, do brasileiro Silvano Santiago no ensaio *O entre-lugar do discurso latino-americano* (2000); para ele, a América Latina é o *entre-lugar*, um espaço híbrido de cultura mestiça que desconstrói os conceitos de *unidade* e *pureza*, constituindo um movimento de resistência do colonizado à imposição dos valores e costumes do colonizador europeu.

Com esta pesquisa, espero contribuir para a compreensão dos Estudos Culturais trazendo autores contemporâneos do estado de Roraima e promovendo a discussão sobre a aceitação de aquilo que estranhamos ou que é diferente, o nômade, o *Outro*, o que incomoda começa quando surge a consciência da nossa diferença, reconhecendo em nós que somos todos estrangeiros: *o estrangeiro habita em nós* (KRISTEVA, 1994, p. 9).

## 2 - SOBRE O AUTOR BRUNO CLÁUDIO GARMATZ, ¡HOLA!



Fonte: <http://redeglobo.globo.com/redeamazonica/tv-roraima/noticia/2014/04/roraima-tv-jornalista-bruno-garmatz-produz-livros-de-romance-e-ficcao.html>

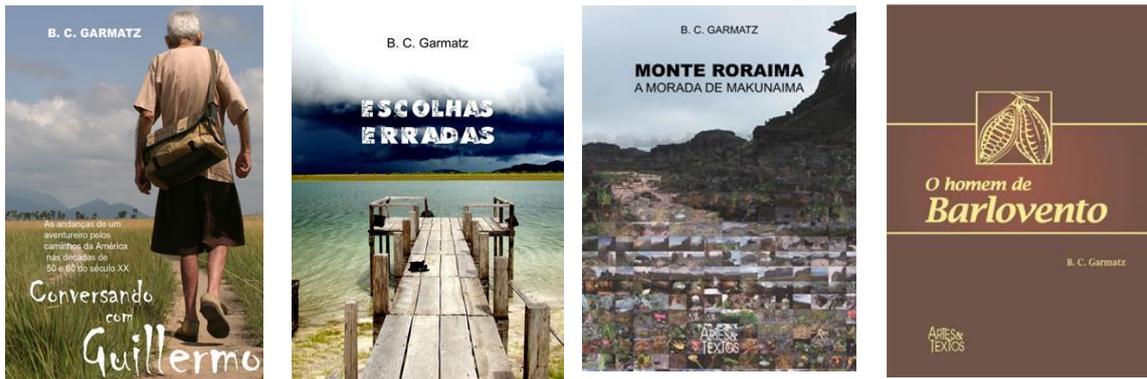
Bruno Cláudio Garmatz, gaúcho de Ibirubá, pequena cidade do norte de Rio Grande do Sul, nascido em 1953 e que mora em Boa Vista (RR) desde 1988. Já completa 28 anos vivendo no Estado de Roraima, que o adotou como filho desta terra, onde se formou em Comunicação Social, pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Como jornalista, periodicamente, Garmatz escreve artigos e crônicas para os jornais locais *Roraima Hoje* e *Folha de Boa Vista*. Nesse ofício de jornalista já contabiliza mais de cinquenta textos publicados.

Como fotógrafo, já realizou várias exposições em Boa Vista, bem como no Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul, conforme aparece na orelha da obra *O Homem de Barlovento* (2013).

### 2.1 SOBRE O CONJUNTO DA SUA OBRA

Este escritor que depois de muitas andanças veio parar em Roraima e por aqui acabou ficando, é apaixonado pela natureza exuberante deste pedaço da Amazônia brasileira e escreve combinando suas próprias experiências no contato com estas terras e deixa transparecer seu lado jornalístico e ficcional. Para conhecer mais da trajetória literária de Garmatz, apresento a seguir o conjunto da sua obra.



Fonte: [www.fecomerciorr.com.br/pesquisa\\_ebook.php](http://www.fecomerciorr.com.br/pesquisa_ebook.php)

Fazendo uma rápida pesquisa de suas outras obras e para não fugir do meu objeto de estudo, pude observar que em todas as suas obras, Garmatz tem a preocupação de informar ao leitor sobre os lugares que ele percorre dentro e fora do Brasil, fazendo uso da ficção. No caso específico de *O Homem de Barlovento* (2013), ele narra os detalhes que um viajante deve considerar quando se aventura a conhecer o extremo norte do Brasil, Boa Vista, a zona de fronteira com a Venezuela e várias cidades do país vizinho, que fazem parte da realidade em que vivem os habitantes do estado de Roraima.

### 2.1.1 Conversando com Guillermo (2007)

Em 2007, Garmatz lançou seu primeiro livro *Conversando com Guillermo* (2007). Conforme aparece no prólogo do livro, esta primeira obra é um livro-reportagem em que o autor reproduz uma extensa entrevista com o costarricense Guillermo Alfaro Garbanzo, um aventureiro que foi descoberto por Garmatz em um asilo para idosos, em Boa Vista. Nesta obra, o autor o acompanha por uma longa viagem pelas Américas e outras partes do mundo, registrando fatos e coletando personagens históricos que compõem um mosaico do que aconteceu nos últimos cinquenta anos.

Segundo a apresentação do livro, a obra é ilustrada com cem fotos, mapas e documentos, no qual narra as andanças de Guillermo, aventurando-se pelos caminhos das Américas ao longo de mais de 30 anos, do final da década de 1940 até o começo da década de 1970, quando chegou a Roraima para nunca mais sair.

### **2.1.2 Escolhas Erradas (2013a)**

Em junho de 2013, lançou o livro *Escolhas Erradas* (2013a), um romance com temas atuais que mistura amor, ambição e traição, ambientado nas regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil, na época da emancipação da região com o nascimento do Estado do Mato Grosso do Sul (GARMATZ, 2013a, orelha).

Segundo a orelha do livro *Escolhas Erradas* (GARMATZ, 2013a), os temas centrais da trama são a migração gaúcha, o surgimento das pequenas cidades em torno das fazendas de gado e de produção de grãos na fronteira com o Paraguai e a corrupção envolvendo empresários e políticos.

Conforme os comentários da orelha do livro, Garmatz dá claras pinceladas jornalísticas ao texto. Mostra principalmente como a ambição, quando descontrolada e alimentada pela ganância e a corrupção, pode levar à destruição do indivíduo e da sua família, destruindo todas as conquistas honestas, fruto de um trabalho árduo, pontilhado de sacrifícios e renúncias (GARMATZ, 2013a, orelha).

### **2.1.3 Monte Roraima: A morada de Makunaima (2013b)**

Em junho de 2013, Garmatz publicou também a obra *Monte Roraima: A morada de Makunaima*. Esta obra é trilingue, considerando que o autor tinha a intenção que o estrangeiro que adquirisse a obra pudesse entendê-la diretamente na sua língua. É um livro ilustrado com quatrocentas fotografias das belezas naturais da região e textos informativos em português, inglês e espanhol sobre a meseta de 2.734 metros, conhecida como o Monte Roraima, e no qual reúne aspectos pictóricos, geográficos e históricos da fronteira entre Brasil, Guiana e Venezuela, e ainda, as lendas e tradições cultivadas pelos índios nativos que vivem na região do seu entorno.

### **2.1.4 O Homem de Barlovento (2013c)**

No mesmo ano de 2013, no mês de junho, foi lançada a obra *O Homem de Barlovento*, objeto desta pesquisa. É um romance de ficção que se desenvolve em pelo menos três espaços diferentes: Goiás, Roraima e Venezuela. Nesta história de amor e mistério, percebi que havia elementos valiosos que se encaixavam nos conceitos teóricos escolhidos e que podiam subsidiar a pesquisa em questão.

O enredo de *O Homem de Barlovento* (2013) começa quando o personagem principal Mauricio Khaled Ramos lança o seu primeiro livro, que por acaso, ou intencionalmente, se intitula também *O Homem de Barlovento*. Mauricio é um jovem advogado do Estado de Goiás que, ao ser aprovado em um concurso público, passa a morar em Roraima para ocupar o cargo de Procurador do Ministério Público Federal.

Mauricio vive uma série de experiências em seus diferentes deslocamentos que são passíveis de serem analisados e nos quais se depara com locais e personagens que são estranhos para o personagem. Estas situações são relatadas em uma linguagem simples, e com descrição de lugares de Roraima e a fronteira com a Venezuela, lugares esses conhecidos pelos roraimenses e que podem ser identificados ao longo da obra.

Como início de pesquisa e pensando em leitores mais curiosos, considere interessante informar que Barlovento significa "de onde vem o vento", em contrapartida de *sotavento*, que significa "aonde vai o vento" (VENEZUELA TUYA, 2015).

Barlovento é um município do Estado Miranda, a leste de Caracas. Desde que finalizou a construção da estrada Guarenas-Caucagua, o acesso desde Caracas ficou muito mais fácil, o que gera um grande movimento turístico em temporadas.

Conforme o website *Venezuela Tuya* (2015), em Barlovento se encontram vários povoados que são procurados pelas praias e lindas paisagens, como *la ciudad balneario de Higuero*, *Carenero*, *Rio Chico* e *Tacarigua de La Laguna*.

É interessante também salientar que nesta região de Barlovento, ao final do século XVII, chegaram muitos imigrantes colonizadores espanhóis, que trouxeram africanos em condição de mão de obra escrava, os quais até hoje conformam o maior grupo populacional na região (RENA, 2015).

Salienta também esse website, que em quase todo Barlovento se realiza uma atividade artesanal muito importante: a elaboração de instrumentos musicais, ou seja, os diferentes tambores utilizados no baile, o que faz parte da identidade cultural desse estado venezuelano. Também é importante lembrar que na obra *O Homem de Barlovento* (2013) o narrador-personagem faz questão de contar essas curiosidades de Barlovento entre elas, a história do cacau, assim como também narrar fatos históricos desde a época da colonização da Venezuela.

É recorrente também a ampla descrição que faz dos percursos por onde transita Mauricio dentro e fora do Brasil, narrando detalhadamente os nomes de lugares, hotéis, ruas, avenidas e lugares turísticos à maneira de dicas de viagem para um suposto viajante-leitor.

## 2.2 GÊNEROS TEXTUAIS

O linguista e psicólogo belga Jean-Paul Bronckart (1999), afirma que os textos são produtos da atividade da linguagem e que estão sempre em movimento nas formações sociais, isto é, de acordo com seus objetivos, interesses, e questões específicas. Sendo assim, diferentes tipos de textos são elaborados com características relativamente estáveis (chamadas de gêneros de textos) e que “ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados, para os contemporâneos e para as gerações posteriores” (BRONCKART, 1999, p. 137).

Em outras palavras, a produção de um texto depende dos motivos, intenções, personagens, tipo de narrador, conteúdo temático a transmitir, etc. e para isso o autor se vale de um ou vários gêneros textuais para construir seu argumento narrativo; para Bronckart, “todo novo texto empírico, portanto, é necessariamente construído com base no modelo de um gênero, isto é, ele pertence a um gênero” (BRONCKART, 1999, p. 138).

A partir dessa ideia, Bronckart (1999) assinala que qualquer situação social na qual possamos atuar relaciona-se diretamente com o gênero produzido em tais situações. De fato, o indivíduo utiliza determinado gênero conforme determinada situação, ou aquele gênero que mais lhe convém, de acordo com o estilo narrativo do autor. No caso de Garmatz, em *O Homem de Barlovento* (2013), identifiquei dois tipos de gêneros: Diário e Entrevista.

## 2.3 GÊNERO DIÁRIO

A obra é organizada em forma de diário, no qual cada capítulo, ao invés de datas, é identificado com um título que vai levando o leitor a manter uma expectativa, pois, a sequência das ações convida o leitor a continuar a leitura para chegar ao final da história. Relaciono abaixo, os tipos de diários que podemos identificar e que se manifestam na obra *O Homem de Barlovento* (2013).

### 2.3.1 Diário de Viagem

Um primeiro tipo de diário seria o chamado Diário de viagem, um tipo aproximado àquele de Cristóvão Colombo que em 1492, já usava o diário de viagem para descrever detalhadamente os percursos e demais eventualidades que aconteceram durante a viagem da conquista da América. Conforme aparece nos *Diários da descoberta da América, as quatro viagens e o testamento de Cristóvão Colombo* (1492), o navegante genovês, tinha a intenção de compor um livro e traçar uma nova carta de navegação, localizando adequadamente os ventos e as terras conquistadas:

Também, Senhores Monarcas, além de descrever cada noite o que suceder durante o dia, e de dia o que navegar durante a noite, tenho a intenção de traçar nova carta de navegação, na qual colocarei todo o mar e terras do Mar Oceano em seus devidos lugares, sob os respectivos ventos, e ainda mais, de compor um livro e estabelecer toda a analogia em pintura, por latitude do equinócio e longitude do Ocidente; e sobretudo cumpre muito que esqueça o sono e me empenhe em navegar, porque assim é preciso, o que me dará grande trabalho (COLOMBO, 1492, p. 30)

É interessante ressaltar que na apresentação destes Diários, o próprio Colombo anuncia que esse Diário iria ser mais um dos vários relatos marítimos escritos em plena viagem, onde são descritos tanto detalhes técnicos, como situações pessoais da sua tripulação:

Segunda-feira, 6 de agosto. – Quebrou-se ou despregou-se o leme da caravela Pinta, que levava Martín Alonso Pinzón, o que se acreditou ou desconfiou ter sido obra de um certo Gomes Rascón e Cristóbal Quintero, a quem pertencia a caravela, porque lhe causava mágoa vê-la seguir nessa viagem; e diz o almirante que, antes da partida, haviam achado escondidos, à socapa, como se diz, os ditos cujos. Viu-se aí o Almirante presa de grande perturbação por não poder ajudar essa caravela sem expor-se a perigos e disse que lhe causava pena, pois sabia que Martín Alonso Pinzón era pessoa

esforçada e de grande habilidade. No fim percorreram, entre dia e noite, vinte e nove léguas (COLOMBO, 1492, p. 30).

Garmatz, qual um “descobridor” das terras venezuelanas, descreve detalhadamente em *O Homem de Barlovento* (2013) os diferentes lugares e situações pontuais que aconteceram durante a viagem, talvez com a finalidade de deixar um registro muito preciso da viagem e a preocupação que tem com o leitor (ou futuro viajante) de mantê-lo informado e assim, poder aproveitar as dicas do narrador-personagem:

Depois de passar por Cantaura, Anaco e pela capital de Anzoátegui, Barcelona chegaram à Puerto La Cruz por volta das duas horas da tarde. Foram seguindo pelas largas avenidas na direção ao oceano. Queriam, se possível, ficar num hotel em frente ao mar do Caribe. Acabaram conseguindo vagas em um hotel chamado Riviera, em frente ao Paseo Colón, um calçadão largo e arborizado, cheio de barzinhos e quiosques, que separava o mar da avenida (GARMATZ 2013, p. 67)

Como Diário de viagem, *O Homem de Barlovento* (2013) serve, ao mesmo tempo, de roteiro de viagem, pois o autor-personagem narra os percursos feitos por ele no Brasil e na Venezuela, informando ao leitor sobre fatos históricos, lugares turísticos visitados, nomes de ruas, praças, estradas e cidades; essas informações servem de ambientação nessa história de amor e mistério.

A narrativa de Garmatz pode ser comparada com o artigo de Lubrich (2010, p. 31), sobre o relato da viagem americanista de Alexandre Von Humboldt (*Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent*, 3 vols., 1814-1831), onde o autor analisa tal relato como uma mistura de discursos científicos, registro de dados científicos, escrita de diário e formas tradicionais de narrativa de viagem. Lubrich afirma ainda, que a poética de Humboldt sai do parâmetro convencional do relato de viagem e relaciona quatro aspectos a serem considerados dentro da análise:

1) o sujeito (viajante, autor, narrador, assinatura, pronomes pessoais, 2) o objeto (os países que o relato de viagem supostamente tematiza, suas várias e contraditórias formas de denominação e descrição no texto), 3) o destinatário (o leitor explícito como o leitor implícito e a comunidade interpretativa. E finalmente 4) o próprio texto (como um gênero literário, ou fenômeno discursivo, seu formato, sua polifonia, sua auto referência, sua autorreflexão (...)) (LUBRICH, 2010, p. 31).

Na obra de Garmatz podemos identificar 1) o sujeito: o autor-narrador-personagem chamado Mauricio, 2) o objeto: os lugares com descrição detalhada dos percursos que o personagem faz, 3) o destinatário: uma preocupação constante com o leitor para entender as informações históricas e considerações que um viajante deve ter quando passa por Boa Vista ou percorre a Venezuela, 4) o próprio texto: seu formato em forma de diário, organizado por temas é convidativo para o leitor, é polifônico porque são várias vozes falando com a mesma intensidade, dando importância a cada personagem secundário, sua auto referência e autorreflexão quando o autor permite que Mauricio reflita sobre suas ideias e decida ir em busca do estranho.

### 2.3.2 Diário Íntimo

A característica mais visível do diário íntimo é a data, todas as entradas são datadas, a pesar de *O Homem de Barlovento* (2013) não apresentar datas, mantém-se a expectativa no leitor através de títulos nos capítulos com épocas aproximadas seguindo o fio condutor da trama.

Patrini-Charlon (2010), citando Simone-Tenant, traz à tona a questão sobre a natureza do diário. Questiona se o diário é uma prática ordinária, um gênero literário, uma escrita privada ou uma atividade reconhecida. Pergunta se é possível olhar da mesma maneira o diário de *Anne Frank* e o diário de um antropólogo. Diante desses questionamentos Simone-Tenant faz a seguinte reflexão:

(...) O diário quer tenha ele objetivos profissionais ou não, será sempre íntimo – o seu lugar parece estar na inapreensível fronteira entre a literariedade e a infra-literariedade, e seu caráter equívoco e proteiforme é o fundamento de sua problemática (TENANT, 2001, p. 6 *apud* PATRINI-CHARLON 2010, p. 1).

Considerando essa citação, é interessante conhecer outros autores contemporâneos que se destacam por estudar diários íntimos, como *Philippe Lejeune*, pesquisador e estudioso das autobiografias de autores tais como: André Gide, Jean-Jacques Rousseau, Georges Perec, Michel Leiris. Lejeune publicou entre outros livros: *L'autobiographie en France* (1975), *Le pacte autobiographique* (1975), *Je est un autre* (1980), *Moi aussi* (1986), *“Cher cahier...”* (1989), *Le Journal de Lucile Desmoulins* (1995), *Pour L'autobiographie – Chroniques* (1998).

O texto de Patrini-Charlon (2010, p.1), também busca apoio teórico em

Philippe Lejeune (1989, p. 27) o qual ressalta que não existe um diário sobre o qual poderíamos dizer coisas simples, mas diários que sugerem respostas complexas e às vezes contraditórias. Em seu artigo “*Les usages du journal intime*”, publicado na revista *Sciences humaines* (2000, p. 30), o pesquisador citado procura enumerar algumas das razões que fazem com que um indivíduo tenha o seu diário íntimo (...) “C’est une habitude intime qu’on peut prendre à tout âge, à l’occasion d’une crise, d’un deuil, d’un vol”<sup>2</sup> (LEJEUNE, 2000, p. 30 *apud* PATRINI-CHARLON 2010, p. 1).

Ainda, outras razões que fazem com que o escritor opte por escrever um diário íntimo conforme Patrini-Charlon (2010) é o fato de o narrador abrir espaço, para um passado ou um futuro muito próximo, mas sem deixar escapar o fio condutor de sua narrativa no presente.

As condições da escrita diarista são as da narração simultânea ou mais frequentemente intercalada entre os momentos de ação, o qual se observa na obra *O Homem de Barlovento* (2013), pois seu narrador começa o livro contando sobre o lançamento do livro e depois sequencialmente conta as diferentes viagens que o levaram até chegar nesse acontecimento.

Patrini-Charlon (2010) também alerta para a subjetividade dos diários. Para ela, a escrita “eu” e o “outro” faz parte de uma escrita que escapa a qualquer definição de gênero, onde prevalece a subjetividade apesar de tantas vezes compartilhada, provisória, variável e instável. Assim, em *O Homem de Barlovento* (2013) há fragmentos, onde memória e repertório dialogam como pode acontecer em determinados momentos em que o autor se confunde com o narrador-personagem Mauricio ao longo da trama. Lejeune na sua obra, “*Cher cahier...*” (1989 *apud* Patrini-Charlon 2010), ou *Querido Diário*, na tradução livre, emprega a palavra *caderno* como sinônimo de diário, estes cadernos davam um suporte à escrita diarista e íntima.

### 2.3.3 Diário de Campo

Percebe-se também a característica do diário de campo em *O Homem de Barlovento* (2013), conforme Patrini-Charlon (2008, p. 4), os diários de campo ou de pesquisa diferem do diário íntimo por se constituírem antes de tudo um instrumento

---

<sup>2</sup> “Este é um hábito íntimo que pode ser tomado em qualquer idade, durante uma crise, um falecimento, um voo (...)” tradução livre.

de trabalho. Assim, também em ciências humanas, o diário pode ser um procedimento de trabalho que acompanha a pesquisa, pois ele fornece base documental e permite o controle da implicação na observação e na construção da teoria.

Patrini-Charlon (2008, p.11) afirma que no diário íntimo há um “eu” que se exprime mais frequentemente onipresente, e sobre o qual reflete ações, observações, pensamentos e sentimentos. No diário de campo, convive ao mesmo tempo um diário de etnógrafo (profissional) e também um diário pessoal:

No processo da pesquisa e registro dos dados obtidos no campo estão expostas também as implicações que ocorrem no confronto o “outro” e “si mesmo”. O ritmo da escritura dos diaristas de diários íntimos não é, necessariamente, regular, o essencial é que as inscrições datadas criem um tipo de cadeia no tempo. No entanto, a presença da data é uma distinção essencial e indispensável da escritura do diário íntimo e do diário de campo. O diário de campo exige um ritmo mais regular, até porque o pesquisador tem que elaborar suas notas num tempo determinado. (PATRINI-CHARLON, 2008, p.11).

As inscrições datadas, às quais se refere a citação anterior, podem ser identificadas na obra *O Homem de Barlovento* (2013), embora o autor não fale de datas específicas, como se faz em um diário de campo, ele narra os fatos acontecidos e por acontecer, na obra são narradas épocas aproximadas, como o mês do lançamento do livro, a época da viagem para Venezuela ou o casamento com a Luisa que são características de um diário íntimo.

*O Homem de Barlovento* (2013) é um texto em ação, que transfere o real sobre um suporte material e com isso, transforma o enunciado informativo de um momento em objeto de reflexão sempre renovado. Isso pode ser comprovado quando o autor faz questão de contar detalhadamente cada uma das viagens que o personagem principal Mauricio vai enfrentando, isso com a finalidade de informar ao leitor o que pode encontrar em cada percurso e deixar transparecer uma intenção de prevenir um futuro viajante.

A apresentação da obra *O Homem de Barlovento* (2013) em enunciados fragmentados se faz com o propósito de adotar o dispositivo do calendário; constituído por uma sucessão de “entradas”, cada uma designando um conjunto de linhas escritas numa mesma data, observável também no diário de campo, pois ajuda o leitor a manter um registro dos acontecimentos de cada viagem e suas particularidades.

Porém, há também registros da sua vida particular que são apresentados na sequência até o desenlace da sua vida amorosa com a Luisa, o qual é observável em um diário íntimo. Podemos concluir que *O Homem de Barlovento* (2013) situa-se na fronteira de diário de campo e de diário íntimo.

Os vários registros ou “entradas” em *O Homem de Barlovento* (2013) são apresentados em forma de diário e se divide em 18 capítulos ao longo da obra, cada um com um título que serve ao leitor como fio condutor da história; assim as datas são substituídas por nomes de capítulos que são utilizados por Garmatz para dar a sequência de informações ao leitor.

No primeiro capítulo, *O encontro*, Mauricio, lança seu primeiro livro, intitulado *O Homem de Barlovento*, na cidade de Porangatú (norte de Goiás), sua terra natal, quando conhece Luisa Martins<sup>3</sup>, a repórter do canal 22, que lhe pede uma entrevista. Dentre outras coisas, ele lhe conta como passou no concurso público para procurador do Ministério Público Federal e chegou a morar em Boa Vista-Roraima assumindo este cargo desde 2001. O personagem Mauricio também diz que levou quatro anos para escrever o livro e faz questão de registrar que não tem “nenhum esquema” de divulgação através de editora, só diretamente com o leitor.

O segundo capítulo, *Luisa*, diz respeito à repórter, logicamente. Há a descrição física da personagem acompanhada de elogios a sua beleza que culminam com a declaração de amor de Mauricio e a paixão dos dois no seu primeiro encontro.

O terceiro capítulo, *O começo de tudo*, Mauricio recebe a ligação de Ricardo, um amigo de infância, contando que está de férias e que ele, com sua esposa Telma, querem conhecer Boa Vista e aproveitar para ir à Venezuela e a Lethem. Desde o momento que os amigos de Mauricio chegam a Boa Vista, o autor-personagem, descreve os lugares que eles visitam, fazendo alusão às particularidades da cultura local da capital boa-vistense.

O capítulo quarto, *A viagem*, de acordo com a narração, tem-se o final do ano de 2001. Nessa parte do livro, o autor narra a viagem de Mauricio e seus amigos para a Venezuela.

Começa assim, uma descrição detalhada dos lugares turísticos de Boa Vista, e da viagem para Venezuela desde a saída de Boa Vista pela rodovia federal (BR

---

<sup>3</sup> Mantêm-se a grafia original do nome Luisa como aparece no livro, sem acento.

174) que leva à cidade de Pacaraima. Descreve também, a passagem pela Terra Indígena São Marcos, Santa Elena, *Gran Sabana* e demais cidades intermediárias até chegar a *Puerto La Cruz* (cidade portuária) ao norte da Venezuela, no Mar do Caribe.

O autor faz questão de descrever com riqueza de detalhes os lugares visitados, inclusive nomes de restaurantes, lojas e compras que eles fizeram. O fato de a viagem ser de carro ajuda o autor a fazer as recomendações para novos turistas, o que ele faz intencionalmente, utilizando todos os recursos que um viajante precisa quando visita a Gran Sabana. Assim, descreve particularidades como o preço da gasolina, etc.

No quinto capítulo, *Estranho encontro*, o narrador descreve o encontro com Arturo. Conta que quando Mauricio e seus amigos chegaram ao Salto Kamá-Meru, eles pernoitaram em uma pousada administrada pelos índios Pemóns, e à noite, Mauricio conhece Arturo Reyes Luján, que lhe conta a história do cacau e da região de Barlovento. Arturo também conta que ele era o dono de uma fábrica de chocolates chamada Chocolates Luján.

Nessa noite, eles fizeram amizade, e no dia seguinte, Mauricio sai à procura de Arturo, mas ninguém tinha visto tal pessoa na pousada. Arturo desaparece misteriosamente. Na volta para Boa Vista, pararam na Gran Sabana e o narrador descreve detalhadamente as belezas da natureza e a exuberância das cachoeiras dessa região.

No sexto capítulo, *A busca*, Mauricio começa a procurar maiores informações sobre Arturo, e aproveita o momento para narrar ao leitor dados históricos sobre a Venezuela, em uma citação muito longa que vai da fundação de Caracas em 1567, passando pela história dos governantes venezuelanos até o Presidente Hugo Chávez, que governou de 1999 até sua morte em 2013.

No sétimo capítulo, *A segunda viagem*, Mauricio decide viajar no mês de abril para Barlovento, em busca de Arturo. Quando chega a uma cidade chamada Rio Chico, próximo de Barlovento, encontra-se com um monumento em homenagem ao cacau. O leitor conhece, através de uma citação de mais de duas páginas, a história do cacau, inclusive desde a colonização do México, a cargo de Fernando Cortés, em 1519 “quando os índios ofereciam a seus deuses estranhos tabletes escuros” (GARMATZ, 2013c, p. 111-113); ele afirma que curiosamente, os espanhóis inicialmente não gostaram do cacau, mas quando perceberam que uma taça da

preciosa bebida permitia aos homens caminhar o dia inteiro sem necessidade de outros alimentos, foi suficiente para apreciar o chocolate. A citação termina com dados estatísticos em nível mundial sobre produção de chocolate.

Mauricio, em sua busca por Arturo, foi orientado a procurar um morador dessa cidade chamado Hermenegildo. Ao perguntar por Arturo, foi informado que ele havia morrido em 1982, vítima de uma enchente que destruíra a fábrica de chocolates, juntamente com sua casa, seus dois filhos e sua esposa. Hermenegildo a partir das descrições físicas de Arturo sugeriu a Mauricio confirmar a sua morte na lápide da família, no cemitério. Neste mesmo capítulo, Mauricio constata que naquela noite, havia falado com “um morto”. É descrita a cidade, os canais, as lagoas e um lugar chamado Higuero. Por fim, Mauricio decide visitar Esteban Reyes Luján, o irmão de Arturo, ao ser informado de que ele morava em Caracas.

No oitavo capítulo, *A procura*, o narrador faz uma descrição de Caracas e começa a procura por Esteban. Quando chega ao endereço indicado, ele já havia mudado de casa e foi procurá-lo em uma cidade do Estado de Aragua, chamada *Colonia Tovar*, que o narrador descreve a partir da beleza e da arquitetura, compara-a com Gramado, no Rio Grande do Sul.

Assim que encontrou Esteban, ele falou da tragédia acontecida e da dor da perda do irmão, mas assinalou que não tinha explicação do que era esse fenômeno que chamou de sobrenatural ou paranormal. Depois disso, Mauricio decidiu ir ao Jornal local para procurar informações sobre a tragédia e guardou uma cópia do artigo publicado. Aproveitando que estava na Venezuela, optou por visitar Chuao, a *terra que produz o melhor cacau do mundo, segundo os venezuelanos* (GARMATZ, 2013c, p. 151).

No nono capítulo, *Atrás de mais informações*, Mauricio continua à procura de informações e percorre a pequena cidade, descrevendo-a. Ele decide conhecer as ilhas vizinhas e narra toda a travessia, com detalhes das viagens, lugares, cidades pequenas, embarcação etc.

No décimo capítulo, *Voltando para casa*, Mauricio viaja a *Maracai* e a *San Juan de los Morros*, conhecida pelas piscinas de águas termais. Dali em diante pega a estrada, descrevendo as cidades pelas quais passou.

Ao chegar a Boa Vista, Mauricio se lembra de que Esteban lhe havia falado de um centro espírita. Quando ele acha um no Bairro São Francisco em Boa Vista, Mauricio procura alguém que tente explicar o fenômeno acontecido, que é o fato de

ter falado com “um morto”. A pessoa do centro espírita diz que ele tem faculdades mediúnicas e que por isso é sensível aos contatos com outros seres, e o convida para frequentar o centro.

No décimo-primeiro capítulo, *A pesquisa*, o narrador avança dois anos no tempo quando Mauricio conclui o livro e viaja para Porangatu para o respectivo lançamento. Mauricio mostra o livro ao pai, a quem o dedica e que por acaso leva o título de *O Homem de Barlovento*.

No décimo-segundo capítulo, *O lançamento*, Mauricio lança o livro em Porangatu, Goiânia e por fim, em Boa Vista. No recesso de fim de ano, Mauricio retorna para Goiânia onde se reencontra com Luisa e no dia seguinte, ambos visitam a família dela. Mauricio tinha planejado passar a noite de Natal com a família dele e levar Luisa para apresentá-la a todos. No dia 23 de dezembro, saíram para Porangatu para visitar os pais de Mauricio, e mais uma vez, o narrador descreve o percurso da BR 153 até Porangatu. Na noite de Natal, Mauricio pede Luisa em casamento.

No dia 28 de dezembro, eles voltam para Goiânia para passar o Ano Novo, com os pais da Luísa, depois de contar a novidade, marcam o noivado para a Páscoa e Mauricio deve voltar para Boa Vista.

No décimo-terceiro capítulo, *O noivado*, Mauricio viaja para Goiânia, onde compra as alianças e oficializa o noivado na casa de Luisa; depois Mauricio embarca de volta para Boa Vista. No décimo-quarto capítulo, *Conhecendo Boa Vista*, por fim, Luisa conhece Boa Vista sob a orientação de Mauricio, que narra detalhadamente os monumentos, pontos turísticos e nomes de ruas para informar ao leitor sobre a cidade.

No décimo-quinto capítulo, *O casamento*, Mauricio dá um presente para Luísa que é um envelope com duas passagens para Los Roques, um conjunto de ilhas no Caribe venezuelano; e no décimo-sexto capítulo, *A lua de mel*, os recém-casados viajam de carro rumo a estas ilhas que são descritas detalhadamente; há dicas inclusive de como lidar com a guarda militar venezuelana que controla o tráfego de veículos em todo o país. Depois eles vão para Colônia Tovar, onde encontram Esteban, o irmão de Arturo, e em seguida, a cidade montanhosa de Mérida.

No décimo-sétimo capítulo, *A surpresa*, Luisa apresenta sinais de gravidez e o casal vai comemorar o acontecimento antes de dar a notícia aos familiares.

No décimo-oitavo capítulo, *A gravidez*, Luisa já está no oitavo mês de gravidez, e seus pais viajaram para Boa Vista. Mauricio faz questão de homenagear Arturo, ao escolher este nome para seu primeiro filho. O livro finaliza com uma reflexão de Mauricio sobre as mudanças na sua vida desde que conheceu *O Homem de Barlovento*.

## 2.4 GÊNERO ENTREVISTA

*O Homem de Barlovento* (2013) também tem características do gênero entrevista. Há uma “entrevista oral” transcrita que passa a ser “entrevista impressa” com perguntas e respostas onde não há supressão seletiva. Apesar de os personagens serem fictícios, se pode observar que os turnos são mantidos, ainda, os fatos de os nomes dos personagens não aparecem grafados entre aspas e a entrevista aparecer logo no primeiro capítulo, fornece informações valiosas ao leitor sobre a vida de Mauricio.

Marcuschi (2010), no seu livro *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*, trabalha o tratamento dos turnos para o caso da retextualização de conversações; o autor afirma que as entrevistas, realizadas por jornalistas, passam por uma total eliminação dos turnos quando se apresenta o conteúdo na forma de um artigo: Neste caso, tudo o que vier transposto na forma de citação de fala (...) aparece entre aspas, predominando a estratégia da supressão seletiva (na linha de resumo) (MARCUSCHI, 2010, p. 88).

Como já foi citado em Bronckart (1999), o autor escolhe determinado gênero conforme a situação social que mais lhe convém, no caso de Garmatz, talvez pelo ofício de jornalista na vida real dele, ele tenha escolhido o gênero entrevista como estilo narrativo para introduzir o leitor na trama sem precisar contar esses fatos como em um romance tradicional.

Pinto (2007, p.188) citando Hoffnagel (2005, p. 181), menciona itens gerais comuns no gênero entrevista, que podem ser aplicados a *O Homem de Barlovento* (2013), a saber:

1) Sua estrutura será sempre caracterizada por perguntas e respostas, envolvendo pelo menos dois indivíduos – o entrevistador e o entrevistado:

Luísa a jornalista e Mauricio o entrevistado.

2) O papel desempenhado pelo entrevistador caracteriza-se por abrir e fechar a entrevista, fazer perguntas, suscitar a palavra ao outro, incitar a transmissão de informações, introduzir novos assuntos, orientar e reorientar a interação:

Depois de Luisa perguntar a razão pela qual Mauricio lança o livro em Porangatu, uma cidade pequena, ou outra cidade maior, na pergunta seguinte, ela provoca Mauricio com uma colocação que, por sua vez, é uma pergunta, para localizar o leitor sobre seu cargo e confirmar que ele atualmente mora em Boa Vista:

\_\_\_ Mas pelo que eu li na entrevista sua a um jornal local, atualmente você mora em Boa Vista, no estado de Roraima, onde atua como procurador do Ministério Público Federal (GARMATZ, 2013c, p. 11)

3) Já o entrevistado responde e fornece as informações pedidas:

As informações na realidade são para o leitor, que nesse primeiro contato com a trama, fica sabendo através da entrevista, que Mauricio passou em um concurso público e por isso decidiu morar em Boa Vista,

\_\_\_ E como você foi parar em Boa Vista, tão longe daqui?  
 \_\_\_ Depois de me formar em Direito, em Goiânia, e após prestar o exame da OAB, trabalhei por mais de dois anos na cidade, num conceituado escritório de advocacia. Em 2000, fiquei sabendo, através da internet, que fora aberto concurso público para procurador do Ministério Público Federal em Roraima. Inscrevi-me, fiz a prova e acabei passando. Assumi no começo de 2001. Isso foi há quase cinco anos (GARMATZ 2013, p. 12)

4) Gênero primordialmente oral, podendo ser transcrito para ser publicado em revistas, jornais, *sites* da Internet:

Conforme aparece em Marcuschi (2008), "(...) hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias" (MARCUSCHI 2008, p. 147). Considerando esse conceito, a entrevista em *O Homem de Barlovento* (2013), é um gênero dentro do gênero diário, é um gênero oral entre os personagens Luisa e Mauricio, a qual foi transcrita usando como *suporte convencional*<sup>4</sup> o primeiro capítulo do livro, para informar o leitor sobre as características do personagem principal e da obra, como podemos constatar no trecho seguinte, quando Luisa insiste em conseguir mais informações da obra (para o leitor) através da entrevista, deixando assim a expectativa no leitor sobre o conteúdo da obra:

<sup>4</sup> Sobre a discussão de suporte convencional e suporte genérico, leia-se Marcuschi (2008, pp. 176-178).

— Então podemos dizer que é uma história verdadeira?

— Se quem estiver lendo entender como tal, é. Mas se por outro lado acharem que é ficção, que é tudo invenção da minha cabeça, a interpretação fica a critério de cada leitor (GARMATZ, 2013c, p. 12).

Considerando que a minha pesquisa é sobre um autor vivo, contemporâneo, do Estado de Roraima, aproveitei para fazer uma entrevista (ver Apêndice I), na qual misturei perguntas de informação geral com as mesmas perguntas que a repórter Luisa fez para o personagem principal Mauricio, usando esse gênero para comprovar se *O Homem de Barlovento* (2013) é uma obra autoficcional, o qual será verificado no tópico seguinte.

## 2.5 AUTOFICÇÃO

O gênero *autoficção* foi proposto pelo escritor francês Serge Doubrovsky (1977) como resposta ao desafio que Philippe Leujene lança em seu livro *Le pacte autobiographique* (1973), questionando-se se é possível haver um romance com o mesmo nome do autor. Então Doubrovsky decide escrever um romance sobre si próprio, intitulado *Fils* (1977), e conforme aparece em (FIGUEIREDO, 2010, p. 92), depois de várias confusões com o neologismo, o criador do termo deixa claro que para uma obra ser *autoficção*, é preciso que seja um romance e não uma obra histórica em que os nomes do autor, narrador e personagem sejam idênticos, e ainda define-a como:

Autobiografia? Não, isto é um privilégio reservado aos importantes deste mundo, no crepúsculo de suas vidas, e em belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, fios de palavras, aliterações, assonâncias, dissonâncias, escrita de antes ou de depois da literatura, concreta, como se diz em música. Ou ainda: autofricção, pacientemente onanista, que espera agora compartilhar seu prazer (DOUBROVSKY, 1977, p. 10 *apud* FIGUEIREDO, 2010, p. 92)

Doubrovsky concebe a autoficção como versão pós-moderna da autobiografia; ele escreve o romance *Fils* (1977) cuja trama se sustenta a partir de dados autobiográficos, mas seu texto se caracteriza por estratégias narrativas ficcionais; ele reinventa e recria as experiências individuais do autor, pois não

acredita na possibilidade de relatar com exatidão as memórias de alguém.

Nesse sentido, Doubrovsky acredita na subjetividade do escritor, como ele concebe, percebe e sente a realidade, ele afirma que nenhuma escrita autobiográfica pode ser o retrato fiel do vivido, pois “a vida é vivida no corpo; o outro é um texto” (DOUBROVSKY, 2007 *apud* SILVA, 2012 p.3).

Outro pesquisador francês que é analisado no texto de (SILVA, 2012 p.5) é Vincent Colona que escreveu o livro *Autofictions et autres mythomanies littéraires* (2004), o autor francês cria uma tipologia de autoficções classificando-as em quatro grupos diferentes: O primeiro tipo é a *Autoficção fantástica*, na qual não há verossimilhança senão imaginação criativa, o autor é o protagonista da trama, mas em um contexto fantasiado. O segundo tipo é a *Autoficção biográfica*, no qual há uma preocupação do autor na fidelidade dos fatos excluindo qualquer tipo de fabulação. Já o terceiro tipo é a *Autoficção especular*, no qual o autor não é mais o protagonista, ele fica observando, sente e interpreta, olhando como através de um espelho e assim vai construindo o seu texto autoficcional. O quarto e último tipo é a *Autoficção intrusiva ou autorial*, na qual o narrador utiliza um narrador-personagem para comentar o que acontece na história, e o autor termina sendo uma voz paralela que intervém através de comentários, exposições detalhadas, etc.

Na obra *O Homem de Barlovento* (2013), podemos identificar uma mistura entre *Autoficção fantástica* e *Autoficção intrusiva ou autorial*, pois apesar de o protagonista não levar o mesmo nome do autor Bruno Cláudio Garmatz, há vários indícios que podemos destacar ao longo da história que nos indicam que é uma obra de autoficção; para isso, me propus a verificar a autoficção dentro da obra *O Homem de Barlovento* (2013), através da elaboração de um questionário com quase todas as perguntas que Luisa fez para Mauricio, a fim de verificar se há semelhança nas informações na vida ficcional do personagem Mauricio e na vida real do autor Bruno Cláudio Garmatz (ver Apêndice I), cujo resultado foi o seguinte:

Com relação à pergunta por que lançou o livro em Porangatú uma cidade pequena, o personagem responde “é porque sou nascido e criado aqui (...) outro motivo é que minha família (...) ainda mora aqui (...) essa foi uma maneira de homenagear minha cidade natal, minhas raízes” (GARMATZ, 2013c, p.11).

Quando perguntei a Garmatz por que lançou o livro em Boa Vista, ele respondeu: “Porque vivo e moro aqui, é a casa da gente, tem que lançar os livros aqui (...)”. Percebe-se o sentimento de pertença de ambos, o apego à cidade,

Garmatz apesar de não ter nascido em Boa Vista, tem laços sentimentais que o ancoram às terras de Makunaima.

Ambos são nascidos fora do Estado de Roraima e chegam mas moram em Boa Vista: Bruno Garmatz, gaúcho, veio a Boa Vista a convite de um amigo, e Maurício, de Porangatú, interior de Goiás, veio por causa do concurso público.

Sobre a pergunta da inspiração para escrever o livro, Garmatz responde que foi através da leitura de um livro intitulado “Mi querida Venezuela”, já o personagem Mauricio responde que gostava de escrever quando estava na escola, mas também diz que sempre gostou muito de ler: “o meu trabalho já me obriga a fazer isso (...), creio que quem escreve, obrigatoriamente tem que gostar de ler” (GARMATZ 2013c, p.12).

Ambos têm também outra profissão, além de escritor, Garmatz é jornalista e Mauricio é advogado. O personagem Mauricio responde que o livro trata de certa maneira de uma experiência pessoal, como aparece no trecho abaixo, onde o personagem desconversa sobre o conteúdo do livro e deixa a expectativa para o leitor descobrir se a obra é ou não uma autobiografia:

\_\_ Você falou em experiência... Quer dizer que o livro conta uma experiência pessoal sua?

\_\_ É, de certa maneira, sim. Mas não me peça para contar a história, senão perde a graça. Prefiro que as pessoas leiam o livro (GARMATZ 2013c, p. 13)

Garmatz responde à mesma pergunta afirmando que a história não relata uma experiência pessoal, diz que é só ficção; entretanto, vê-se que eles percorreram os mesmos caminhos e estradas de Boa Vista e da Venezuela. Logo, pode-se constatar na entrevista do Apêndice I desta dissertação: “Não é uma experiência pessoal (...) têm alguns passagens do livro (...) alguns lugares que conheço como La Gran Sabana, Puerto La Cruz, Mérida (...)” (APÊNDICE 1).

Os dois são escritores, tanto Garmatz na vida real, como o personagem Mauricio na ficção, estão lançando um livro intitulado igual: *O Homem de Barlovento*.

Ainda se percebe que a distribuição do livro no romance é feita da mesma maneira que a do livro de Garmatz, diretamente, sem divulgação através de editora; quando perguntado pela Luisa sobre a cidade onde foi impresso o livro, ele responde:

Numa gráfica e editora de Goiânia. Eu fiz a impressão lá, já pensando em começar a divulgação por aqui. Estou aproveitando as férias do meu trabalho para fazer a divulgação em algumas cidades. Se me permite, gostaria de explicar uma coisa. Não tem nenhum esquema de divulgação através de editora. Faço tudo por minha conta e risco. Mas pretendo, mais adiante, mandar um exemplar a uma ou duas grandes editoras, para apreciação delas. Se gostarem e se tiverem interesse em publicar... Mas, por enquanto, quero divulgar só aqui em Porangatu e em Goiânia. Daqui a alguns dias em Boa Vista e talvez, quem sabe, em Manaus também (GARMATZ, 2013c, p. 13)

Na entrevista do Apêndice I, Garmatz a essa mesma pergunta, responde: “não tenho nenhum esquema de editora, me considero escritor independente”, o autor utiliza quase as mesmas palavras que usa o personagem na citação anterior. Essas semelhanças do escritor Garmatz e o personagem Mauricio caracterizam a obra como autoficcional, ou melhor, conforme a classificação de (COLONA, 2004, *apud* SILVA, 2012 p. 5), *O Homem de Barlovento* (2013) pode então se classificar como *Autoficção fantástica*, na medida em que apesar de utilizar dados históricos, nomes de ruas e sítios turísticos que existem realmente, o contexto é fantasioso quando a trama gira arredor de um mistério depois de uma conversa informal com uma pessoa “morta”.

Por outro lado, a obra pode ser classificada também como *Autoficção intrusiva ou autorial*, pois o narrador-personagem Mauricio comenta o que acontece na história, mas também o autor Garmatz termina sendo uma voz paralela que em todo momento está intervindo através de comentários, exposições detalhadas, etc.; em especial de fatos históricos ou guiando ao leitor através de informações e detalhes dos percursos turísticos que o personagem realiza.

## 2.6 MEMÓRIA

*O Homem de Barlovento* (2013) está escrito em forma de diário, só que começa no meio da história, quando Mauricio, o personagem principal, está junto com a Luisa no lançamento do seu livro intitulado também *O Homem de Barlovento*. Isso obriga o leitor a manter a atenção sobre o enredo do romance, pois o narrador-personagem não adverte o leitor que ele vai retornar à história completa. Isso remete à importância de conhecer a distinção entre a “memória histórica” e a “memória coletiva”, conforme o expressa o filósofo e cientista Maurice Halbwachs

(2004), que em seu livro póstumo define estes dois tipos de memória como:

(...) a *memória histórica* supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado; e a *memória coletiva*, aquela que recompõe magicamente o passado (HALBWACHS, 2004, p. 15).

Segundo Halbwachs, com frequência, considera-se a memória como uma faculdade individual, isolada dos outros, que consegue reproduzir o passado com seus próprios recursos, acredita-se que as pessoas lembram por si mesmas, quer por vontade, quer por oportunidade, os estados pelos quais ela passou antes.

A importância da memória coletiva está na fixação das lembranças, mas não se sabe ao certo a sua procedência. Muitas vezes se exprimem reflexões de um jornal, um livro ou uma conversa e se tem a convicção de que é totalmente pessoal. Muitos oradores utilizam isso para estimular seus ouvintes a pensar que os sentimentos e convicções que ele desperta neles, nasceram neles mesmos.

A memória coletiva, segundo o autor, manifesta-se com relação ao grupo do qual se faz parte, mas a maioria das vezes é tão imperceptível, de tal maneira, que cada grupo social se encarrega de manter uma persuasão junto a seus membros:

Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam que vibramos em uníssimo, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros (HALBWACHS, 2004, p. 51)

Precisamente, essa fixação das lembranças foi o que Mauricio queria projetar quando ele pensou na possibilidade de escrever o livro, o registro da viagem, os percursos, o mistério em torno do Arturo e todas as informações que ele conseguiu em seu périplo pela Venezuela, sua memória individual faria parte de uma memória coletiva, a de seus leitores,

À noite, depois de alguns telefonemas, ligou o computador e começou a escrever sobre a viagem, as descobertas que fizera e o encontro com o irmão de Arturo. E também sobre Chuao. Passou a registrar todas as informações que tinha conseguido durante os dias que ficara na Venezuela, salvando tudo na pasta onde já havia outras informações colhidas em pesquisas anteriores. Talvez um dia não escrevesse um livro sobre isso? (GARMATZ, 2013c, p. 167).

O personagem Mauricio viaja em três ocasiões para a Venezuela; a primeira vez com os amigos, a segunda quando sai à procura de Arturo, e na terceira vez, após casar-se com Luisa, em lua de mel.

Na segunda viagem, o personagem ainda se sente um estranho, mas com experiência, já conhece as estradas venezuelanas, o que lhe permitiria ir mais tranquilo; pois, “é esse passado vivido, bem mais do que o passado aprendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória” (HALBWACHS, 2004, p. 75)

Na manhã seguinte partiu cedo de Puerto Ordaz e naquele dia o plano era viajar até Barlovento, a região onde ficava Rio Chico. Seguiu pela mesma rodovia que já conhecia até perto de Barcelona, onde havia um entroncamento. Dali rumou à esquerda, indo em direção a Caracas, por um caminho a beira-mar, conforme indicava o mapa (GARMATZ, 2013c, p. 109).

Mauricio insiste em conhecer o mistério de Arturo e depois de obter algumas informações, chega à região de Barlovento onde recebe a notícia da morte de Arturo e sua família, vítimas de uma enchente em 1982. Mauricio não podia acreditar nessa história que acabava de ouvir de Hermenegildo, personagem amigo de Arturo; ele ficou assustado, pois aquela noite em Kama-Meru tinha conversado por quase duas horas com um morto,

- Pelo que o senhor me contou senhor Mauricio, trata-se do mesmo homem, - respondeu Hermenegildo. Mas como já lhe disse, ele morreu numa tragédia. Eu moro há muito tempo aqui em Rio Chico e ainda me lembro. Uma noite, creio que foi no final de novembro de 1982, se não me engano, uma forte tromba d'água abateu-se sobre a região. Houve uma grande enchente, muitas casas ficaram embaixo d'água e um desmoronamento destruiu a fábrica e a casa de Arturo, que ficavam ao pé de uma colina. Está tudo abandonado até hoje. Foi uma grande tragédia. Estou lembrado que saiu até nos jornais de Caracas. Se o senhor quiser confirmar o que estou lhe contando, vá até o cemitério. Estão todos enterrados lá, os quatro (GARMATZ, 2013c, p. 120).

O afã de reconstruir a noção histórica de um acontecimento que certamente aconteceu, mas que não podia provar sua veracidade, fez com que Mauricio primeiro fosse à procura do cemitério, sob um forte sol. Naquele momento ele andava aleatoriamente, para cima e para baixo, alameda por alameda, até que, depois de mais de meia hora, finalmente deparou-se com quatro túmulos iguais, um deles um pouco menor que os demais.

Parou diante deles e começou a ler as placas afixadas sobre as lápides. Na

do primeiro, o da esquerda, podia-se ler: “Aqui repousa Arturo Reyes Luján, nascido em 18 de abril de 1928 e falecido em 27 de novembro de 1982. Que sua alma descanse em paz” (GARMATZ, 2013c, p. 120).

Halbwachs (2004), afirma que, se através da memória, o sujeito é colocado diretamente com algumas de suas impressões, neste caso, a lembrança se distinguiria por definição, pois ela, *ajudada pelos relatos, os depoimentos e as confidencias dos outros, permite-nos fazer uma ideia do que foi o nosso passado* (HALBWACHS, 2004, p. 76).

A partir do primeiro contato com Arturo em Kama Meru, Mauricio registrou por escrito as informações-chave para garantir que não esqueceria nenhum dado no dia seguinte:

Fechou o carro, deu mais uma olhada para o céu estrelado e abriu a porta da cabana. Já dentro, procurou entre seus pertences uma caneta e um pedaço de papel. Precisava anotar uma coisa. Escreveu três nomes no papel: Chuao, Rio Chico e Arturo Reyes Luján. Guardou a caneta na lateral de sua bolsa e o papel no bolso da calça. Depois de escovar os dentes, desligou a lâmpada e deitou-se, cobrindo-se com o cobertor. Fazia bastante frio. Por um bom tempo ainda ficou pensando na história daquele homem, que agora sabia chamar-se Arturo, até que o sono chegou (GARMATZ, 2013c, p. 87).

Esses foram os recursos que Mauricio utilizou para buscar mais informações sobre Arturo, tendo que recorrer a Esteban Reyes Luján, irmão de Arturo, que morava em Colônia Tovar.

Mauricio precisava ir até o final e unir todas as peças do quebra-cabeça e por esse motivo, procurou uma cópia da matéria sobre a tragédia ocorrida em Rio Chico no final de novembro de 1982 e foi diretamente ao jornal *El Universal* em Caracas, onde achou jornais com as folhas amareladas nas extremidades, “cheirando a poeira”, mas que confirmavam a tragédia:

Ao desdobrar o jornal, já na primeira página, no canto inferior havia uma foto e uma chamada para a matéria, indicando o número da página. O homem foi virando as folhas, uma por uma, com cuidado, até se deparar com a matéria de meia página, com várias fotos que mostravam o resultado da tromba d’água. A manchete dizia: **‘Tromba d’água causa tragédia em Rio Chico’** (GARMATZ, 2013, p. 154).

Essa reconstrução dos fatos através da memória histórica conservada nos jornais levou Mauricio a constatar, que evidentemente, aquela noite tinha falado com um morto. Para Mauricio, era difícil entender essas coisas do sobrenatural, do oculto. Jamais poderia imaginar que a fábrica de chocolates da qual Arturo lhe falara naquela noite, seria a mesma sobre cujos destroços um dia, Mauricio estaria caminhando.

Halbwachs (2004) afirma que, se através da memória, o sujeito é colocado diretamente com algumas de suas impressões, quando Mauricio visita o local da tragédia, fica lembrando e refletindo sobre a conversa que teve com Arturo naquela noite:

(...) Então era ali, embaixo daqueles destroços, que estavam a fábrica e a casa de Arturo?, pensou Mauricio. Os sonhos de uma vida toda, soterrados por toneladas de terra.

Mauricio lembrou-se daquela noite em Kamá-Meru. Parecia que ainda ouvia a voz de Arturo: — “Nossos chocolates, com as embalagens nas cores azul, prata e preto, ficaram bastante conhecidos. Tínhamos uma loja exclusiva em Caracas.”

Então era por isso que Arturo falara com ele sempre com o tempo dos verbos no passado: *ficaram bastante conhecidos... tínhamos uma loja exclusiva... vendíamos para chocolatiers... comprávamos de outros produtores... ficaram bastante conhecidos...* Arturo tinha morrido, fazia parte do passado (GARMATZ, 2013c, p. 124).

## 2.7 ROMANCE REGIONAL

Em *O Homem de Barlovento* (2013) o regional se estende à região de fronteira, observa-se esse fato, quando Mauricio leva seus amigos para passear pela Venezuela, e eles ficam admirados com as belezas das cachoeiras da Gran Sabana (Região do Estado Bolívar, sul da Venezuela fronteira com o Estado de Roraima):

Que beleza! Que espetáculo! O velho ditado dizendo que “nos pequenos frascos é que se guardam os grandes perfumes” cabia perfeitamente ali. A cachoeira não tinha nada de grandioso, mas a sua beleza era incontestável. Uma pequena joia encravada no meio da mata, naquele pedaço de terra conhecido como La Gran Sabana (GARMATZ, 2013c, p.11).

O regional tem sido sempre de grande estímulo na literatura, como é o caso do Realismo, onde esse sentimento de pertencimento alimenta e serve como pano de fundo de histórias no imaginário dos escritores. Sobre esta influencia, Afrânio Coutinho afirma que:

Ao analisar a larga influência que teve a província regional na formação e desenvolvimento da literatura brasileira e a contribuição regionalista ao Realismo, chega-se à convicção de que a literatura se revigora sempre que fica próxima de suas raízes, e tanto mais quanto mais profundas estas mergulharem no solo (COUTINHO, 2004, p. 238).

Coutinho também afirma nesse mesmo contexto, que além das regiões geográficas, o mais importante são as regiões culturais. Ele divide sua análise em seis ciclos, dos quais, para efeitos desta pesquisa e pela localização geográfica do Estado de Roraima, só considero um, o chamado ciclo nortista, embora a literatura roraimense seja recente.

Entre as características da literatura da região norte, está o importante papel que desempenha a Natureza na literatura regional da Amazônia. A Natureza, embora áspera e agressiva, contém também belezas exóticas e deslumbrantes.

Não é por acaso que muitos escritores refletem em suas obras, os mitos, o terror, a beleza e a magia, as superstições, e, claro, o embate entre o homem e a terra. A Amazônia seria o paraíso dos aventureiros, charlatães, mercadores e flibusteiros que tentam conquistá-la, mas terminam sendo expulsos da floresta, o destino nômade dos seus habitantes, que dificilmente ali se fixam e permanecem:

O homem é na selva, o intruso descrito por Euclides, sempre insatisfeito e instável, esperando a hora de enriquecer para voltar, para fugir, para se libertar em suma... Afinal de contas, só o caboclo, - fatalista, taciturno e triste, - na inercia do seu conformismo congênito, ali fica e não quer sair. O homem daquele mundo é assim, um "ser destinado ao terror e à humilhação diante da Natureza" (COUTINHO, 2004, p.240).

Para Coutinho "o regionalismo na Amazônia teve uma tendência nitidamente realista, na qual o intimismo do urbano com o rural permite que possam misturar-se lendas do caboclo com a vida das gentes da praça" (COUTINHO, 2004, p. 242), ou seja, ao lado da descrição, da evocação da natureza, também se deram descrições exatas de costumes, falas, tradições e outras manifestações culturais que faziam parte do cotidiano dos habitantes da região amazônica; o psicológico dos personagens e suas condições morais e materiais extremas, assim, permitiram que as obras ganhassem destaque nacional.

É interessante colocar aqui que, a exemplos de regionalismos no Brasil, tem-se a chamada *Literatura do Cacau*, influenciada pelo Movimento Modernista e pela

Revolução do 30, que se caracterizava pela valorização da linguagem coloquial e o sentimento regionalista. Cardoso (2006) destaca Jorge Amado como autor representante do regionalismo brasileiro, pois:

Uma característica de Jorge Amado, fiel a esse espírito de descoberta e de denúncia, é o olhar crítico sobre a realidade brasileira, aproveitando esteticamente o tipo explorado pelo sistema de produção capitalista. (...). Isso mostra que a maior influência sofrida por Jorge Amado originou-se pela sensibilidade ante as contradições da própria realidade nacional acrescida do desenvolvimento da sociedade e de certos vetores literários como a licença para o emprego da linguagem coloquial no texto (CARDOSO, 2006, p. 154).

Analisando a obra *O Homem de Barlovento* (2013) como obra regionalista, pode-se afirmar que, embora Garmatz não aborde o tema do cacau como denúncia social como Jorge Amado o fez na sua obra, Garmatz utiliza este tema do cacau como pano de fundo de uma história de amor e mistério dos seus personagens.

Ainda com relação aos regionalistas, a autora Ligia Chiappini (1995) em suas *Dez teses sobre o regionalismo na literatura*, afirma que setores da crítica literária brasileira consideravam o regionalismo como uma categoria ultrapassada sendo constatado um aumento no número de pesquisas sobre o tema.

A autora informa ainda que o regionalismo, como tema de estudo, constitui um desafio teórico na medida em que questiona o iluminismo e o Estado-Nação, e que desde o ponto de vista dos estudos literários, o regionalismo é uma tendência temática e formal que se afirma de modo marginal à "grande literatura", confundindo-se frequentemente com a pedagogia, a etnologia e o folclore.

Entretanto, o regionalismo, como toda tendência histórica, não é estático, evolui, se esforça por fazer falar o homem pobre das classes rurais, expressando, para além da geografia, os sentimentos do *Outro* para um público citadino e preconceituoso que só conseguirá entender o *Outro* através da arte e respeitá-lo como ser humano.

Para Chiappini (1995), as críticas recebidas pelos escritores regionalistas enquanto o *pitoresco*, a *cor local*, e o *descritivismo*, foram a seu tempo uma dura conquista:

Em qualquer dos casos, o grande escritor regionalista é aquele que sabe nomear; que sabe o nome exato das árvores, flores, pássaros, rios e montanhas. Mas a região descrita ou aludida não é apenas um lugar fisicamente localizável no mapa do país. O mundo narrado não se localiza em

uma determinada região geograficamente reconhecível, supondo muito mais um compromisso entre referência geográfica e geografia ficcional (CHIAPPINI, 1995, p. 158).

A autora afirma que na obra regionalista a região existe como regionalidade, a região é um espaço ao mesmo tempo vivido e subjetivo, a região rural internalizada à ficção. O importante é ver como o universal se realiza no particular, desse modo as peculiaridades regionais alcançam uma existência que as transcende.

Vale a pena considerar as reflexões de Castelo Branco (2005, p. 420) sobre literatura regional. Esta autora afirma que a importância regional cresce no Brasil a partir do Romantismo, quando a consciência nacional desperta para a independência política e cultural, porém com dois tipos de regionalismos, um com uma visão romântica e outro, de visão realista. O primeiro supervaloriza o pitoresco e a *cor local*<sup>5</sup> e o outro considera a existência contemporânea, seus problemas e contradições.

A *cor local*, conforme Jobim (2013, p. 108), é tematizada na literatura desde o século XIX, quando América do Sul viveu um século de independências e foi visitada pelos assuntos locais: a paisagem, os animais, a botânica e os personagens vistos como nacionalmente típicos.

Essa *cor local* aparece na obra de Garmatz; o personagem Mauricio faz vários percursos descrevendo as paisagens naturais, os produtos típicos, a cultura, a linguagem, os habitantes do país, os lugares turísticos, as ruas e monumentos de Boa Vista-Roraima, a zona de fronteira e as cidades da Venezuela, enfim, descreve o *Outro*:

Em seguida apontou para o outro lado da rua que dava acesso à Orla:  
 \_ Ali em frente estão os casarões antigos, e num deles mora uma das descendentes dos Brasil, uma das famílias mais antigas e tradicionais de Roraima. Luisa prestava atenção e ouvia as explicações do noivo, calada. Atravessaram a rua e se dirigiram até a Praça Barreto Leite, onde o monumento em formato de painel, feito em concreto pelo artista plástico Luis Canará, homenageava os pioneiros da cidade e é um local dos mais fotografados e frequentados pelos turistas que visitam Boa Vista. (GARMATZ, 2013c, p.226).

---

<sup>5</sup> Expressão de origem francesa usada pelos literatos oitocentistas no Brasil para designar um projeto de criação de referência nacional para a literatura (JOBIM, 2013, p. 110).

Também é importante considerar que a compreensão da *cor local* permitiu a interpretação do binômio *unidade e diversidade* que aparece nos estudos do escritor uruguaio Angel Rama, (CASTELO BRANCO, 2005, p. 426), o qual ajuda a ver o regionalismo de uma forma mais ampliada em outros países de América Latina no tocante à literatura, cultura e transculturação narrativa.

Considerando as vastas regiões de um país e existência de sub-regiões, surge um mapa mais verdadeiro das características culturais correspondentes às diferentes particularidades que se mantêm no interior de cada região, que não se rendem à modernização, mas que a utilizam para seus próprios fins. Sobre a resistência como forma de preservação natural, a autora afirma que:

Angel Rama, através de inúmeros exemplos, evidencia, nas culturas regionais, a resistência como forma de preservação cultural. Nesse contexto, o conceito de *transculturação* constitui um operador crítico importante para mostrar de que forma, através da literatura, é possível evidenciar o conflito existente na incorporação de uma cultura por outra (...) (CASTELO BRANCO, 2005, pp. 427-428).

Diante do exposto, pode-se afirmar que há uma heterogeneidade no interior das regiões, além de que a modernização causou uma reafirmação do próprio, do autóctone, do regional.

Na próxima seção, será analisada a questão da *Alteridade* e os diferentes deslocamentos que o personagem Maurício teve ao longo da obra no encontro com o *Outro*, considerando o sentimento de estranheza, o desenraizamento e os fenômenos derivados como o nomadismo, e a errância; serão também discutidas as implicações que esses deslocamentos tiveram na construção da sua *Identidade*.

### 3. ALTERIDADES E A QUESTÃO DO *OUTRO* EM *O HOMEM DE BARLOVENTO*

Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não é uma substância homogênea e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo, eu é um *Outro*. Mas cada um dos Outros é um também, sujeito como eu (TODOROV, 2010, p. 3)

A questão da *Alteridade* na obra *O Homem de Barlovento* (2013) se evidencia quando Mauricio sai do Brasil, se aventura pelas terras venezuelanas e conhece o misterioso Arturo, o homem fantasma que havia conhecido em uma viagem em uma pousada administrada pelos índios Pemons na cachoeira conhecida como o Salto Kamá Meru, localizada na região da Gran Sabana (Região do Estado Bolívar, sul da Venezuela).

Ambos os personagens simbolizam o *Outro*, o estranho, o estrangeiro, que caracteriza a relação de *Alteridade*. De um lado, Mauricio é um brasileiro que chega como estrangeiro às terras venezuelanas e considera os *Outros* como estranhos. De outro lado, Arturo, o venezuelano que conversa com Mauricio, considera-o como o *Outro*, o estranho, o estrangeiro. Mauricio mostra-se interessado em conhecer a língua e a cultura do *Outro*, Arturo por sua vez, mostra-se interessado em fornecer informações ao estranho e estabelece um canal de comunicação com o *Outro*, o estrangeiro, Mauricio, o brasileiro.

Estas questões pertencem ao campo de visão conhecido como *Alteridade*, palavra que vem do Latim *Alter* que significa *Outro* e cuja definição aparece no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, como segue:

*Alteridade*: [Do lat. *Alter*, “outro” + (i) idade. Filosof, Qualidade do que é outro.  
*Álter*: Outro ser ou outra pessoa, em relação a determinado indivíduo; aquilo ou aquele que é percebido ou concebido como uma pessoa ou um ser distinto e separado do sujeito, daquele que pensa, sente e age (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 4ª Edição (2009, p. 105).

Compreende-se que, para existir *Alteridade*, precisa-se do *Outro*, da negação do Eu ao contato com o *Outro*, e isso implica considerar o *Outro*, com a intenção de dialogar, respeitar e compreender a sua diferença. Para entender a complexidade sobre *Alteridade* e a referência ao *Outro*, recorre-se às análises do ensaísta, filósofo e linguista búlgaro naturalizado francês, Tzvetan Todorov, que apontam para o

respeito à língua e à cultura do *Outro*, através de exemplificações em sua obra *A conquista de América* (2010), na qual se refere especialmente à necessidade dos colonizadores de absorver o *Outro*.

Como Todorov registra, os colonizadores ignoraram a língua e a cultura dos povos indígenas encontrados. Os nativos foram tratados como *bárbaros* uma vez que não falavam a língua dos espanhóis. O conceito de bárbaro pode ser ilustrado a partir das concepções gregas sobre o *Outro*, no âmbito da língua, como se pode observar no seguinte trecho:

Um homem será chamado de bárbaro quando comparado a outro, por ser estranho em seus modos de falar e por pronunciar mal a língua do outro (...). Segundo Estrabão, Livro XIV, essa era a principal razão pela qual os gregos chamavam os outros povos de bárbaros, isto é, porque pronunciavam mal a língua grega. (TODOROV, 2010, p. 277).

Todorov alerta sobre o processo de *assimilação*, considerado em um sentido só, ou seja, no que concerne às línguas utilizadas, a língua espanhola era considerada superior pelos colonizadores e deveria ser absorvida, falada pelos autóctones, cujas línguas eram consideradas inferiores.

Assim, no processo da Conquista da América, havia o desejo de domínio, ou melhor, de extermínio, pois os conquistadores mostravam-se *assimilacionistas* de modo radical, ao não considerar nem a língua nem a cultura dos povos indígenas. Sua simpatia pelos índios traduzia-se “naturalmente” no desejo de vê-los adotar seus próprios costumes, com a intenção de que os índios assimilassem, além da língua espanhola, a religião católica também, fato comprovado quando, segundo Todorov, Colombo escreve para os reis da Espanha comunicando que levaria alguns indígenas para a Europa, o que demonstra que Colombo assume que a língua e a cultura espanholas são superiores aos costumes dos índios. Ele afirma que os índios são selvagens, sem cultura, sem religião, sem instrução nenhuma e cabia à Coroa Espanhola civilizá-los, como relatado a seguir: “Vossas Altezas devem ficar satisfeitas, pois em breve terão feito deles cristãos e lhes terão instruído nos bons costumes do seu reino” (TODOROV, 2010, p. 59).

Observa-se, pois, que é uma situação “lógica” que os índios deveriam adotar os costumes dos espanhóis e não ao contrário, ou seja, há um caminho de “mão-única”, há imposição da superioridade da cultura europeia sobre a civilização nativa americana.

Entretanto, Todorov afirma que no processo de *Alteridade*, a relação com o *Outro* não se dá numa única dimensão (TODOROV, 2010, p. 269) o que não representa um processo pacífico. Para melhor compreender esta problemática, ele distingue pelo menos três eixos, nos quais pode ser situada a problemática da *Alteridade*. Um primeiro eixo, que ele chama de Plano Axiológico, corresponde a um julgamento de valor que leva às expressões binárias que classificam o *Outro* “o outro é bom ou mau”, “gosto dele ou não gosto dele”, “me é igual ou me é inferior” (TODOROV, 2010, p. 269).

Um segundo eixo, o Plano Praxiológico-Ação, corresponde à aproximação ou ao distanciamento em relação ao *Outro*: “Adoto os valores do *Outro*”, “identifico-me a ele, ou então assimilo o *Outro*”, “impondo-lhe minha própria imagem ou em última instância, sou neutro, sou indiferente” (TODOROV, 2010, p. 269).

E por último, há o Plano Epistêmico que caracteriza atitudes que auxiliam no conhecimento do *Outro*: “Conheço ou ignoro a identidade do *Outro*” (TODOROV, 2010, p. 69-70).

Observa-se na obra *O Homem de Barlovento* (2013), que o personagem Mauricio adotou o Plano Epistêmico, ao se interessar pelos costumes e atividades do *Outro*, do venezuelano. Seu interesse pela língua espanhola se manifesta antes mesmo de viajar a Venezuela, quando começa a estudar esta língua. Ao ser entrevistado pela personagem Luisa (jornalista por quem se apaixona), ele admite ter aprendido bastante sobre os venezuelanos, o que se pode ver na resposta dele, à pergunta se ele conhece a Venezuela ou, se o que aparece no livro é só ficção:

*Por supuesto*, como dizem por lá. Claro! Como lhe falei, levei quase quatro anos para escrever o livro. Durante esse tempo fiz duas viagens ao país. Fora as pesquisas em livros e pela internet. Sabe, tornei-me um expert em Venezuela. Brincadeira!!! Nem tanto. Mas confesso que aprendi bastante sobre a terra de Hugo Chávez. Que, por sinal, é um país muito bonito (GARMATZ, 2013c, p.13)

Pode-se depreender neste trecho que Maurício não sofreu um choque decorrente da diferença cultural e linguística, ele utiliza a expressão “*por supuesto*”, do espanhol, que é uma expressão que significa “é claro” em português. Ele se propõe a conhecer a língua e a cultura do *Outro*, o que também fica evidenciado ao responder a pergunta de Luisa sobre como resolveu o problema da língua:

Quando comecei a escrever o livro, percebi que teria que ir atrás de informações *in loco*, sobre o que escreveria. A primeira coisa que fiz foi comprar um mapa detalhado da Venezuela e depois passei a pesquisar na internet. Eu não poderia escrever sobre assuntos e lugares que não conhecia. Como grande parte da história se passa na Venezuela, entendi que a língua seria outro obstáculo. Por isso, à noite comecei a fazer um curso de espanhol, o que me ajudou muito [...] (GARMATZ, 2013c, p. 13).

Por outro lado, segundo Todorov (2010, p. 55), o Plano Praxiológico foi adotado por Colombo quando ele ignorou a identidade do *Outro*, quando ele declarou a suas primeiras impressões sobre os indígenas, cabendo-lhes elogios pela generosidade e pelo fato de eles aceitarem trocas ingênuas como a de ouro em troca de pedaços de vidro ou de tigelas quebradas.

Depois, achando que os espanhóis tinham o mesmo costume (como se tudo o que possuíssem fosse propriedade comum), os indígenas pegavam dos visitantes cristãos tudo o que era de seu agrado e tal fato irritava os espanhóis que os chamavam de ladrões, julgando-os como se estivessem julgando espanhóis, atribuindo-lhes castigos cruéis, iguais aos que se costumavam aplicar na Espanha cortando-lhes o nariz e as orelhas “pois são as partes do corpo que não se pode esconder” (TODOROV, 2010, p. 55).

No âmbito da religião, na segunda expedição de Colombo, os religiosos que acompanhavam Colombo começaram a converter os índios, mas não conseguiram fazer com que todos se curvassem e venerassem as imagens santas:

Depois de terem deixado a capela esses homens jogaram as imagens ao solo, cobriram-nas com um punhado de terra e urinaram sobre elas; vendo isto, Bartolomeu, irmão de Colombo, decide puni-los de modo bem cristão: Como lugar-tenente do vice-rei e governador das ilhas, levou aqueles homens maus à justiça, e, uma vez definido o crime, fez com que fossem queimados em público (TODOROV, 2010, p.61).

Este cenário de massacre mostra que os espanhóis não respeitavam a cultura dos índios, pois não teria como eles se ajoelharem ante as imagens que nada representavam para eles, tendo em vista que eles tinham seus próprios deuses. Todorov discorre nesse texto sobre as duas grandes figuras em relação ao *Outro*; para ele, “a diferença gera uma desigualdade”, assim como a “igualdade gera uma identidade” (TODOROV 2010, p. 211). Estes eixos delimitariam o espaço inevitável do *Outro*, espaço que deve ser respeitado.

Nesta mesma linha de análise da relação de *Alteridade*, a partir do exemplo

do processo de assimilação da coroa europeia, o brasileiro Silvano Santiago (2002) afirma que a colonização pela “propagação da Fé e do Império” é a negação dos valores do *Outro*, a tripla negação do *Outro* se juntando à falta de respeito para com o *Outro* e à intolerância para com os valores do *Outro*:

Primeiro: do ponto de vista social, já que o indígena perde a liberdade, passando a ser súdito de uma coroa europeia. Segundo: o indígena é obrigado a abandonar o seu sistema religioso (e tudo o que ele implica de econômico, social e político), transformando-se, pela força da catequese, em mera cópia do europeu. Terceiro: perde ainda a sua identidade linguística passando gradativamente a se expressar por uma língua que não é sua. (SANTIAGO, 2002, p. 225).

Santiago fala ainda da ética da aventura na qual os navegantes descobrem o descoberto, o que os leva a se dizerem inventores “A invenção de América é uma postura historiográfica etnocêntrica, eles pisam, tocam, pegam, possuem. Terra, vegetação, bichos e mulheres (...)” (SANTIAGO, 2002, p. 229). Quando os navegantes descobriram o continente americano, chegaram com a intenção de impor sua língua e sua cultura, por achar que os índios tinham que ser instruídos, a linguagem e as crenças indígenas eram uma afronta para a língua espanhola e a religião católica, resultando em uma relação do *Outro* “colonizado” e a “voz do colonizador”.

Há ainda outros fenômenos que podemos considerar do choque com o *Outro* e as reações dele decorrentes tais como a identificação do sobrenatural no *Outro*, a sensação de estranheza, o conflito que o ego sente frente a frente com relação ao *Outro*, o “estranho” o “secretamente familiar”, como uma necessidade de identificação e por sua vez, como o medo dessa identificação, como afirma a filósofa, escritora, crítica literária, psicanalista e feminista búlgaro-francesa Julia Kristeva:

O choque com o *Outro*, a identificação do ego com esse bom ou esse mau *Outro* que viola os limites frágeis do ego incerto, estariam, portanto, na fonte do sobrenatural, cujo aspecto extraordinário, representado em literatura, não poderia esconder sua permanência na dinâmica psíquica ‘normal’ (KRISTEVA, 1994, p. 197).

Essa identificação do sobrenatural no *Outro*, da qual nos fala Kristeva (1994), também permite experimentar uma sensação de admiração pelas coisas do *Outro*.

Observa-se este fato, quando o personagem Mauricio leva seus amigos para passear pela Venezuela, e estes ficam admirados com as belezas das cachoeiras da Gran Sabana:

Que beleza! Que espetáculo! O velho ditado dizendo que “nos pequenos frascos é que se guardam os grandes perfumes” cabia perfeitamente ali. A cachoeira não tinha nada de grandioso, mas a sua beleza era incontestável. Uma pequena joia encravada no meio da mata, naquele pedaço de terra conhecido como La Gran Sabana (GARMATZ, 2013c, p.11).

A admiração de Mauricio e dos demais personagens causa espanto, encantamento, do mesmo modo talvez quando Colombo manifestou admiração por este continente. Conforme aparece no texto de Todorov (2010) o *Padre de Las Casas* transcreve um trecho do diário de sua terceira viagem que mostra Colombo preferindo a beleza à utilidade: “Ele diz que mesmo se não houvesse lucros a obter, pela beleza dessas terras, (...) não deveríamos estimá-las menos” (TODOROV, 2010, p. 32). Ainda maravilhado pelas terras do *Outro*, declara:

Aqui, os peixes são tão diferentes dos nossos, que é uma maravilha. Há alguns que são, como os galos, enfeitados das mais lindas cores do mundo: azuis, amarelos, vermelhos e de todas as cores. Outros são matizados de mil maneiras e suas cores são tão belas que não há quem não fique maravilhado e extasiado em vê-los. Há também baleias (TODOROV, 2010, p.33)

Esta admiração absoluta pela beleza, como se depreende, não quer dizer que Colombo tenha a mesma impressão em relação aos índios, pois ao voltar para a Europa, depois da primeira viagem, quando tinha deixado os seus homens, ele é forçado a admitir que todos foram mortos por selvagens, “aqueles índios medrosos e ignorantes das armas” (TODOROV, 2010, p. 55).

O fato de respeitar ou não a língua e a cultura do *Outro*, (do estrangeiro), leva-nos a refletir sobre nossa capacidade de aceitar novas formas de pensar, de agir, o que desencadeia um processo em que, como afirma Todorov (2010, p. 3): “O eu só pode existir quando eu tenho uma visão do *Outro* que remeta a mim mesmo”. É a partir desta visão que o autor analisa os diversos olhares que foram construídos em *A Conquista da América*, pois:

Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não é uma substância homogênea e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo, eu é um *Outro*. Mas cada um dos outros é um também, sujeito como eu (TODOROV, 2010, p. 3).

Todorov (2010) infere que o clero do seu tempo não tinha um conhecimento tão profundo da cultura indígena e que isso concorria de forma direta para uma manutenção do seu culto de forma disfarçada por intermédio do sincretismo religioso.

Neste processo de conhecer o *Outro*, o autor evidencia as diferenças da cultura, da língua e principalmente da ideologia do *Outro*. Nos trechos seguintes observa-se que Colombo não dá valor às crenças dos indígenas, para ele, as crenças dos nativos não representavam uma religião e ele fala da facilidade que teria a Coroa Espanhola para converter esses indígenas ao Cristianismo.

Assim como aparece nos Diários da primeira viagem à América (Outubro a Dezembro de 1492), Cristóvão Colombo relata a oportunidade de utilizar essa mão de obra tanto na agricultura como na construção civil e ignora também a cultura deles, pois é preciso que os indígenas sigam a cultura dos espanhóis tais como andar vestidos e outros hábitos:

Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades, para que aprendam a falar (COLOMBO, 1492, p. 45)

Sempre haverá estes pequenos embates de pensamentos na compreensão do *Outro* com sua cultura e seus costumes; deve ser por isso que a história da Conquista da América é repleta de dizimação e escravismo dos indígenas, justamente por não haver uma tentativa de total sucesso da compreensão do *Outro*. Então, se esse *Outro* não tem língua nem cultura, os índios podiam ser facilmente dominados e assimilados à língua e à cultura espanholas.

Julia Kristeva (1994), afirma que viver com o *Outro*, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de ser um *Outro*. O elemento que está em questão é o direito do estrangeiro a sua singularidade, e cabe-se questionar até que ponto deve-se absorver a cultura do estrangeiro para tornar uma nova cultura, novos costumes e nova língua, apagando as marcas das suas raízes, sua memória e sua

própria cultura. Para Mauricio, o choque com o estranho, com o desconhecido na Venezuela foi uma experiência que despertou a sua admiração pela natureza, pelas belas paisagens e a consideração com a língua e a cultura venezuelanas, a sensação de estranheza foi rapidamente substituída pela aceitação do sobrenatural que o Mauricio e seus amigos não esperavam encontrar.

Para entrar nesse questionamento, é importante considerar o conceito de estranhamento e o encontro com o *Outro*, o que será apresentado no próximo tópico.

### 3.1 O ENCONTRO COM O *OUTRO*: O ESTRANHO SOU EU?

Em *O Homem de Barlovento* (2013), as ações do personagem Mauricio se encaixam nas características da atitude de respeito à língua e à cultura do *Outro*. Quando ele se encontra com o personagem Arturo pela primeira vez, Mauricio tenta falar a língua deste *Outro* e se mostra interessado em saber mais sobre a história do “estranho”:

O homem, imóvel, dirigiu-lhe a palavra, falando em espanhol:

— *Buenas noches*.

— Boa noite, - respondeu Mauricio, um pouco assustado.

— Desculpe-me se o assustei, - disse o estranho.

— Não, não... É que... Bem... Eu não ouvi nenhum barulho e nem vi o senhor se aproximar, por isso...

— *Bueno*, peço desculpas, - interrompeu o homem. Não quis assustá-lo e nem quero lhe fazer mal, apenas conversar. Vi que o senhor estava observando as estrelas e elas também me fascinam. (...) (GARMATZ, 2013, pp. 83-84)

(...) O estranho continuava de pé olhando para as estrelas e Maurício o convidou a se sentar na outra pedra, próxima aquela em que estava ao que ele respondeu que não, que ali estava de bom tamanho. Depois, Mauricio ainda lhe ofereceu vinho, que também não aceitou. Apenas agradeceu. Foi então que o homem fez uma pergunta de ordem pessoal e quis saber onde Mauricio morava (GARMATZ, 2013c, p.84)

Apesar de lhe chamar de “estranho”, Mauricio consegue interagir com Arturo e conversar longamente sobre a cultura do cacau e sobre sua adolescência, a mudança para Rio Chico, na região de Barlovento, e sobre o fato de seu pai comprar uma fazenda de cacau para fazer chocolate artesanalmente, resultando posteriormente no crescimento do negócio que recebeu o nome de “Chocolates Luján”. Mauricio fica fascinado pela história do cacau ao ponto de querer

compreender mais a história deste *Outro*, de querer participar, ainda que momentaneamente, deste mundo do “estranho”:

Aquela estranha sensação que Mauricio tinha sentido anteriormente havia passado e em poucos minutos conversavam como se fossem velhos conhecidos, cada qual contando coisas de sua vida um ao outro. Naquela noite, sentado sobre uma pedra, bebendo vinho chileno, enrolado num cobertor, sob um céu estrelado como jamais havia visto e ouvindo o barulho da água do salto Kamá-Meru, Maurício teve uma verdadeira aula de história sobre Chuao e o cacau produzido na Venezuela. E de um homem que até aquele momento não sabia nem mesmo o nome (GARMATZ, 2013c, p. 85).

O sentimento de estranhamento que Mauricio revela sentir no início da citação anterior se dilui, pois, como se depreende neste trecho, Mauricio percebe a necessidade da abertura para o *Outro*, e poderia ficar a noite inteira escutando o estranho:

O estranho continuou contando coisas sobre a sua vida e quando bateu perto de duas horas de conversa, o homem disse que ia embora. Se fosse por Mauricio, ficaria a noite toda escutando-o, apesar do frio que aumentava à medida que o tempo ia passando. Era uma conversa gostosa, prazerosa, que mostrava que o estranho tinha um profundo conhecimento sobre o que falava.  
 \_\_ Bom, - disse Mauricio, - ficamos tanto tempo conversando e não sei nem o nome do senhor. O meu é Mauricio.  
 \_\_ Meu nome é Arturo. Arturo Reyes Luján.  
 Dizendo isso, se virou e sumiu de repente na noite escura, como se evaporasse. (GARMATZ, 2013c, p. 87).

Julia Kristeva, naturalizada francesa, relata que sofreu o fato de ser estrangeira na França. Em seus ensaios, ela faz questão de colocar o sentimento de angústia ou estranhamento do estrangeiro. Em sua obra, *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), Kristeva afirma: “Viver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de *ser um Outro*” (KRISTEVA, 1994, p. 21), a autora destaca o verbo *ser* porque tem a ver com a identificação do sujeito, ao final, quem é o estrangeiro? Sou eu? Eu que chego num país estranho? Ou estrangeiras são as pessoas que moram lá? Ou seja, a posição do estrangeiro depende do ponto de referência que tomemos.

Em *O Homem de Barlovento* (2013) pode-se compreender que o personagem Mauricio continua a chamar Arturo de “estranho”, do *Outro*, com sua outra língua, sua outra cultura, pois o seu ponto de referência é ele mesmo, Mauricio, apesar de ser um brasileiro que está na Venezuela. Ele considera que não

é o *Outro*, que não é o estrangeiro, que não é o “estranho”. Para Kristeva, “não se trata simplesmente, no sentido humanista, de nossa aptidão em aceitar o outro, mas de *estar em seu lugar*, o que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo” (KRISTEVA, 1994, p. 21). Daí a importância da *Alteridade*, de considerar o *Outro*, de estar em seu lugar. Para os personagens Mauricio e Arturo era natural que o *Outro* fosse o estrangeiro, quando ele mesmo, por sua vez era o *Outro*, é também o “estrangeiro”.

Kristeva refere-se ao lugar que o estrangeiro ocupa, que é o lugar que cada um dá a ele, dependendo da alienação que se sofre em sua cultura, e que permite aceitar ou rejeitar o *Outro*, ou seja, aquilo que ela chama de “prazer perverso”, conforme comentário abaixo:

O ‘Eu é um outro’ de Rimbaud não era somente a confissão do fantasma psicótico que assedia a poesia. A expressão anunciava o exílio, a possibilidade ou a necessidade de ser estrangeiro e de viver no estrangeiro, prefigurando assim a arte de viver numa era moderna, o cosmopolitismo dos esfolados. A alienação de mim mesmo, por mais dolorosa que seja, proporciona-se esse distanciamento requintado, onde se inicia tanto o *prazer perverso* quanto a minha possibilidade de imaginar e de pensar: é o impulso de minha cultura. Identidade desdobrada, caleidoscópio de identidades: poderíamos ser para nós mesmos um romance interminável sem sermos vistos como loucos ou falsos? Sem ter de morrer por esse ódio do estrangeiro ou pelo estrangeiro? (KRISTEVA, 1994, p.21).

Para Kristeva (1994, p. 31), a *Alteridade* cristaliza-se então como autêntico ostracismo, ou seja, o estrangeiro exclui, antes mesmo de ser excluído, muito mais do que o excluem, e como exemplo, tem-se os fundamentalistas, que são mais fundamentais quando perdem toda ligação material, inventando para si próprios um “nós” puramente simbólico que, por falta de solo, enraíza-se no rito até atingir a sua essência, que é o sacrifício.

No entanto, em *O Homem de Barlovento* (2013) percebe-se que Mauricio, em sua condição de *cidadão do mundo*, (KRISTEVA, 1994, p. 36), enfrenta e aceita a diferença do *Outro*, sem excluir em momento algum a cultura de Arturo, pelo contrário, quando Arturo desaparece, Mauricio viaja de novo à procura dele na região de Barlovento:

Cada vez mais se interessava por esse assunto e não sabia direito nem o porquê daquilo. Afinal, fora apenas uma conversa com um estranho numa noite fria e estrelada. Mas, mesmo passado já algum tempo, parecia que alguma coisa o empurrava, o impelia a esclarecer aquilo tudo. Uma certeza tinha: viajaria novamente ao país vizinho em busca de respostas. Aproveitaria as férias para ir e conhecer a região sobre a qual Arturo havia lhe falado (GARMATZ, 2013, p. 108).

Narrador e personagem são estrangeiros na obra, e ele(s) se predispõem para se aproximar do *Outro*, arriscando umas falas em espanhol, para criar um ambiente mais real:

- Esse senhor se chama Hermenegildo e é bastante conhecido aqui em Rio Chico. Pode procurá-lo que ele vai atendê-lo com *mucho gusto*.  
Mauricio agradeceu pelas informações e disse que ia procurá-lo no outro dia, pela manhã. Não queria importunar ninguém à noite.  
- *Bueno, con su permiso*, eu tenho que verificar algumas coisas, - respondeu o dono do hotel (GARMATZ, 2013c, p. 116).

Essa situação pode ser analisada à luz do pensamento de Kristeva (1994) através de uma psicanálise do estrangeiro, que nos informa que, em geral, o estrangeiro se imagina livre de fronteiras. Do mesmo modo, privado das rédeas da língua materna, o estrangeiro que aprende uma nova língua é capaz de cometer as mais imprevisíveis audácias: tanto no terreno do intelecto quanto do obsceno (KRISTEVA, 1994, p. 38), é o que se percebe em *O Homem de Barlovento* (2013) quando no uso da língua falada:

Quando o garçom trouxe a cerveja, Maurício perguntou-lhe se havia uma lista telefônica disponível no restaurante.  
- *Aquí no hay*, - respondeu o garçom, - *pero, consigo una en la recepción. Solo un minuto, por favor.*  
Não demorou muito e o garçom voltou com uma grossa lista telefônica e a colocou ao lado de Maurício (GARMATZ, 2013c, p. 131).

Kristeva (1994) afirma que o estrangeiro apesar do seu sotaque e dos erros gramaticais que comete e que ele não percebe, cria um mundo fantasmático, a sua linguagem não o incomoda, pois ele se mantém em silêncio sobre as suas pulsões, ou seja, “O estrangeiro é um sonhador que faz amor com a própria ausência, um deprimido extravagante. Feliz?” (KRISTEVA, 1994 p. 18).

Esta situação apresenta-se na fala do taxista, em *O Homem de Barlovento* (2013), ao usar gírias em espanhol:

O taxista pediu a Mauricio a *dirección* e ele tirou do bolso o papel e lhe informou o nome da rua e o número da casa, dando como ponto de referência o parque Los Chorros.

- *No es lejo*. Não é longe, - respondeu o taxista (GARMATZ, 2013c, p. 132).

O narrador parece perceber que o leitor poderia não entender ou mal interpretar a palavra coloquial “lejo” que no espanhol formal é grafado como “lejos”; o autor talvez para evitar o estranhamento, traduz a palavra para a língua portuguesa como “longe”. Diante do exposto, o estrangeiro precisa se desligar de suas raízes para criar outras no lugar onde se desloca, o que permite a reflexão sobre o enraizamento e desenraizamento e as diferentes manifestações desses fenômenos, que será analisado no tópico seguinte.

### 3.2 À PROCURA DAS RAÍZES: ENRAIZAMENTO E DESENRAIZAMENTO

Considerando as múltiplas raízes que o personagem principal Mauricio vai criando através dos diversos deslocamentos dentro da obra *O Homem de Barlovento* (2013), podemos analisar como se manifestam o enraizamento e o desenraizamento em Mauricio, primeiro, dentro do Brasil, da cidade de Porangatu, norte do estado de Goiás (sua terra natal) para viver em Boa Vista (capital do estado de Roraima); no segundo deslocamento, ele leva os amigos para passear na Venezuela e fica maravilhado com as belezas naturais da região, e no terceiro deslocamento, tenta resolver um mistério sobre Arturo e convive com a cultura dos venezuelanos, relatando ao leitor os detalhes da sua viagem.

É relevante tanto investigar de que forma aconteceram esses deslocamentos quanto analisar como Mauricio deixa as raízes da sua terra natal e como ele cria novas raízes em outra terra.

Para efeitos desta pesquisa, inicialmente definem-se os termos enraizamento e desenraizamento e para isso, recorre-se às definições de dois filósofos contemporâneos, a filósofa parisiense Simone Weil e o já citado Tzvetan Todorov. No caso de Weil, citada por (SVARTMAN, 2011), o desenraizamento foi traumático, violento e involuntário, como será visto adiante; já no caso de Todorov, o desenraizamento foi um processo de descoberta de uma nova identidade.

Segundo Svartman (2011), Weil se destaca como uma das pensadoras mais

originais no campo da filosofia contemporânea. De família de origem judaica, morreu cedo, vítima de tuberculose aos 34 anos. Weil compartilha na própria carne as experiências dramáticas da fome, do desenraizamento, da condição operária e campesina, das guerras e das lutas sindicais daquele momento.

Ora, tais experiências vividas por Weil se referem ao sentido profundo do enraizamento e desenraizamento e se inspiram nesses acontecimentos da sua vida pessoal como judia, vivendo em uma França ocupada pelos nazistas, pois, segundo ela própria:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente (WEIL, 1943, *apud* SVARTMAN 2011, p. 221).

Se o enraizamento se traduz como a necessidade de conservar as ligações com o passado e conseqüentemente ter múltiplas raízes, Svartman (2011, p. 221) afirma que para Simone Weil o desenraizamento é a “doença mais perigosa das sociedades humanas”. O desenraizamento é entendido como a perda, pelos seres humanos, da sua participação na vida moral, intelectual, espiritual da sua comunidade de origem; a perda dos vínculos com suas raízes históricas (uma necessidade humana), em suas palavras em epígrafe, das mais desconhecidas e difíceis de definir.

Observa-se, pois, que o desenraizamento para Weil apresentou-se de uma forma violenta na medida em que teve que apagar as ligações com suas raízes, no entanto, para Todorov, o desenraizamento não foi tão complicado como para Weil.

Todorov, reconhecido pelo seu trabalho literário e histórico, após sua graduação em Letras na sua terra natal Bulgária, foi morar em Paris para aprofundar seus estudos em literatura, tendo o filósofo e semiólogo francês Roland Barthes como seu orientador de doutorado e, posteriormente, colega de trabalho.

Depois da sua experiência de viver em Paris, Todorov já não usava mais a língua búlgara nem em seu trabalho e nem na sua vida pessoal, todo o tempo usava a língua francesa em todos os ambientes que frequentava. Assim, ele próprio

descobre ter uma vida interior entre duas culturas, duas sociedades, o que o levou a afirmar que ele passou pelo processo de desenraizamento voluntário; na obra, ele culmina o seu relato dizendo: [...], *no entanto pouco a pouco, eu mesmo me tornei francês* (TODOROV, 1999, p. 247).

O sentido que Todorov atribui a este termo é o de um indivíduo que, em virtude de sua experiência pessoal, não consegue mais se sentir ligado a uma determinada sociedade (no caso de Todorov, a Bulgária, sua terra natal, deixou de ter o significado especial sobre suas raízes, que outrora tinha).

Em *O Homem de Barlovento* (2013), essa condição de desenraizado, pode figurar como sinônimo de libertação, perfazendo um “*cidadão do mundo*” (KRISTEVA, 1994, p. 36), ou seja, parece ser a tomada de consciência do personagem Mauricio quanto à sensação de deslocamento e estranhamento em relação à comunidade da qual faz parte, o que dá a entender que não foi um processo traumático para ele.

Como já foi falado, o personagem Mauricio sofre três deslocamentos, no primeiro, tendo em vista que ele passou no concurso público, ele sai de Porangatu, para viver em Boa Vista, capital do estado de Roraima. Situação que é muito comum nesta cidade que recebe muitos imigrantes por causa da abertura de concursos públicos, como confirma o personagem Maurício quando responde a pergunta da jornalista Luisa:

- E como você foi parar em Boa Vista, tão longe daqui?
- Depois de me formar em Direito, em Goiânia, e após prestar o exame da OAB, trabalhei por mais de dois anos na cidade, num conceituado escritório de advocacia. Em 2000, fiquei sabendo, através da internet, que fora aberto concurso público para procurador do Ministério Público Federal em Roraima. Inscrevi-me, fiz a prova e acabei passando. Assumi no começo de 2001. Isso foi há quase cinco anos (GARMATZ, 2013c, p. 12)

Mauricio ainda pretende conservar suas raízes, tem uma visão essencialista, ou seja, que procura as origens, a essência das coisas, as particularidades. Sendo assim, Mauricio, depois de cinco anos morando em Boa Vista, decide voltar para sua cidade natal, Porangatu, na ocasião do lançamento do seu livro. No texto que relata a entrevista concedida a Luisa, ao perguntar sobre o motivo do lançamento do livro em uma cidade tão pequena como Porangatu, ele responde:

Por um simples motivo. É porque eu sou nascido e criado aqui em Porangatu. Vivi aqui até meus quinze, dezesseis anos, quando fui estudar em Goiânia. Outro motivo é que a minha família, meus pais e irmãos, ainda moram aqui. Embora já esteja ausente há vários anos em função do meu trabalho, essa foi uma maneira de homenagear minha cidade natal, minhas raízes (GARMATZ, 2013c, p.11).

Isto faz refletir por um momento sobre o papel do enraizamento e da representação do passado (assim como da formação e da noção de pertencimento a diferentes culturas) e remete ao conceito de *topofilia*<sup>6</sup>, neologismo definido pelo geógrafo sinoamericano Yi-Fu Tuan em seu livro *Topofilia um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012), como um termo que inclui todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material (TUAN, 2012, p.136).

Para Tuan (2012, p.144): “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”, para Mauricio, era importante lançar o livro na cidade de Porangatu, ainda estava ligado sentimentalmente a essa região; suas raízes ainda conservavam a herança do passado por esse motivo decide fazer essa homenagem para a sua família e amigos da infância, ao invés de lançar o livro na capital Goiânia que representaria melhores oportunidades para a comercialização do livro, ou em Boa Vista, cidade na qual está morando.

Sendo assim, faz-se necessário analisar a importância desse comportamento “raiz” bem como de “rizoma”, as suas manifestações e implicações. Para conseguir entender ainda mais esta questão, encontramos respostas na botânica, com o conceito de *rizoma*, ampliado por Deleuze e Guattari (1995), tema objeto de estudo do próximo tópico.

### 3.3 MAURICIO COMO AGENTE RIZOMÁTICO E ARTURO COMO “O ESTRANHO”

O conceito de rizoma nos ajuda a compreender o Enraizamento-Desenraizamento, a partir dos preceitos do filósofo francês Gilles Deleuze e de um psicanalista francês em rompimento com a psicanálise, Félix Guattari. Deleuze e Guattari (1995) tomaram o conceito de *rizoma* para ilustrar um tipo de enraizamento: Em botânica, chama-se *rizoma* um tipo de caule que cresce horizontalmente,

---

<sup>6</sup> Topo: lugar, filia: sentimento positivo, gosto amor incondicional a determinado lugar.

geralmente subterrâneo como a bananeira, mas podendo também ter porções aéreas como as orquídeas.

Segundo Deleuze e Guattari (1995) rizoma é uma estrutura componente em algumas plantas cujos brotos podem ramificar-se em qualquer ponto e transformar-se em um bulbo ou um tubérculo; são horizontais, abertos a qualquer contato, expandem-se facilmente. Por outro lado, temos a árvore de raiz única, aquela que não tem a capacidade de conectar um ponto a qualquer outro, é vertical, não se expande:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 36).

No âmbito das relações identitárias, a metáfora do rizoma se associa a alguém que está aberto às culturas dos outros, contrariamente à identidade-raiz, a qual mataria tudo o que está ao seu redor, e o *Outro*, é visto como o diferente, o perigoso, é ele quem tem que se assimilar à transparência tranquilizadora da generalização ou tem que se tornar invisível.

Para os autores franceses “uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas (...)” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 21), ou seja, esse princípio de multiplicidade se aplica a uma raiz múltipla que se propaga sem prejudicar as outras plantas, é ter uma mentalidade livre de preconceitos, capaz de ouvir opiniões contrárias e respeitar a cultura do *Outro*.

Em outras palavras, rizoma, no âmbito cultural, equivale a ter uma mentalidade aberta, isto é, apoiadora, humanística, orientada para o *Outro*, de viável convivência. Por outro lado, a raiz única equivale a ter uma cultura fechada, ou seja, estruturada, individualista, tensa e voltada para uma pretensa estabilidade.

Em *O Homem de Barlovento* (2013), Mauricio percebe a necessidade de ter abertura para o *Outro*, confirmando uma atitude rizomática. Pode-se observar esta situação quando no seu segundo deslocamento, Maurício leva os amigos para conhecer a Venezuela e se encontra com Arturo:

Apesar de o homem falar em espanhol, Mauricio entendeu quase tudo. E respondia numa mistura de português com espanhol, fazendo com que, no final, acabassem se entendendo (GARMATZ, 2013c, p. 84).

Embora Mauricio não tenha o domínio da língua espanhola, pode-se perceber que a atitude rizomática dele lhe permite se comunicar com “o estranho”, ou seja, Mauricio já não mostra o seu comportamento de raiz única:

Aquela estranha sensação que Mauricio tinha sentido anteriormente havia passado e em poucos minutos conversavam como se fossem velhos conhecidos, cada qual contando coisas de sua vida um ao outro (...) (GARMATZ, 2013c, p. 85).

Agora Mauricio é rizoma, ou seja, confirma o conceito que o ensaísta martinicano Edouard Glissant (1981), no âmbito da cultura caribenha, introduz: a teoria do *Mesmo* e o *Diverso*. O autor afirma que a identidade-raiz, ao submeter o *Outro* ao pensamento do *Mesmo*, apaga as diferenças. Ele assinala que o *Mesmo* (ou raiz única), relaciona-se com o conceito de identidade quando a identidade se fecha sobre si mesma. O discurso homogêneo que se torna hegemônico por se considerar o único possuidor da verdade, negando assim o *Outro* e sua diferença.

Conforme aparece nos comentários de Graciela Ortiz na website da Antologia de textos fundadores do comparatismo literário da UFRGS, Glissant (1981 *apud* Ortiz) retomou Deleuze e Guattari (1995), para afirmar que esse pensamento hegemônico do Ocidente se enraíza neste conceito de identidade que chama de identidade-raiz, expressão tomada de Deleuze e Guattari, porque a raiz mata tudo o que está ao redor dela, diferenciando-se da identidade-rizoma que vê o *Outro* como projeto de acordo, a partir da aceitação das diferenças: "O *Mesmo* é a diferença sublimada, o *Diverso* é a diferença consentida" (GLISSANT, 1981, *apud* Ortiz. p. 01).

Sendo assim, o *Diverso* é próprio da identidade-rizoma; é uma raiz múltipla que se propaga sem prejudicar as outras plantas, como o faz o personagem principal da obra *O Homem de Barlovento* (2013): *se fosse por Mauricio, ficaria a noite toda escutando o estranho* (GARMATZ, 2013, p. 86).

Glissant corrobora que todas as pessoas podem viver nessa *totalidade mundo*, desde que exista respeito pela cultura do *Outro*, isto é, que o respeito à diversidade de todos os povos garante, a cada um, um lugar no mundo, nessa “totalidade-mundo” (Tout Monde) imaginada por Glissant.

Esse respeito não se impõe pela força, mas por uma mudança dos paradigmas quando se aceita a ideia de que nós temos necessidade de todas as comunidades, de todos os imaginários para viver. No momento em que Mauricio interage com Arturo e percebe que o *Outro* pode lhe entregar informações interessantes sobre o cacau, sua mente se expande como uma raiz rizoma e se abre para novas línguas e novas culturas, se propaga para obter mais informações:

Mauricio estranhou o fato de que o homem não dizer onde morava, de onde era, e, sim, responder onde havia nascido. Mas não quis ser indelicado e para continuar a conversa, perguntou mais sobre a fazenda de cacau.

— Cacau? Pois eu nem sabia que havia plantações de cacau na Venezuela.

— Há, sim! O chocolate da Venezuela é considerado um dos melhores do mundo, principalmente o produzido em Chuao. O cacau sempre foi um dos principais produtos de exportação do nosso país. Vendíamos para *chocolatiers* da Europa e Estados Unidos. Eles mesmos vinham comprar a nossa produção e embarcavam em navios no porto de Carenero. A velha estrada de ferro de 54 quilômetros que ligava a estação La Espanhola, em El Guapo, recolhia a produção de cacau na região e levava até o porto de Carenero, de onde era mandado para o mundo todo. Hoje, o velho trem é só um fantasma, não existe mais, apenas na memória e nos livros de história (GARMATZ, 2013c, pp. 84-85).

Há ainda, dois conceitos que Glissant introduz, por um lado, a *transparência* ou aquilo que se conhece hoje como estereótipo, ou seja, aquele pensamento dogmático que avança em linha reta e tem como ideal a compreensão totalizante. "A generalização é totalitária: ela escolhe do mundo uma parte de ideias ou de contatos que aceita e que tenta impor fazendo viajar os modelos" (GLISSANT, 1981 *apud* Ortiz, p.01).

O outro conceito contrário à *transparência* é o que Glissant chama de *opacidade*. A *diversidade*, que permite a *opacidade*, é o direito exigido pelo *errante*. Se o *errante* deseja conhecer a totalidade do mundo, ele sabe que se trata de uma busca que não acaba nunca. Assim, como afirma Glissant: "O errante rejeita o édito universal, generalizante, que resumia o mundo numa transparência e lhe dava um sentido e uma finalidade pressuposta. Ele mergulha nas opacidades da parte do mundo onde ele tem acesso" (GLISSANT, 1981 *apud* Ortiz, p. 01).

Para compreender ainda mais esses pensamentos e suas implicações, faz-se necessário analisar os conceitos de errância e nomadismo.

### 3.3.1 Mauricio como errante

Conforme o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, o termo *Errância* é definido como segue:

*Errância: Tem origem no latim: errantia.ae, como uma caminhada sem destino, uma viagem de um vagabundo. Atributo, estado, particularidade ou circunstância de errante. Este último definido como alguém que anda vagueando, que anda sem destino certo, vagabundo, não firme; vacilante. Diz-se dos astros não fixos (planetas, satélites e cometas) (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013 ).*

Zilá Bernd discorre sobre a etimologia de *errar* como contendo uma duplicidade de sentido: do latim *iterare*, que aponta para viajar, vaguear; e *errare*, que remete a incorrer em erro, em engano (BERND, 2012, p. 04).

A análise na obra *Figura na sombra* (2012), do escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil, comenta a primeira viagem do médico, botânico, naturalista (ou herborista, como se chamava no século XIX) Aimé Bonpland em companhia da figura eminente de Alexander Von Humboldt, científicos europeus que vêm à América investigar a diversidade das espécies vegetais.

Conforme aparece no texto de Bernd (2012 p. 04), a primeira viagem foi qualificada por Bonpland de errática, ou seja, aquela que se dá ao sabor das circunstâncias e do acaso, durante cinco anos, o contato com o *Outro* foi uma relação de estranhamento, prevaleceu o espírito científico, se comunicavam em francês com os índios ou através de interpretes e viveram circunstâncias adversas como o contágio da malária.

Na segunda viagem, enquanto Humboldt retorna do Novo Mundo com ânsia de contar sobre a multiplicidade e diversidade americana, Bonpland decide ficar no sul do continente americano, aprende espanhol e guarani (língua dos nativos no Paraguai, Argentina, Bolívia e Brasil) e chega a casar-se com uma índia da qual terá dois filhos. Bonpland vive a *Alteridade* com relação ao *Outro* e se identifica como tal, ao ponto de traduzir seu nome para Don Amado Bonpland e se dedica a cultivar a erva mate e aprende com os autóctones, novas práticas de cultivo.

Bernd narra que a viagem, a longa travessia do Atlântico foi motivada pela curiosidade científica, tendo sido diversas vezes ampliada em sua abrangência geográfica e na sua duração, tornando-se, ao mesmo tempo, uma busca interior.

Contudo, diz a autora, a viagem teve, portanto, um caráter de positividade pela descoberta e um de negatividade pelo desenraizamento:

Para além da inegável importância científica, teve um caráter iniciativo, de descoberta de si mesmos e da relação com a *Alteridade* radical dos autóctones; e um caráter de negatividade, de *desenraizamento involuntário*, de desterritorialização, que irá marcar os naturalistas para o resto de suas vidas. Para os dois naturalistas, a errância de cinco anos por diversas regiões das Américas foi marcada por grandes descobertas científicas e pelo desenvolvimento de afinidades sentimentais entre ambos, transformando a travessia de fronteiras e o desbravamento de terrenos inóspitos em descobertas interiores (BERND, 2012, p. 04)

Assim como os dois naturalistas Aimé Bonpland e Alexander Von Humboldt, para Mauricio, personagem principal de *O Homem de Barlovento* (2013), a errância se manifesta no sentido de viajante, desde o primeiro momento que se deslocou de Porangatu, sua terra natal, até a cidade de Boa Vista. Também teve um caráter de descoberta de si mesmo com relação ao *Outro*, ao estranho, ao desconhecido:

No começo estranhou algumas coisas, mas aos poucos foi se acostumando com o ritmo da cidade, com as pessoas, com o calor, com as chuvas do inverno... Os primeiros três meses tinham sido os mais difíceis. Ao final do primeiro ano já estava adaptado, morando num pequeno apartamento de dois quartos que alugara num condomínio do bairro Paraviana. Tinha conseguido trocar o carro por um Pajero TR4 da Mitsubishi, ótimo para andar em trilhas e estradas do interior, uma coisa que ele gostava de fazer nos finais de semana (GARMATZ, 2013c, p. 51)

Como já foi afirmado anteriormente, o deslocamento de Mauricio foi um desenraizamento voluntário, quando passou no concurso, ele foi se adaptando à cidade de Boa Vista e aos costumes do extremo norte do Brasil e admite ir além deste lugar:

Quanto à Venezuela, como temos pouco tempo, não vai dar prá conhecer muita coisa. Por isso sugiro que a gente vá só até Puerto La Cruz, e na volta conhecemos a Gran Sabana.

— Puerto La Cruz... Esse lugar é longe daqui? – perguntou Ricardo.

— Pelo que sei, fica a uns mil e duzentos quilômetros daqui. Se tivéssemos mais tempo poderíamos ir até a ilha de Margarita, mas nessa época é complicado, tem que fazer reserva antecipada no ferry-boat, senão não se consegue vaga para a travessia até a ilha. Mas, pelo que dizem, Puerto La Cruz é uma bela cidade. Eu também ainda não conheço, vamos conhecer juntos. Pelo menos molhamos os pés no mar do Caribe (GARMATZ, 2013c, p. 55)

Mauricio também se mostra errante quando conhece Arturo, “o estranho”, e decide buscá-lo, do mesmo modo que o citado naturalista Bonplant, quando decide voltar para o continente americano. Mauricio se envolve emocionalmente e transforma essa travessia em uma descoberta interior, pois o encontro com “o estranho”, com Arturo, marcará sua vida para sempre:

Nos meses seguintes Mauricio continuou sua pesquisa, quer pela internet, quer pelos livros, juntando e guardando o material em uma pasta de seu computador. Cada vez mais se interessava por esse assunto e não sabia direito nem o porquê daquilo. Afinal, fora apenas uma conversa com um estranho numa noite fria e estrelada. Mas, mesmo passado já algum tempo, parecia que alguma coisa o empurrava, o impelia a esclarecer aquilo tudo. Uma certeza tinha: viajaria novamente ao país vizinho em busca de respostas. Aproveitaria as férias para ir e conhecer a região sobre a qual Arturo havia lhe falado (GARMATZ, 2013c, p. 108)

A atitude rizomática de Mauricio lhe permite ir em busca de Arturo; a curiosidade como os navegantes mencionados o faz arriscar como um *errante* para o desconhecido e para a aventura, para descobrir o mistério sobre Arturo. Depois de falar com Hermenegildo, o amigo de Arturo e assim, como errante mesmo, sem ter informações suficientes, sai de Rio Chico, município no Estado Miranda (mesmo Estado onde está localizado o município de Barlovento) para Caracas (capital da Venezuela) em busca do Esteban, o irmão de Arturo:

Hermenegildo lhe informou também que Arturo tinha um irmão que era engenheiro e morava em Caracas. Ele sim poderia lhe dar todas as informações de que precisava. Só não sabia o endereço. Teria que procurar através da lista telefônica ou de outra maneira para poder localizá-lo. O nome dele era Esteban Reyes Luján. Não sabia nem ao menos se ainda vivia, porque devia estar também com uma idade avançada, assim como ele (GARMATZ 2013c, pp. 120-121).

### 3.3.2 Mauricio como nômade

Em *O Homem de Barlovento* (2013), o personagem Mauricio é por sua vez errante e nômade, pois, depois dele conhecer o Arturo e ele sumir misteriosamente, Mauricio decide ir à procura dele; na primeira busca como errante sem rumo fixo, sem saber aonde as informações o levariam; e na segunda busca se comportando como nômade, pois sofre diversos deslocamentos, guardando a memória de lugares que já tinha visitado, regressando inclusive à Venezuela em sua lua de mel.

Outro conceito paralelo à errância que é desenvolvido pelos autores Deleuze e Guattari (1995) é o termo *Nômade*, conforme o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa,

Nômade é originário do latim *nomas,-adis*, que não tem assento fixo corresponde a errante, quer dizer, Que ou quem muda de local de fixação para procurar pastagens novas, diferente do sedentário. Que ou quem não tem casa ou residência fixa, chamado também de vagabundo ou vagamundo (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013)

No entanto, no livro *Capitalismo e Esquizofrenia*, Vol. 5, os autores Deleuze e Guattari (1995), descrevem o nômade como alguém diferente do migrante, pois enquanto este último vai de um ponto a outro, mesmo que seja incerto, o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato, os pontos são para ele alternâncias num trajeto (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 42).

Os autores também afirmam que apesar de o trajeto nômade seguir as pistas ou caminhos habituais, não tem a função do caminho sedentário ou espaço fechado. O trajeto nômade faz o contrário, distribui os homens (ou os animais) num espaço aberto, indefinido, não comunicante. Para os autores franceses:

O espaço sedentário é estriado, por muros, cercados e caminhos entre os cercados, enquanto o espaço nômade é liso, marcado apenas por "traços" que se apagam e se deslocam com o trajeto (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 43).

Ou seja, o hábitat não está vinculado a um território, mas sim a um itinerário, como exemplo podemos citar que eles marcavam o território como lã ou pelo de cabra, sem intenção de apropriar-se do espaço que atravessavam, limitando-se à representação de seus trajetos.

O nômade permanece nesses lugares, embora as condições não sejam mais favoráveis, ele próprio os faz crescer, e o nômade se expande através dos rizomas:

O deserto de areia não comporta apenas oásis, que são como pontos fixos, mas vegetações rizomáticas, temporárias e móveis em função de chuvas locais, e que determinam mudanças de orientação dos percursos (DELEUZE E GUATTARI, 1995, pp. 45-46).

Bernd (2012, p. 05) aponta que enquanto o errante ignora onde seus passos o levarão, o nomadismo pressupõe uma memória dos lugares que é conservada pelo pastor ou pela comunidade, com a finalidade de orientar os deslocamentos da

tribo.

No capítulo 6, intitulado *A busca*, Mauricio começa uma pesquisa sobre esse “estranho”, o *Outro*, e seu contorno, aparecem informações e fatos históricos que são narrados no livro *O Homem de Barlovento* (2013) como por exemplo, a origem do nome da Venezuela ou pequena Veneza, como foi denominada por Américo Vespúcio, quando chegou pela primeira vez a América, conforme foi pesquisado pelo autor:

Queria conhecer *in loco* os lugares de que Arturo lhe falara. A princípio pensava em ficar de quinze a vinte dias, aproveitando também para conhecer novas praias que descobrira na internet. Desta vez iria sozinho, não queria envolver mais ninguém em suas buscas. Precisaria de tempo e paciência para descobrir alguma coisa a respeito de Arturo, se é que havia algo a descobrir. (GARMATZ, 2013c, p. 108).

No sétimo capítulo intitulado “A segunda viagem”, Mauricio partiu para Barlovento, município do Estado Miranda na Venezuela, para conhecer *in loco* o que Arturo lhe contara. Ele queria descobrir o mistério em torno desse estranho, foi nesse momento que começou a perceber o *Outro*:

(...) E viajando sozinho, o cuidado tinha que ser maior ainda. Sem muita pressa, passou por alguns lugares onde pessoas vendiam frutas à beira da estrada, abrigados em pequenos quiosques cobertos de folhas de palmeiras. Pode observar que quase todas as pessoas eram negras. Bem que Arturo dissera e ele lera nas suas pesquisas, que a região tinha sido colonizada por escravos, sinal de que estava perto de seu destino. Em certo trecho a rodovia cruzava por um túnel formado por enormes árvores que se erguiam dos dois lados, sombreando totalmente o asfalto. Aqui e ali se avistavam algumas casas por entre as árvores, quase escondidas, dos moradores da região. Mauricio percebeu ainda que à sombra das árvores havia cacauzeiros. Em suas pesquisas havia lido e visto muitas fotos sobre essa planta e sabia distingui-la dentre as demais. (GARMATZ, 2013c, p. 110).

Mauricio observou que as pessoas da região eram quase todas negras, lembrou-se dos escravos africanos e percebeu que os venezuelanos gostavam de usar cores fortes nas paredes das casas, uma característica caribenha. São percepções sobre o *Outro* e sua cultura, a sua história de vida, posteriormente, ele fica sabendo que Arturo havia morrido em uma tragédia com sua família no ano de 1982, havia uns vinte anos. A reação de Mauricio foi de buscar informações sobre Arturo, o estranho, para conseguir algumas indicações, decidiu ir procurar o irmão do

## Arturo em Caracas:

(...) Saiu andando devagar, sem pressa, observando tudo ao redor. Cruzou por algumas casas bem antigas, outras mais modernas, alguns comércios. Observou que os venezuelanos gostavam de usar cores fortes nas paredes de suas casas, o que já tinha notado em Puerto La Cruz. Parecia ser uma característica bem caribenha, os tons amarelos, lilases, azuis. Precisava conhecer e pesquisar um pouco mais sobre a cidade e iria procurar alguma livraria para encontrar um mapa, ou mesmo, publicações sobre a história da região. (GARMATZ, 2013c, p. 117).

Nesses percursos como nômade, Mauricio aprende através do movimento, do deslocamento, da necessidade de expandir e sair da casa-corpo, do corpo-território. O Nômade é aquele que não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha.

Mauricio se vê no *Outro*, e reconhece, em outros territórios, seu próprio “Eu”, territórios por ele conhecidos no Brasil como Rio de Janeiro:

(...) Assim como as maiores metrópoles brasileiras, Caracas também era cercada por outras cidades, que faziam parte da grande metrópole. Várias favelas nos morros circunvizinhos lembravam o Rio de Janeiro. (GARMATZ, 2013c, p. 129).

E quando o Mauricio procurava o irmão de Arturo para buscar mais informações, foi orientado a se deslocar para uma cidade perto de Caracas conhecida como Colonia Tovar,

(...) Nunca antes tinha ouvido falar nesse nome e nem tampouco sabia que existia um lugar entre as montanhas da Venezuela habitado por descendentes de alemães. Já lera sobre essas colônias, mas localizadas na Argentina e Chile, assim como das colônias alemãs do Brasil, principalmente as de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e Espírito Santo. Mas nada sobre alemães na Venezuela. Estava até curioso para saber como era esse lugar. (GARMATZ, 2013c, p. 134-135).

Foi ali que ele achou familiar o território que já conhecia no Brasil, a cidade de Gramado localizada no Estado de Rio Grande do Sul,

(...) Não demorou muito e Mauricio chegou à cidade, deparando-se com um pórtico na entrada. Uau, mas o lugarzinho era mesmo fantástico, com lindos chalés e construções de enxaimel, típicas da arquitetura alemã. A igreja, os hotéis, o museu, os prédios... Tudo lembrava Gramado e Canela, no Rio Grande do Sul, locais que visitara anos atrás. Até o pórtico era parecido com o de Gramado. Que bela surpresa! Não esperava encontrar um lugar assim na Venezuela. (GARMATZ, 2013c, p. 135).

Observamos aqui que o fato de Mauricio estar disposto a novas descobertas, permite-lhe surpreender-se no encontro com o *Outro*, o que caracterizaria uma atitude rizomática como um sistema aberto que permite a transculturalidade sem querer absorver o *Outro*, sem questionar seus costumes, sua cultura.

Esta atitude condiz com o comentário da autora venezuelana da Universidade Pedagógica Experimental Libertador, Caracas, Venezuela (UPEL), Elizabeth Sosa no artigo *La otredad: Una visión del pensamiento latinoamericano contemporáneo* (2009), onde ela utiliza a expressão “O intelectual “macondista”, definido como um produto de uma imaginação literária e com uma funcionalidade restrita:

Este intelectual ‘macondista’ tiene el reto de replantearse su relación con el medio cultural, convertirse en negociador de los elementos culturales para volver a seducir con nuevas imágenes, plantearse un lenguaje de apertura, donde pueda leerse la sociedad y no una parte de ella. (SOSA 2009, p. 10)<sup>7</sup>.

Sosa (2009) faz um chamado a se liberar da mentalidade “macondista”, da tradição, de culturas fechadas, que acham que só elas existem e que sua cultura é melhor que as outras.

Com relação Sosa (2009) afirma que o sujeito pós-colonial adquire a força discursiva para representar-se, expressar elementos substanciais do mundo, que esse sujeito enunciador (a mulher, o negro, o indígena, o gay) começa a ver-se em suas produções discursivas e com claras políticas de representação que expressam a sua experiência pessoal, com uma linguagem intimista de caráter reformista que vai além do léxico para alcançar o âmbito sociológico e psicológico, obrigando assim a compreender cada vez melhor a diferença:

Esta legitimación de comunidades de acuerdo con sus inclinaciones, gustos, intereses va desarrollando una especie de círculos tribales que seccionan capas importantes del tronco social. Es así como se observa diversas comunidades (comunidad de mujeres, homosexuales, roqueros, perforados, tatuados, culturales, musicales, indígenas) allí debe entrar el intelectual con un proyecto de renovación que satisfaga las expectativas colectivas en un escenario global presente en el seno de “culturas híbridas, cambiantes y mutantes”. El intelectual debe reflejar intereses y dibujar un proyecto integrador (SOSA, 2009, p.10)<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Esse intelectual ‘macondista’ é desafiado a repensar a sua relação com o ambiente cultural, converter-se em negociador dos elementos culturais para voltar a seduzir com novas imagens, plantear-se uma linguagem de abertura, onde possa ser lida a sociedade e não uma parte dela. (SOSA, 2009, p. 10). Tradução minha

<sup>8</sup> Essa legitimação das comunidades de acordo com suas inclinações, gostos, interesses

Essas comunidades às quais se refere Sosa (2009), que compartilham interesses comuns e estão em uma permanente construção de identidade, originam assim, culturas híbridas que são passíveis de ser analisadas à luz dos teóricos da pós-modernidade. Com a finalidade de compreender mais sobre essa legitimação das comunidades e reivindicações essencialistas do *Outro*, é importante levantar questionamentos sobre as implicações de fenômenos como hibridização, cultura e construção de identidade na pós-modernidade, temas que serão analisados no próximo capítulo.

---

desenvolve uma espécie de círculos tribais que dividem camadas sociais importantes do tronco social. Assim, observam-se várias comunidades (comunidades de mulheres, gays, roqueiros, perfurados, tatuados, culturais, musicais, indígenas) é aqui onde deve entrar um intelectual com um projeto de renovação que atenda às expectativas coletivas em um estágio global presente no seio de "culturas híbridas, que mudam constantemente e mutantes." O intelectual deve refletir os interesses e desenhar um projeto de integração. (SOSA, 2009, p.10) Tradução minha.

## 4. IDENTIDADE, HIBRIDIZAÇÃO E CULTURA EM *O HOMEM DE BARLOVENTO*

### 4.1 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MAURICIO

Neste tópico, discuto a construção identitária de Mauricio, que tem a ver tanto com a questão de reafirmação e reivindicação do próprio, quanto com o encontro com o *Outro*.

Identidade é um elemento complexo que é produto de amplas teorias e discussões dentro dos estudos culturais da contemporaneidade. Stuart Hall (2001, pp. 39,92) teórico cultural e sociólogo jamaicano fundador e ex-diretor do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, realizou estudos publicados como a obra *Identidade Cultural na Pós-modernidade* (2001), no qual propõe o novo conceito de identidade na pós-modernidade, caracterizando-o como um processo que está inevitavelmente em construção, é impuro e híbrido, assim definido:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2001, p. 13).

Hall desconstrói, assim, o conceito tradicional de identidade, ele expõe três concepções de identidades: aquela fixa e imutável tal como correspondia ao sujeito do século XVIII ou sujeito do iluminismo como é denominado por Hall dotado de "razão, consciência e ação com identidade individualizada" (HALL, 2001, p.10). A segunda concepção de identidade é a que vê o sujeito sociologicamente, já que o indivíduo tem que interagir com outros, não é autossuficiente, está em relação com outras culturas. E a terceira, a do sujeito pós-moderno, surgido na segunda metade do século XX, cuja identidade se constitui como processo histórico e não biológico, ou seja, o sujeito que postulasse uma identidade unificada desde o nascimento até a morte teria criado uma fantasia, pois o sujeito assume diferentes identidades diante de diferentes situações. Assim, a identidade está em construção, toma forma de múltiplas identidades quantas sejam possíveis, conforme convenha ao sujeito.

E como essas múltiplas identidades são produto de várias influências

culturais, de gênero, de classe social, religiosa, posicionamento político etc, faz-se necessário definir identidade nacional e identidade cultural. Com relação à identidade nacional, segundo Eurídice Figueiredo e Jovita Maria Gerheim Noronha, a ideia de nação começou a surgir na Europa a partir do século XVIII em torno de três pontos: língua, cultura e força militar, constituindo assim símbolos pátrios, nos quais os indivíduos pudessem se sentir representados por eles, como a bandeira, o hino, o folclore etc.

Para se constituir uma nação era preciso, portanto, já haver um estado de fato, que possuísse uma língua e uma cultura comuns, além de demonstrar força militar. Foi em torno desses três pontos que se formaram as identidades nacionais europeias. (FIGUEIREDO e NORONHA, 2005, p. 192).

A identidade cultural é reivindicada por grupos que não se apoiam em um Estado-Nação, mas que definem a pertença a uma cultura ou patrimônio comum. Para os grupos minoritários, a identidade cultural já não é mais uma *necessidade* senão uma *exigência*, Taylor (*apud* FIGUEIREDO e NORONHA, 2005, p. 200). Um exemplo significativo são os movimentos negros que se apoiam em um conceito de “raça”, o qual não deixa de ser um paradoxo, pois foram os colonizadores ou “brancos” que forjaram o conceito.

Ambas, identidade nacional e identidade cultural podem ser percebidas na obra *O Homem de Barlovento* (2013). O personagem Mauricio, no momento em que se deslocou da sua terra natal até Boa Vista, tinha a identidade de um sujeito do Centro-Oeste do Brasil, talvez com algumas ideias preconceituosas para com os habitantes do norte do país. Depois de viajar para a Venezuela, depreende-se que ele passou pelo processo de estranhamento, de perguntar-se quem é o *Outro*, de questionar-se quem é o excluído e quem é o incluído.

E essa *identidade* contém em si mesma o traço do *Outro*, isso supõe que a identidade se evidencia na diferença do *Outro*. Para entender melhor essa questão, recorri à afirmação do pesquisador brasileiro Tomaz Tadeu da Silva (2000) que diz “Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido” (SILVA, 2000, p. 75). Assim, se todo mundo é igual, não teria sentido falar de identidade, os conceitos *identidade* e *diferença* são inseparáveis, um depende do outro, precisa-se do *Outro* para afirmar a sua identidade.

No encontro de Mauricio com o estranho, percebe-se que Arturo afirma a sua

identidade de venezuelano, nascido em Chuao, quando ele responde à pergunta do Mauricio “E o senhor, de onde é?”. Constatamos que as afirmações de identidade só tem sentido na diferença, na homogeneidade não teria sentido fazer essa pergunta:

(...) Foi então que o homem fez uma pergunta de ordem pessoal e quis saber onde Mauricio morava.  
 - Eu... Eu moro em Boa Vista, Roraima, no Brasil, - respondeu Mauricio.  
 - E o senhor, de onde é?  
 - Eu nasci em Chuao, na região de Choroni, no estado Aragua. Meu pai tinha uma fazenda de cacau lá.  
 Mauricio estranhou o fato de que o homem não dizer onde morava, de onde era, e, sim, responder onde havia nascido. Mas não quis ser indelicado e para continuar a conversa, perguntou mais sobre a fazenda de cacau (GARMATZ, 2013c, p. 84)

Para Silva (2000), “a definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural” (SILVA, 2000, p. 84). Observa-se como a identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu *Outro*, pode-se perceber que no início, Mauricio se mostra incomodado com a presença do “estranho”, até que Arturo fale com ele. Depois disso, Mauricio conversou espontaneamente com o *Outro*, aquele mesmo que no início lhe era rejeitável, antinatural, estrangeiro. No momento em que Mauricio encontrou Arturo na Venezuela, ele chamou-o de “estranho”, porque era diferente dele, era o anormal, o “estrangeiro”:

Repentinamente sentiu uma coisa estranha, como se estivesse sendo observado por alguém. Um calafrio percorreu-lhe a espinha e parecia sentir até os pelos dos braços se arrepiando por debaixo do agasalho. Era uma sensação estranha, nunca sentida antes. Virou a cabeça lentamente para a direita e pode observar que havia um vulto perto dele, a cerca de dois metros. Na noite escura não dava pra ver direito, mas Mauricio conseguiu observar, através da pouca luz que irradiava da porta entreaberta do carro, que se tratava de um homem de estatura mediana, de barba grisalha e cabelos longos, não muito, na altura dos ombros. O homem, imóvel, dirigiu-lhe a palavra, falando em espanhol(...) (GARMATZ, 2013c, p. 83).

É importante ratificar aqui o que afirma Kathryn Woodward, que a “A identidade é marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000, p. 9), e essa diferença se apresenta através do processo de exclusão; a identidade é relacional, está vinculada a condições sociais e materiais, segundo Woodward, a identidade é marcada por meio de símbolos.

No caso de Mauricio o símbolo era a língua espanhola e se interessar pela

cultura do *Outro* assim como respeitar a identidade do *Outro*. Woodward também diz que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social, essa tentativa de afirmação de uma nova identidade condiz com o conceito da autora:

As identidades sempre envolvem reivindicações essencialistas, sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável. Essas reivindicações são baseadas na natureza, identidade étnica, de raça, parentesco (WOODWARD, 2000, p. 13).

Nesse conceito de identidade, Woodward destaca que essas reivindicações essencialistas dos diferentes grupos identitários têm a ver com a afirmação de suas raízes: diferenças de classe e de gênero, identidades nacionais (símbolos como bandeiras, hinos etc), condições sociais e materiais, movimentos étnicos ou religiosos etc.

O personagem Arturo reivindica sua essência, firma suas raízes, sua identidade como venezuelano, logo, o símbolo é o nacionalismo: “Eu nasci em Chuao, na região de Choroni, no estado Aragua. Meu pai tinha uma fazenda de cacau lá (...)” (GARMATZ, 2013, p. 84). Arturo menciona a “fazenda de cacau” porque para ele significa algo (ou muito), é um símbolo de identidade, os chocolates chegaram a ser muito famosos “Chocolates Luján”; a marca do produto tinha o sobrenome do pai dele, era produtora e exportadora.

Nesses grupos identitários envolvem-se reivindicações essencialistas e se discute quem pertence ou não a determinado grupo, ou seja, a identidade é vista como fixa e imutável. Essa identidade fixa e imutável é observada em *O Homem de Barlovento* (2013), quando Mauricio decide morar em Boa Vista, ainda um jovem advogado, católico, descendente de família síria,

\_\_\_ Na verdade, Luisa, mamãe descende de sírios, por isso o sobrenome Khaled. Vovô veio ainda jovem da Síria e se estabeleceu primeiramente em São Paulo. Tempos depois veio se aventurar pelo sertão do Centro-Oeste, no final da década de quarenta, após a segunda guerra. Já minha avó era nascida na região, filha de fazendeiros. Contam que ela um dia ela foi comprar alguns tecidos e se encantou pelo dono “do loja”, que era meu avô. Dessa união nasceram mamãe e mais dois irmãos (GARMATZ, 2013c, p. 202).

O fato de Mauricio ter um histórico de família de migrantes pode ser um motivo para ter uma mentalidade rizomática, para se expandir e considerar a língua e a cultura do *Outro*, considerando que cada indivíduo traz algo do seu lugar de origem. Pode-se especular sobre a facilidade de adaptação de Mauricio quando decidiu morar em Boa Vista e depois quando viajou para Venezuela e conheceu Arturo, o estranho.

Para Stelamaris Coser (2005), a novidade dos deslocamentos pós-modernos que diz respeito ao artista de hoje não busca legitimidade nem se insere em um estilo ou determinada escola como acontecia anteriormente:

mostrando-se híbrido e inacabado em sua própria concepção múltipla, o pós-modernismo não é um estilo mas a co-presença tumultuada de todos, o lugar onde os capítulos da história da arte e do folclore cruzam entre si e com as novas tecnologias culturais (COSER, 2005, p. 178).

Em outras palavras, os desenraizamentos, deslocamentos ou movimentos migratórios, dentro ou fora do país, trazem como consequências um fenômeno contemporâneo conhecido como hibridismo ou hibridização, outrora chamado de mestiçagem e sincretismo, vivido pelos brasileiros e latino-americanos de um modo geral. Para isso, o próximo tópico será sobre a questão do híbrido e como se manifesta em *O Homem de Barlovento* (2013).

#### 4.2 O HIBRIDISMO CULTURAL COMO RESULTADO DO ENCONTRO COM O OUTRO

Híbrido pode ser tanto o autor Garmatz que, sendo gaúcho, escreve sobre a região de Roraima e Venezuela, quanto o personagem Mauricio em *O Homem de Barlovento* (2013) que passa pelo processo de adaptação e readaptação às novas culturas. Em primeiro lugar, quando ele decide morar em Boa Vista e deixa sua terra natal Porangatu (Goiás) e logo depois, no encontro com o “estranho” na Venezuela; ele passa pela tolerância à diversidade cultural do “estranho” (Arturo), que o influencia de tal forma imprimindo nele a ansiedade pela descoberta do mistério.

Aparentemente, a palavra *híbrido* nos remete a uma conotação negativa, conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, explica:

Híbrido. Do lat, ibrida, híbrida ou hybrida, “filho de pais de diferentes países ou de condições diversas”, evidentemente relacionado com o gr. Hýbris, “destempero”, “excesso”, poss. Pelo fr. Hybride.). Adj. 1. Biol. Originário do cruzamento de espécies diferentes (...) (*Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* 4ª Edição (2009, p. 1036)

Conforme o texto de Coser (2005), apesar de a ciência europeia ter divulgado que a miscigenação seria danosa para a espécie humana, na prática, a botânica tem demonstrado que as espécies híbridas mostraram maior resistência que as espécies puras. Entretanto, predominou nos Estados Unidos no século XIX a ideia que a mistura étnica e racial era perigosa e que degenerava as espécies. Já no século XX, há uma pesquisa sobre o Brasil para entender como era possível um menor grau de conflito entre as raças preta e branca. Os estadunidenses constataram que a posição social do mulato no Brasil contribuía para uma “híbrida solução brasileira”.

Coser (2005) também afirma que híbrido é um tópico fundamental dos Estudos Culturais, inicialmente de professores ligados ao Caribe anglófono como Stuart Hall e Paul Gilroy, de outros pesquisadores como o argentino Nestor García Canclini, que estuda os fenômenos de hibridização na fronteira México-Estados Unidos e das comunidades latinas naquele país. No Brasil, destacam-se os estudos de Zilá Bernd, com ênfase no Quebec e nas Antilhas francesas.

Coser (2005, p. 179) cita a definição do termo *híbrido* da brasileira Zilá Bernd como identidades construídas, ambíguas, impuras, heterogêneas e deslocadas e acredita na possibilidade “fertilizadora” da “inscrição subversiva” de culturas marginais nas culturas hegemônicas, ou seja, podem vir intensas misturas ou choques culturais, em especial, em espaços de fronteira onde podem surgir personagens ou narrativas com características híbridas que enriquecem a tematização de autores locais.

Em *O Homem de Barlovento* (2013), observa-se que o personagem-narrador passa por vários momentos de hibridismo, e se permitem misturar a narração, no uso da língua espanhola:

Uma vez em Santa Elena, procuraram um lugar para tomar café, ou o *desayuno*, como dizem os vizinhos venezuelanos (...) (GARMATZ, 2013c, p.60)

Menos de cinco minutos depois seguiam novamente pela *carretera*, como são chamadas as estradas na Venezuela. (...) (GARMATZ, 2013c, p.62)

Seguiram conversando sobre o monte até chegarem a San Inácio, uma pequena vila dos índios Pemón à beira da estrada e onde se localizava uma

*alcabala*, um posto de fiscalização da Guarda Nacional. (...) (GARMATZ, 2013c, p.62)

Vê-se, no início do livro, a preocupação do narrador com o uso da língua espanhola. Embora ele explique o seu significado, faz questão de utilizar termos em espanhol, para que o leitor conheça e se familiarize com os termos ou informações de que o leitor (ou suposto viajante) possa necessitar, caso faça o mesmo percurso.

Mais adiante na obra, mais familiarizado da língua espanhola, Mauricio já não faz questão de explicar o significado das palavras em espanhol. Quando Mauricio vai visitar Esteban, o irmão de Arturo, em busca de mais informações, subentende-se que o leitor, nesse momento da leitura, já consiga compreender a equivalência linguística:

Mauricio disse que queria presentear Esteban com um *recuerdo*, entregando-lhe um exemplar do livro.

- Eu sei que o senhor não compreende muito bem a minha língua, mas mesmo assim gostaria que o senhor o aceitasse.

- *Muy agradecido*. - respondeu Esteban, segurando o livro com ambas as mãos.

Olhou a capa, onde se lia o título “O Homem de Barlovento”, e o nome de Mauricio.

- Foi em homenagem a Arturo que dei esse nome ao livro. - complementou Mauricio. E foi graças ao livro que conheci Luisa.

- Não me diga! - espantou-se Esteban. Meu irmão, onde estiver, certamente está feliz com esse encontro. (GARMATZ, 2013c, p. 245).

Nesse momento, Mauricio estaria entrando em um processo de *tradução cultural*, tal como COSER (2005) afirma, “hibridismo se refere não a um sujeito *híbrido* formado e assumido como tal, mas ao angustiante processo de tradução cultural” (COSER, 2005, p. 172). No caso específico de *O Homem de Barlovento* (2013), depois de se estabelecer em Boa Vista e de suas viagens pela Venezuela, Mauricio vai virando um ser traduzido culturalmente, ele consegue descrever a história da cidade até melhor que um boa-vistense:

\_\_\_ Foi ali onde a cidade nasceu. A casa onde hoje está o bar era a sede de uma fazenda, ao redor da qual começou a se formar um pequeno povoado com o pomposo nome de Freguesia de Nossa Senhora do Carmo da Boa Vista do Rio Branco.

\_\_\_ Puxa, Mauricio, estou admirada. Você tá por dentro da história da cidade, - comentou Luisa.

\_\_\_ É, eu andei lendo bastante sobre a história da cidade, tenho até alguns livros em casa. Esse é um assunto que me atrai, eu gosto de saber a origem das cidades. (GARMATZ, 2013c, p. 225).

Esse sujeito traduzido culturalmente é consequência dos deslocamentos, percursos ou movimentos diaspóricos que o personagem Mauricio teve ao longo da obra, incorporando assim, uma nova identidade, que agora considera a diferença, o *Outro*, o estranho. Mauricio, como sujeito *híbrido*, dentro e fora do Brasil, incorpora uma cultura híbrida a qual já foi motivo dos estudos culturais de autores como Canclini (2008) e Bhabha (1988), ele experimenta o hibridismo a partir do cruzamento das fronteiras, tanto físicas como mentais, fenômenos que serão analisados no seguinte tópico.

#### 4.3 CRUZANDO AS FRONTEIRAS EM O *HOMEM DE BARLOVENTO*

O interesse especial deste tópico é ratificar o cruzamento das fronteiras, o encontro com o *Outro*, os diferentes cruzamentos culturais, o desconhecimento da cultura do *Outro* e a superação dos estereótipos, aspectos pelos quais passou o personagem Mauricio dentro da obra *O Homem de Barlovento* (2013).

Como afirma Coser (2005, p. 177), as culturas híbridas estudadas pelo autor argentino Nestor García Canclini nas últimas décadas do século XX situam-se zonas intermediárias entre os espaços anglo e latino. Canclini, radicado em México, com vivência profissional inclusive no Brasil, propõe-se a discutir os *cruzamentos culturais* surgidos por meio da experiência dos exílios e das novas raízes.

Coser (2005) comenta que Canclini (2008) salienta que as culturas pós-modernas podem ser ditas de fronteiras. São culturas resultantes do contato com o *Outro* e decorrentes dos deslocamentos de bens simbólicos, (o autor vê o hibridismo como um processo multicultural, de diálogo entre diversas culturas e capaz de possibilitar o respeito, a valorização e a tolerância às diversidades culturais).

Coser (2005) destaca no seu texto que enquanto para Canclini (2008) o hibridismo cultural pode ser interpretado como um processo de adaptação e readaptação às novas culturas, para Bhabha (2010) e Hall (2003) o hibridismo é um processo que resulta de embates e choques culturais. A hibridação cultural traz ao sujeito novas formas de significação que, muitas vezes, são totalmente opostas às

suas matrizes culturais de origem, fato este que ocasiona no sujeito uma *crise de identidade*<sup>9</sup>.

Entre os embates ou choques culturais que são determinados, consciente ou inconscientemente pode-se mencionar o que se conhece atualmente como *estereótipo*. Quem investiga esse tópico é Homi Bhabha (2010), teórico indiano, crítico literário que pertence a uma corrente de pensamento conhecida como pós-colonialismo, que se caracteriza por ser um movimento crítico, dialético, com reconhecimento da alteridade (Eu no *Outro*). Bhabha atualmente leciona na Universidade de Harvard nos Estados Unidos, é professor de literatura inglesa e americana e diretor do Centro de Humanidades da mesma universidade. O autor indiano seria um exemplo de sujeito hibridizado pós-colonialista, detentor de identidades pluralizadas.

Em o capítulo III do livro *O local da cultura* (2010), Bhabha afirma que o *estereótipo* é um “discurso colonialista”, pois a construção ideológica da alteridade depende do conceito de “fixidez” e esse conceito é um signo da diferença cultural/histórica/racial que, por sua vez, é um modo de representação paradoxal; “o discurso colonialista é rígido e imutável, como também implica desordem, degeneração e repetição demoníaca”. Para Bhabha:

Do mesmo modo, o estereótipo que é sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido... (BHABHA, 2010, p.105).

Glissant (1981) corrobora este pensamento, como já foi mencionado. Para o martinicano, o *estereótipo* ou transparência, representa o pensamento dogmático que generaliza, totaliza, é um preconceito cultural. Quando os amigos de Mauricio, Telma e Ricardo, vão visitá-lo em Boa Vista pela primeira vez, eles se surpreendem com a cidade que encontram:

---

<sup>9</sup> Termo utilizado por Hall (2003) para caracterizar a contemporaneidade onde o sujeito não mais se identifica com o que é preestabelecido socialmente como marca de sua identidade. Os sujeitos interagem com o mundo, e a partir de então constroem novos pontos de vista, novos modos de ver o mundo e o outro, a sociedade. (HALL, 2003, p. 13-21).

- Puxa, Mauricio, a gente não esperava que a cidade fosse assim, com ruas largas, bem arborizadas... É bem diferente do que imaginávamos. Sabe, quando se fala em Amazônia, a primeira coisa que nos vem à mente é floresta, bicho, índio, muita água... Mas aqui é diferente, têm montanhas, campos... Realmente é bem diferente.

- Pois é, acho que todo mundo que vem pela primeira vez se espanta. Imagina encontrar outra coisa. Tem gente que vem pra cá e não volta mais, acaba ficando. Existe até um ditado por aqui que diz que quem bebe água do rio Branco, sempre volta. E vocês sabiam que Boa Vista é a única capital de estado totalmente acima da linha do Equador? Pois é, estamos no hemisfério norte, somos primeiro mundo, - brincou (...) (GARMATZ, 2013c, p.54-55).

Os amigos de Mauricio, que são de Goiânia, achavam que em Boa Vista não encontrariam elementos de uma cidade civilizada, senão floresta, índio com flechas e bichos, *estereótipos* alimentados em torno das cidades da região amazônica. Talvez por isso, o autor faça questão de colocar os detalhes da cidade de Boa Vista, os acontecimentos históricos e outras curiosidades, com a finalidade de informar ao leitor sobre esses aspectos da cidade. Entretanto, a tentativa de desconstrução desses estereótipos passa pela descrição dos lugares que caracterizam a cidade:

Nos dois dias seguintes, Ricardo e Telma conheceram a cidade junto com Mauricio. Visitaram alguns pontos turísticos, como a matriz Nossa Senhora do Carmo, construída em 1909 por padres beneditinos alemães, a única igreja da região norte em estilo barroco alemão. Também visitaram a Prelazia, que foi a primeira sede do governo, a igreja de São Francisco, a Intendência, a serra do Tepequén no município de Amajari, e deram um pulo até Lethem, na Guiana. A noite era reservada para curtir os restaurantes e barzinhos da cidade, tomar umas cervejinhas na Praça Ayrton Senna, na Avenida Ene Garcez. (GARMATZ, 2013c, p. 54)

Do mesmo modo, quando Mauricio e seus amigos viajam para Venezuela, encontram-se com várias informações tais como o valor da gasolina, a velocidade nas estradas venezuelanas:

(...) Quando Mauricio foi pagar a conta da gasolina, Ricardo ficou de boca aberta, abismado. Em reais, não passava de R\$ 4,00 o valor do abastecimento. Era um negócio inacreditável, se comparado com o preço dos combustíveis no Brasil (GARMATZ, 2013c, p. 64)

Ricardo se admirava com os carrões antigos, grandes e compridos, umas verdadeiras banheironas, que podiam ser vistos a toda hora e em alta velocidade. Nas autopistas da Venezuela os carros andam em alta velocidade, diferentemente do Brasil, onde há limite de velocidade. Pouco depois o trânsito aumentou bastante e perceberam que já estavam chegando a San Félix, separada de Puerto Ordaz pelo rio Caroni. (GARMATZ, 2013c, p. 66).

No encontro com Arturo, “o estranho”, Mauricio se surpreende com as informações sobre o cacau venezuelano, ao parecer que nunca tinha ouvido falar deste assunto:

- Cacau? Pois eu nem sabia que havia plantações de cacau na Venezuela (GARMATZ, 2013c, p.85).

Quando o personagem Mauricio começa seu percurso pelas terras venezuelanas, observa-se que o personagem-narrador percebe a necessidade de informar ao leitor sobre o vizinho país. Assim, no capítulo 6 intitulado *A busca*, o autor descreve em quase todo o capítulo a história da Venezuela desde a época da colônia.

Da mesma forma, na lua de mel, quando Mauricio leva a Luisa pela primeira vez a conhecer as praias do Caribe venezuelano, ilha Los Roques, Luisa exclama:

- Mas o que significa isso? Los Roques...Onde fica esse lugar, Mauricio?  
 - Los Roques fica no Caribe e significa que nós teremos que estar em Maiquetía daqui a três dias e que vamos passar nossa lua-de-mel nesse lugar, um arquipélago que fica na costa da Venezuela. Tenho certeza que você vai adorar, Luisa.  
 - Mas... E como é que a gente vai?  
 - Olha só; daqui a gente vai por terra até Caracas. De lá descemos até Maiquetía, deixamos o carro no hotel ou num estacionamento e pegamos o avião para Los Roques. Só pra você entender, Maiquetía é uma cidade que fica na costa da Venezuela, onde está o aeroporto de Caracas. Existem vários hotéis por perto e é num deles que deixaremos o carro até voltarmos de Los Roques. Já está tudo acertado, como pode ver: a licença do carro, as passagens, a reserva no hotel de Maiquetía, as reservas na pousada onde ficaremos em Los Roques... Está tudo aí.... Vem, vou lhe mostrar onde fica. (GARMATZ, 2013c, p.231).

Ao ler este trecho, o leitor compartilha com Luisa o desconhecimento que ela tem da ilha, mas se percebe mais uma vez, a preocupação do narrador de esclarecer sobre os lugares desconhecidos:

- Meu amor, isso aqui é um paraíso. Eu não imaginava que na costa da Venezuela existisse um lugar assim. Como é que você descobriu esse lugar? (GARMATZ 2013c, p. 239).

O desconhecimento de uma determinada região faz com que o indivíduo tenha ideias pré-concebidas, é a *fixidez* da qual fala Bhabha (2010), que consiste em

uma fantasia que se cria em cada sujeito e que nega a diferença do *Outro*, “o estranho”, o estrangeiro, o estereótipo ou *fetichê*, nas palavras de Bhabha, definido como uma ideia fixa e obsessiva, repetitiva, que por causa da sua própria crença, recusa a diferença e por sua vez rotula, dá acesso a uma “identidade” que quer dominar ou se defender, para Bhabha:

O estereótipo é uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais (BHABHA, 2010, p. 117).

Nesse sentido, o estereótipo é uma ideia simplista que imprime um jogo de afirmação, neste caso de índole geográfica de prestígio, por exemplo, só a Europa é bonita, só os Estados Unidos têm belezas dignas de ser visitadas etc. Por que na Venezuela não pode existir um lugar assim? Talvez pelo fato de ser um país periférico, sem o valor nem reconhecimento que têm as cidades famosas, mas com histórico de problemas sociais, políticos e econômicos complicados. Quando Mauricio leva Luisa para conhecer essa cidade, ela reage com muita admiração e com surpresa:

- Que lugar fantástico! Parece coisa da Europa, como a gente vê em revistas. Aqui que é a Colônia Tovar, Mauricio? A do livro? É?
- Isso mesmo. Essa era a surpresa que eu estava preparando pra você.
- Adorei. Olha quantas flores! Que lugar lindo!
- Você precisa ver os restaurantes que tem aqui, as casas de chocolate, a cerveja artesanal... (GARMATZ, 2013c, p. 241-242).

A reação de Luisa reafirma o estereótipo em torno da Venezuela como país periférico, “é por isso que não merece” ter lugares bonitos como a cidade de Colônia Tovar?

Aquela mesma sensação de surpresa de Luisa, foi a que Mauricio teve quando visitou Colônia Tovar pela primeira vez. Esta cidade venezuelana é tradicionalmente formada por descendentes de alemães. Entretanto, a presença de pessoas afrodescendentes impressionou Mauricio:

Pode observar que quase todas as pessoas eram negras. Bem que Arturo dissera e ele lera nas suas pesquisas, que a região tinha sido colonizada por escravos, sinal de que estava perto de seu destino ( GARMATZ, 2013c, p. 110).

Mauricio não imaginava que a Venezuela pudesse ter uma cidade com chalés e outras construções típicas da arquitetura alemã, similares às que se encontram em Gramado, no Brasil. Devido ao estereótipo em torno da Venezuela, talvez nunca tivesse imaginado que pudesse existir um lugar assim nesse país; quando se atreveu a cruzar a fronteira ele pode perceber a diferença, como já foi mencionado no início deste capítulo.

A fronteira primeiro, foi cruzada fisicamente e, logo após, foi cruzada mentalmente, o que nos remete à citação de Heidegger utilizada por Bhabha (2010) para definir fronteira: “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*” (BHABHA 2010, p. 19). Este *presente* tem uma conotação especial na contemporaneidade, pois há uma tendência incessante a perpetuar as fronteiras do “presente”. Um exemplo significativo dessa tendência é a utilização do prefixo “pós”: pós-colonialismo, pós-modernismo, pós-estruturalismo.

As fronteiras são imaginárias e definidas conforme um conjunto de valores, costumes e crenças que qualificam determinado grupo social. Autores como Mary Louise Pratt (*apud* HANCIAU, 2005, p. 134) que aborda o conceito de fronteira como “zona de contato”, termo tomado emprestado da linguística, semelhante à expressão *línguas em contato*, no qual linguagens improvisadas se encontram em um processo de comunicação em determinado espaço. Este é um espaço no qual as culturas se desencontram, em que surge uma série de relações assimétricas de dominação e subordinação, ou em palavras de Bhabha, relações de colonizador e colonizado.

Uma “zona de contato” bastante controversa é o caso da fronteira México com os Estados Unidos onde há muitos conflitos étnicos, econômicos e culturais. Os *chicanos*, termo usado coloquialmente para definir os nascidos nos Estados Unidos descendentes de mexicanos, muitos vezes usam o *spanglish* para se comunicar, pois pertencem aos dois lugares. Os mexicanos do norte vêm de um processo histórico de violência e perda de suas terras para os Estados Unidos, e quando um mexicano cruza a fronteira do sul dos Estados Unidos, ganha o status de “imigrante forçado” (PORTO e TORRES, 2005, pag. 242), pois ele volta para casa, para as

terras que outrora foram mexicanas.

Porto e Torres também relatam em seu texto que essas histórias de conflitos raciais e econômicos, discriminação da sua herança cultural e exploração econômica foram retratadas em baladas de origem folclórica cantadas ou contadas na fronteira dos Estados Unidos com o México conhecidas como *corridos*, para demonstrar que a fronteira dos *chicanos* expande-se para além do limite meramente geográfico. O trecho abaixo é um *corrido* intitulado “*Somos Más Americanos*”, o qual satiriza o *narcocorrido* (referência ao narcotráfico na fronteira do México com os Estados Unidos) (PORTO e TORRES, 2005, p. 244-245):

#### **Somos Más Americanos**

Ya me gritaron mil veces  
Que me regrese a mi tierra  
Porque aquí no quepo yo  
Quiero recordarle al gringo  
Yo no crucé la frontera  
La frontera me cruzó  
América nació libre  
El hombre la dividió  
Ellos pintaron la raya  
Para que yo la brincara  
Y me llaman invasor [...]¹⁰

A “zona de contato” tem uma perspectiva positiva no momento em que esse espaço ou fronteira consegue se transformar em um local comum, de trocas, de entendimento e de benefício mútuo. Para o chicano, a fronteira entre México e Estados Unidos não existe, a fronteira o cruza porque ele percebe que essa zona de fronteira faz parte do cotidiano dele, ou seja, para ele, de um lado ou de outro, não faz diferença, para ele a América nasceu livre, ele não é o invasor, ele não cruzou a fronteira, a fronteira o cruzou.

Em *O Homem de Barlovento* (2013), vale a pena destacar que, conforme a história, Mauricio passou no concurso público para procurador do Ministério Público Federal e chegou a morar em Boa Vista-Roraima assumindo este cargo desde 2001.

---

<sup>10</sup> [Já me gritaram mil vezes/Que regresse a minha terra/Porque eu aqui não caibo/Quero lembrar ao gringo/Eu não cruzei a fronteira/A fronteira me cruzou/ A América nasceu livre/ O homem a dividiu/ Eles pintaram uma faixa/ para que eu pulasse/E me chamam de invasor.]. Traduzido por Porto e Torres (2005, p.245).

O personagem Mauricio diz que demorou quatro anos para escrever o livro. Nesta época evidenciou-se que na fronteira Brasil-Venezuela, mais especificamente, nas cidades Pacaraima (Roraima-Brasil) e Santa Elena de Uiarém (Estado Bolívar, Venezuela), vivia-se um intenso comércio de produtos de primeira necessidade, assim como também um grande fluxo de turistas que aproveitavam o câmbio favorável para passear pelo país vizinho, especialmente para desfrutar das praias do Caribe venezuelano, viajando pela estrada, pois o preço do combustível permitia reduzir os custos para os turistas brasileiros dentro da Venezuela.

Depois de ter feito esse percurso, Garmatz decidiu escrever o livro (e ficcionalmente o personagem Mauricio que, por acaso, está também lançando o livro intitulado *O Homem de Barlovento*). Atualmente, o fluxo de turistas na Venezuela diminuiu consideravelmente devido à situação social e política do país: problemas de insegurança e inflação que ocasionaram desabastecimento dos supermercados na cidade de Santa Elena. No entanto, os brasileiros continuam beneficiando-se com o câmbio favorável da moeda brasileira (Real) frente à moeda venezuelana (Bolívar) e a presença do *portunhol* como língua fronteiriça utilizada pelos comerciantes, taxistas e outras populações flutuantes nesta fronteira.

Conforme aparece no texto de Hanciau (2005), a dimensão de fronteira para a pesquisadora brasileira Sandra Pesavento possibilita (pelo contato e permeabilidade) o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, um “terceiro” que se insinua na situação de passagem (PESAVENTO, 2001, *apud* HANCIAU 2005, p.134). Os contatos fronteiriços têm tanta possibilidade de ser consensuais como conflituosos, podem chegar a confundir as definições de tradição e modernidade ou desafiar as expectativas normativas.

Essas zonas de contato, com surgimento do novo, do híbrido, do terceiro, a partir do contato com o *Outro*, vão se localizar em um espaço imparcial, que não pertence nem a um lado nem ao outro. Esse espaço intervalar conhecido mais comumente como *entre-lugar* é o que será analisado no tópico seguinte junto com suas manifestações.

#### 4.4 OS PERSONAGENS DO ENTRE-LUGAR

Observei que os personagens de *O Homem de Barlovento* (2013) desconstroem preconceitos sobre a Venezuela. A personagem Luisa, depois de ter cruzado a fronteira Brasil/Venezuela, começou a mudar seus pensamentos estereotipados para com o país vizinho. As belezas naturais venezuelanas desafiaram suas expectativas; como jornalista, ela nunca havia tido a oportunidade de conhecer as terras desse país. Ela confessa que tinha poucas informações sobre a Venezuela e, como Mauricio, ela mostra uma mentalidade “rizomática”, disposta a conhecer a cultura do *Outro*:

- Mauricio, confesso que não sabia nada sobre a Venezuela. As únicas coisas que ouvia era sobre o presidente, que volta e meia está na mídia. Mas não imaginava que as cidades fossem tão grandes e os lugares tão fantásticos como os por onde passamos até agora (GARMATZ 2013c, p. 246-247).

- Pois é, nós vivemos aqui tão perto. Temos mais é que aproveitar e conhecer esses países, sua cultura, sua gente, sua história. Além do mais, é tão barato viajar aqui na Venezuela, com a gasolina a esse preço irrisório (GARMATZ, 2013c, p. 247).

Uma vez ultrapassada a fronteira, observa-se que no momento em que os personagens da obra *O Homem de Barlovento* (2013), se atrevem a cruzar esse “além” como é definido por Bhabha: “um movimento exploratório incessante, que o termo francês *au-delà* capta tão bem (aqui e lá, de todos os lados), *fort/da* [sic], para lá e para cá, para a frente e para trás” (BHABHA, 2010, p. 19), os personagens estão dispostos a se encontrar com o novo, o desconhecido, “o estranho”, o estrangeiro, o *Outro*.

Esse “além”, ao qual se refere Bhabha (2010), é uma proposta que tem a ver com um movimento de vaivém, um tipo de fluidez que acontece no que ele chama de “terceiro espaço”, um espaço que nem é novo do futuro, nem é abandono do passado, é um presente de uma contemporaneidade cultural, um espaço no qual conflui uma série de trocas e mudanças interculturais, espaço sempre movediço, nunca fixo, que visa acabar com os estereótipos, com as ideias pré-concebidas da

cultura do *Outro*, abrindo possibilidades às culturas híbridas.

Conforme citado no texto de Hanciau (2005, p. 127), dentro desse “terceiro espaço” ou “espaço intersticial” como denomina Bhabha, existem outros autores que também investigam este fenômeno, e que já criaram diversas terminologias, chamando-o de “Entre-lugar” (Silviano Santiago), lugar intervalar (Edouart Glissant), tercer espacio (A. Moreiras), the thirdspace (revista Chora), in-between (Walter Mignolo e S. Gruzinski), caminho do meio (Zilá Bernd), zona de contato (Mary Louise Pratt) ou de fronteira (Ana Pizarro e Sandra Pesavento), hors-lieu (Régine Robin).

O autor polonês naturalizado britânico, Zygmunt Bauman, em seu livro *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi* (2005), narra o episódio que viveu quando foi receber o título de doutor *honoris causa* na Universidade de Praga e tinha que decidir qual hino escolheria para receber o título. Bauman teve dificuldade para escolher, pois apesar de ter nascido na Polônia, não poderia escolher o hino polonês porque tinham tirado dele o direito a lecionar, nem podia escolher o hino britânico porque, embora sendo naturalizado, ele não se sentia britânico:

Mas lá, na Grã-Bretanha, eu era um estrangeiro, um recém-chegado – não fazia muito tempo, um refugiado de outro país, um estranho (BAUMAN, 2005, p. 15)

Por fim, por sugestão da sua esposa, decidiu-se pelo hino da Europa, pois ao final ele tinha uma identidade europeia, essa foi uma solução “includente” e por sua vez “excludente”. Bauman (2005, p. 16), de um lado, abraçava os dois pontos de referência, mas também anulava as diferenças entre as duas nacionalidades, e ainda, excluía uma identidade definida em termos de nacionalidade, a polonesa.

Essa terceira opção, esse terceiro espaço que Bauman escolheu é um *entre-lugar* que exemplifica que as identidades não são permanentes, são negociáveis, são líquidas, em palavras de Bauman:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17).

O brasileiro Silviano Santiago, quando vivia nos Estados Unidos em 1970,

utilizou o termo *entre-lugar* no ensaio *O entre-lugar do discurso latino-americano* (2000), querendo significar um movimento de resistência do colonizado à imposição dos valores e costumes do colonizador europeu. Santiago assinala que América Latina se constitui em um espaço (*entre-lugar*) que desconstrói (desloca, desmitifica), os conceitos de *unidade e pureza* os quais perdem seu sinal de superioridade ao se deparar com o processo de *mestiçagem*, criando assim uma cultura *híbrida* que constituiria um caminho para a descolonização,

Em virtude do fato de que a América Latina não pode mais fechar suas portas à invasão estrangeira, não pode não pode tampouco reencontrar sua condição de “paraíso”, de isolamento e de inocência, constatasse com cinismo que, sem essa contribuição, seu produto seria mera cópia, um cópia fora de moda, por causa desse retrocesso imperceptível no tempo de que fala Levi Strauss. (SANTIAGO, 2000, p. 16)

O autor retoma uma citação histórica sobre o conflito armado entre gregos e romanos (ou bárbaros como eram chamados pelos gregos porque não falavam sua língua), o rei grego Pirro se surpreende porque os bárbaros não se comportam como tais, os gregos subestimaram a arte militar dos estrangeiros, dos bárbaros, dos romanos.

Esse é um conceito de superioridade, o mesmo que tiveram os colonizadores europeus quando chegaram à América, impondo tanto a representação religiosa como a língua europeia: “tal foi o trabalho a que se dedicaram os jesuítas e os conquistadores a partir da segunda metade do século XVI no Brasil” (SANTIAGO, 2000, p. 13). Os indígenas perderam assim sua língua e seu sistema do sagrado e tiveram de substituí-lo pelo modelo europeu.

Para Santiago, “evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista” (SANTIAGO, 2000, p. 14). Com esse extermínio dos valores originais, o esquecimento gradual das suas origens, a América vai-se tornando uma cópia da Europa, como única via da civilização.

O autor cita o caso das cidades na América que foram batizadas seguindo o modelo europeu: New England, Nueva España, Nova Friburgo, Nouvelle France, etc. O adjetivo “novo” tem um significado diferente ao que aparece no dicionário, isto é, fora de moda. O neocolonialismo no século XXI exporta valores fora de moda aos países terceiro-mundistas, pois enxerga neles desequilíbrios, qualidade inferior, pré-fabricado, tudo controlado pela metrópole.

Quanto à literatura, Santiago assinala que o escritor latino-americano tem o mesmo olhar malévolo e audacioso de Roland Barthes quando toma como referência um conto de Balzac e propõe a divisão dos textos literários em dois tipos: Textos legíveis e textos escrevíveis (SANTIAGO, 2000, p.19). Os primeiros são os textos que podem ser lidos, mas não escritos nem reescritos, e ainda, convidam ao leitor a permanecer passivo. Os segundos, pelo contrário, incentivam o leitor a se aventurar como produtor de textos e a abandonar sua posição de consumidor.

Os textos escrevíveis são aqueles que há muito tempo fazem parte dos escritores de uma cultura dominada por uma outra, despertando-os, transformando-os, radicalizando-os como outrora o fizeram os escritores da antropofagia brasileira. Segundo Santiago (2000, p. 26) a literatura latino-americana de hoje nos propõe um texto, e ao mesmo tempo, uma leitura crítica; o escritor latino-americano nos ensina que é preciso liberar a imagem de situação de colônia da América Latina, de leitura fácil por causa da preguiça dos seus habitantes, território de *fiestas* e carnaval. Para Santiago, o entre-lugar se constrói e se desconstrói em um espaço que ainda luta para se liberar dos laços do poder conquistador:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (SANTIAGO, 2000, p. 26).

O *entre-lugar* é um fenômeno característico da pós-modernidade e como assinalou Santiago (2000), a América Latina constitui um entre-lugar resultante das diversas misturas entre indivíduos, etnias, culturas, que traz uma ruptura da ideia de pureza. Como preceitua García Canclini, no processo de modernização tardia que viveu América Latina, a hibridação surge a partir de três processos fundamentais: “a quebra e as mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a *desterritorialização* dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros” (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 284).

A desterritorialização para García Canclini (2008) é definida em dois sentidos:

A perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas (GARCÍA CANCLINI,

2008, p. 309)

Assim como o desenraizamento, discutido no capítulo anterior, na desterritorialização há perda do território, segundo García Canclini (2008), também há realocização, ou seja, um enraizamento em outro território; assim, o autor argentino assinala que esses dois fenômenos, descolecionamento e desterritorialização, são os responsáveis pelo surgimento, no caso das artes, dos gêneros impuros, e cita como exemplo a aparição do grafite e os quadrinhos como narrativas híbridas (GARCIA CANCLINI, 2008, p. 336).

Para García Canclini (2008), as culturas são de fronteira e o hibridismo, fundamentado no multiculturalismo, é positivo, e ainda, este fenômeno colabora com o diálogo entre culturas e a tolerância às diferenças culturais:

As hibridizações descritas ao longo deste livro nos levam a concluir que hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 348).

Para enfatizar, Serge Moscovici em seu livro *Representações sociais: Investigações em psicologia social*, adverte sobre o choque com a não-familiaridade: “O não familiar atrai e intriga às pessoas e comunidades, enquanto, ao mesmo tempo, as alarma, as obriga a tornar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos ao consenso” (MOSCOVICI, 2007, p. 56); o autor afirma que o medo do que é estranho é profundamente arraigado, ou seja, o ser humano está sempre procurando o conhecido, o familiar, a continuidade e quando tem algo que ameaça essa estabilidade, o sujeito começa a perder os marcos referenciais e sua reação imediata é a rejeição:

E quando a alteridade é jogada sobre nós, na forma de algo que 'não é exatamente' como deveria ser, nós instintivamente a rejeitamos, porque ela ameaça a ordem estabelecida (MOSCOVICI, 2007, p. 56).

O encontro de Mauricio com o *Outro* (Arturo) foi o que possibilitou a travessia

do estranhamento ao conhecido, incentivou a busca do “estranho” e a vontade de desvendar o mistério sobre este desconhecido, motivou a aprendizagem da língua espanhola e o conhecimento da cultura do *Outro*. Mauricio consegue tirar o capacete identitário e considerar o *Outro*, o diferente, o estereótipo da Venezuela, aquilo que não era familiar, o que incomodava, resultando em respeito, valorização e tolerância às diversidades culturais.

Com isso, a identidade de Mauricio deixou de ser fixa, definida, inflexível para ser flutuante, híbrida e indefinida. Para Bauman (2005), os habitantes do mundo líquido moderno vivem um paradoxo:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, mas ele próprio é um sentimento ambíguo, o indivíduo fica flutuando sem apoio, em um espaço pouco definido, num lugar perturbadoramente “nem-um-nem-outro” (BAUMAN, 2005, p. 35).

Para Mauricio o encontro com o *Outro*, pode ter sido coisa do destino, ou não, a única coisa que tinha certeza era que o encontro com *O Homem de Barlovento* aquela noite em Kamá-Merú, havia marcado sua vida para sempre.

## 4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura da obra *O Homem de Barlovento* (2013), de Bruno Cláudio Garmatz, foi uma experiência enriquecedora na medida em que pude identificar elementos interessantes e pertinentes ao longo da pesquisa que subsidiaram o aporte teórico escolhido para explicar cada tema abordado.

Identifiquei a presença de gêneros textuais como o Diário e a Entrevista. As diversas “entradas” no diário aparecem como fio condutor que permite ao leitor, à maneira de um diário de bordo, acompanhar os deslocamentos do personagem Mauricio.

Com a finalidade de comprovar a presença da autoficção, esta pesquisa me deu a oportunidade também, de ter vivenciado uma entrevista diretamente com o autor da obra e constatar desta maneira, as aproximações entre autor e narrador-personagem.

As paisagens exuberantes e as belezas naturais deste pedaço da Amazônia brasileira, a região da Gran Sabana e as outras cidades da Venezuela, retratadas nos diferentes percursos do personagem Mauricio, convertem a obra em um excelente roteiro de viagem, com dicas e informações turísticas de que um viajante precisa quando se aventura pelos caminhos que o personagem percorreu.

Através das diversas análises de *O Homem de Barlovento*, pude constatar que, para entender a *Alteridade*, é preciso compreender, conhecer e aprender com a diferença, com a finalidade de melhorar a visão do Eu e a do *Outro*, a partir de um exercício diário de respeito e compreensão da diferença do *Outro*.

Tomei como referência os preceitos de Kristeva (1994) para chamar a atenção sobre aquilo que estranhamos, ou que é diferente, ou seja, o nômade, o *Outro*, o que incomoda, começa com a conscientização da nossa diferença e termina quando reconhecemos em nós que somos todos estrangeiros: “o estrangeiro habita em nós”.

Considerando que para Canclini (2008) o hibridismo cultural pode ser interpretado como um processo de adaptação e readaptação às novas culturas, para Homi Bhabha (2010) e Hall (2003) é um processo que resulta de embates e choques

culturais, pode-se identificar o personagem Mauricio como um ser híbrido culturalmente, porque através de seus deslocamentos ele supera os choques culturais, adapta-se às novas culturas, à roraimense e à venezuelana, aprende e reaprende como nômade, descobre o mistério sobre Arturo, e mostra que o estranho, o estrangeiro, aquele que incomodava, marcou sua vida para sempre.

Quero terminar minha dissertação com uma citação que considero muito pertinente para acabar com o mito da pureza, que na contemporaneidade todos somos produtos híbridos, que quando discriminamos o *Outro*, estamos nos discriminando a nós mesmos; nós também somos “um *Outro*”: *Híbridos não são os Outros: híbridos somos todos nós, são todas as culturas e todas as histórias* (COSER 2005, p. 186).

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BERND, Zilá. **Figura na sombra ou Aimé Bonpland habitando a distância e o esquecimento**. Crítica disponível em [http://www.laab.com.br/figura\\_na\\_sombra.html](http://www.laab.com.br/figura_na_sombra.html). Acesso em 16/nov/2014

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução: Ana Rachel Machado, Péricles Cunha. 2.ed., 1 reimpr. São Paulo: Educ, 2009.

CARDOSO, João Batista. **Literatura do cacau: ficção, ideologia e realidade em Adonias Filho, Euclides Neto, James Amado e Jorge Amado**. Ilhéus: Editus, 2006.

CASTELO BRANCO, Dilma. **Regionalismo**. In FIGUEIREDO, Eurídice (Org) **Conceitos de Literatura e Cultura**. Niterói: Eduff, 2005. pp. 415-433.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta de América: A primeira viagem (1492-93)**. Editora L&PM Pocket. Disponível em: [http://www.lpm.com.br/livros/Imagens/diarios\\_da\\_descoberta\\_da\\_america.pdf](http://www.lpm.com.br/livros/Imagens/diarios_da_descoberta_da_america.pdf) Acesso em: 25/jun/2015

COSER, Stelamaris. **Híbrido, Hibridismo e Hibridização**. In FIGUEIREDO, Eurídice (Org) **Conceitos de Literatura e Cultura**. Niterói: Eduff, 2005. pp. 163-188.

COUTINHO, Afrânio dos Santos. **A literatura no Brasil**. 7 ed. Ver e atual. São Paulo: Global, 2004.

CHIAPPINI, Ligia. **Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n.15, 1995, p. 153-159.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI Felix, 1925-1995 **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

**Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2013. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/chave> Acesso em: 02/dez/2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos, - 4. Ed.- Curitiba: Ed. Positivo; 2009.

FIGUEIREDO, Eurídice e NORONHA, Jovita. **Identidade nacional, identidade cultural**. In.: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.) **Conceitos de Literatura e Cultura**. Niterói: Eduff, 2005. pp. 189-205.

\_\_\_\_\_. **Autoficção feminina: A mulher nua diante do Espelho**. Revista Criação e Crítica N. 4, abr/2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46790> Acesso em: 10/dez/2015

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2008.

GARMATZ, Bruno Cláudio. **Conversando com Guillermo**. Curitiba: Artes e Textos, 2007.

\_\_\_\_\_. **Escolhas Erradas**. Curitiba: Artes e Textos, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Monte Roraima: A morada de Makunaima**. Curitiba: Artes e Textos, 2013b.

\_\_\_\_\_. **O Homem de Barlovento**. Curitiba: Artes e Textos, 2013c.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HANCIAU, Nubia Jacques. **Entre-lugar**. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Niterói: Eduff, 2005. pp. 125-141.

JOBIM, José Luís. **Literatura e cultura: do nacional ao transnacional**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LUBRICH, Oliver. **Alexander von Humboldt: Revolucionando a literatura de viagem**, Floema v. 6, n. 6, p. 31-71, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/view/499> Acesso em: 03/mar/2015.

MAGALHAES, Dorval de. **Roraima: Informações Históricas**. 4 ed. Rio de Janeiro, 1996 pp 65-69.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais Investigações em Psicologia Social**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi, 5ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2007.

ORTIZ, Graciela. **O mesmo e o diverso Edouard Glissant – Comentários**. In: Antologia de textos fundadores do comparatismo literário interamericano (UFRGS). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/glissant/comentarios.htm> Acesso em: 15/nov/2014.

PATRINI-CHARLON, Maria de Lourdes. **O Diário e seus Diários: O pesquisador e “Les Demoiselles”**. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278298194\\_ARQUIVO\\_comunicacaooralmariadelourdespatrinicharlon.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278298194_ARQUIVO_comunicacaooralmariadelourdespatrinicharlon.pdf). Acesso em: 10/out/2015.

\_\_\_\_\_. **A tarefa da tradução cultural nos manuscritos de trabalho de campo**. UFRN, 2008. Disponível em: [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2033/maria%20de%20lourdes%20patrini.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2033/maria%20de%20lourdes%20patrini.pdf) Acesso em: 12/out/2015

PORTO, Maria Bernadette e TORRES, Sonia. **Literaturas Migrantes**. In.: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.) **Conceitos de Literatura e Cultura**. Niterói: Eduff, 2005. pp. 225-260.

RENA. **Miranda, Venezuela**. Disponível em: <http://www.rena.edu.ve/venezuela/miracul.html> Acesso em: 08/dez/2015.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2da Ed. Rio de Janeiro, Rocco, 2000 pp 9-26.

\_\_\_\_\_. **Nas malhas da letra. Ensaios**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SILVA, Angela Maria Moreira (coord.); SOUTO, Clivea de Farias et al. **Manual de Normas para Apresentação dos trabalhos Técnico-Científicos da UFRR**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012.

SILVA, Talles de Paula. **O que dizem os escritores sobre a definição do que se tem chamado de autoficção**. Palimpsesto N. 14, Ano 11, 2012/ Dossiê (4) pp.3-5. Disponível em:

<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num14/dossie/palimpsesto14dossie04.pdf>

Acesso em: 10/dez/2015.

SILVA, Tomaz T. (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOSA, Elizabeth. **La otredad: una visión del pensamiento latinoamericano contemporáneo**. In.: **Letras**, v.51.n.80. Caracas dic, 2009.

SOUSA, Leila Lima de. **O processo de hibridização cultural: prós e contras**. Revista Temática, ano IX, n.03 – Março/2012. Disponível em [www.insite.pro.br](http://www.insite.pro.br)  
Acesso em: 28/11/2014.

SVARTMAN, Bernardo. **Trabalho e desenraizamento: um estudo sobre o sofrimento psicossocial gerado pela organização do trabalho fabril**. Psic. Rev. São Paulo, volume 20, n.2, 221-244, 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/10342> Acesso em: 07/fev/2015.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros** – a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. **A conquista da América – a questão do outro**. Tradução Beatriz Perrone Moisés- 4ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **O homem desenraizado**. Tradução de Christina Cabo. - Rio de Janeiro: Record, 1999.

TUAN, Yi-FU, 1930. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Livia de Oliveira.- Londrina: Eduel, 2012

VENEZUELA TUYA. **Guías de viaje de Barlovento**. Disponível em <http://www.venezuelatuya.com/barlovento/> Acesso: em 08/dez/2015

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma discussão teórica conceitual. In: SILVA, T.T (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

## APÊNDICE I

### Entrevista ao escritor BRUNO CLÁUDIO GARMATZ

Conteúdo: É uma entrevista informal com um questionário que tem como único objetivo verificar a presença da autoficção na obra *O Homem de Barlovento* (2013).

Para esse fim, utilizei as mesmas perguntas<sup>11</sup> que a repórter Luisa fez ao Mauricio, o personagem principal da obra, e misturei com outras perguntas para não condicionar as respostas do escritor Garmatz, caso que ele percebesse que eram as mesmas perguntas.

Data da entrevista: 26/02/2016

Horário: 8:30 hs

Transcrição da entrevista: 27/02/2016

Local: No momento da entrevista o escritor se encontrava em Curitiba com motivo do lançamento da segunda edição do livro *Monte Roraima: A morada de Makunaima* (2013) e de seu mais novo livro *Remanescente das sombras* que será lançado ainda este ano. A entrevista foi realizada por meios eletrônicos.

- Bom Dia, Bruno, obrigado por sua participação, segue uma pequena entrevista para complementar o meu projeto de pesquisa relacionada à obra *O Homem de Barlovento* (2013),

Fique à vontade, pode falar.

- Há quanto tempo mora em Boa Vista?

Há 32 anos.

---

<sup>11</sup> Ver GARMATZ, 2013, pp. 11-14

- Como foi que você chegou ao Estado de Roraima?

Ahh [...] Eu morava em Curitiba, vim para Boa Vista a convite de um amigo, vim para conhecer e acabei ficando.

- Tomou água do Rio Branco ?

(rsrsr) sim acho que eu tomei.

- Você é natural do Rio Grande do Sul, certo? Por que decidiu lançar os livros aqui em Boa Vista?

Porque vivo e moro em Boa Vista, é a casa da gente, tem que lançar e divulgar os livros lá, [...] é claro que também divulgo os livros em outros estados.

- Atualmente você alterna sua profissão de jornalista com a de escritor?

Antes trabalhava na prefeitura de Boa Vista, fui demitido, mas agora, só na base dos livros.

- De onde saiu a ideia de escrever *O Homem de Barlovento*, em que você se inspirou?

Ahhh... Me inspirei sobre um livro que se chamava “Mi querida Venezuela”, um amigo me emprestou e achei interessante a região de Barlovento, o cultivo do cacau [...]

- O livro conta alguma experiência pessoal sua?

Não é uma experiência pessoal... têm alguns passagens do livro [...] alguns lugares que conheço como La Gran Sabana, Puerto La Cruz, Mérida [...].

- Você se adiantou à pergunta que logo ia fazer ...

- Você conhece todos os lugares da Venezuela que descreve na história?

Não todos, não conheço Los Roques, Chuao [...] pesquisei sobre esses lugares e escrevi sobre esses lugares.

- Quando viajou para Venezuela, você já sabia a língua espanhola ou fez algum tipo de curso de espanhol antes de viajar?

Não sabia praticamente nada e fui me defendendo, até me defender razoavelmente, fui lendo coisas [...] sempre que a gente vai lá em Santa Elena [...].

- A história é verídica? Aconteceu com alguém que você conheceu? ou é só ficção?

É só ficção [...] os personagens e a história.

- O livro foi impresso em uma gráfica e editora de Curitiba, como e onde você faz a divulgação dos livros?

Procurei o serviço dela porque já tinha imprimido o primeiro livro [...] mas é mais em Boa Vista que divulgo [...] divulgo pouco em Curitiba, não tem esquema através de Editora, me considero escritor independente.

- Quais são seus novos projetos?

Estou deixando na Editora um novo romance, a segunda edição do *Monte Roraima* [...] está para revisão [...] a segunda edição de *Conversando com Guillermo*

- Como chama o novo romance?

Chama *Remanescente das sombras*, talvez até a metade de junho seja lançado.

- Qual você acha que é a maior dificuldade dos escritores contemporâneos no Estado de Roraima para divulgar seu trabalho?

Conseguir patrocínio, a maioria dos escritores não tem recursos para concretizar projetos [...] e também a gente fica muito distante de grandes centros, [...] como é

que eu estou enfrentando aqui, a gente é um escritor desconhecido ante o público e eles ficam com medo de comprar [...]

- Boa Vista é um mercado pequeno certo?

O ideal seria divulgar aqui no sul, as grandes livrarias cobram 50% para divulgar o trabalho, acaba não tendo rendimento nenhum [...].

Agradeço a sua gentileza por ter atendido esta entrevista, desejo muito sucesso na sua vida profissional e que continue contribuindo grandemente com a literatura em Roraima.

Obrigada.